UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

ALESSANDRO LOMBARDI CRISOSTOMO

A constelação conceitual subjacente à crise da
educação em Theodor W. Adorno

São Paulo
2015

ALESSANDRO LOMBARDI CRISOSTOMO

A constelação conceitual subjacente à crise da
educação em Theodor W. Adorno

Versão corrigida

Dissertação apresentada à
Faculdade de Educação da
Universidade de São Paulo
para obtenção do título de
Mestre em Educação

Área de Concentração:
Filosofia e Educação

Orientadora: Profa. Dra.
Maria de Fátima Simões Francisco

São Paulo
2015

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na sua forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida **exclusivamente** para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da tese/dissertação.

Nome: CRISOSTOMO, Alessandro Lombardi

Título: A constelação conceitual subjacente à crise da educação em Theodor W. Adorno

Dissertação apresentada à
Faculdade de Educação da Universidade de São
Paulo para obtenção do título de Mestre em
Educação.

Aprovado em:

Banca examinadora

Prof. Dr. _____ Instituição _____

Julgamento _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição _____

Julgamento _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição _____

Julgamento _____ Assinatura: _____

*À minha esposa Leila e meus filhos,
Ali e Lara, com amor e gratidão,
por serem minha fonte de
vida e esperança.*

AGRADECIMENTOS

À minha amada esposa Leila, pela compreensão e companheirismo, trilhando lado a lado cada momento desse caminho cheio de incertezas.

Ao meu filho Ali, por preencher meu coração de alegria desde o primeiro momento de vida. À minha filha Lara que está a caminho, por já ser capaz de colocar brilho em meus olhos com a simples promessa de existência.

Aos meus pais, José e Antônia, por sonharem meus sonhos, e acreditarem neles mais do que eu mesmo.

Ao meu irmão Luciano, por me inspirar com seu exemplo de dedicação e competência em tudo o que se propõe a fazer.

Aos meus sogros, Ali e Fahime, por me acolherem como filho, torcendo a cada conquista alcançada.

À Vera Lúcia Figueiredo Barbosa, “Verinha”, pela amizade gratuita e pela disponibilidade carinhosa como revisora.

Ao colega filósofo e amigo José Renato Paggioro, pela revisão de conteúdo apurada, pelas dicas sempre pertinentes de leitura, e pela amizade sincera capaz de superar a distância e o tempo.

À Selma Amaral, pela revisão primorosa no processo de finalização do trabalho.

Às centenas de alunos e alunas que tive a oportunidade de conhecer atuando como professor, pelos desafios e alegrias que lapidaram meu caráter por meio da experiência diária.

Aos colegas professores, coordenadores, diretores e funcionários dos colégios em que trabalhei, em especial aos atuais: E. E Amância Dias Sampaio e Colégio João XXIII.

À minha orientadora, Prof. Dra. Maria de Fátima Simões Francisco, pela oportunidade de reingressar no meio acadêmico, e pela exigência precisa e

cuidadosa na elaboração do trabalho, motivando o rompimento de barreiras e limitações pessoais.

Aos professores Wanderley José Deina e Roger Fernandes Campato, pela participação na banca examinadora, e pelas intervenções que me fizeram ampliar a perspectiva a respeito do tema. Ao professor Homero Silveira Santiago, pela participação no exame de qualificação.

Aos professores da FFLCH, Franklin Leopoldo e Silva e Olgária Mattos, pelos primeiros contatos com o tema ainda na fase da graduação.

Aos professores da FEUSP, Elisete M. Tomazetti, Helena C. Chamlian e Mônica G. T. do Amaral pela experiência formativa durante as disciplinas cursadas na pós-graduação.

À Faculdade de Educação pela oportunidade de realização do curso e ao atendimento sempre atencioso prestado pelos funcionários da secretaria.

Ao Programa Bolsa Mestrado e Doutorado da Secretaria de Estado da Educação de São Paulo, pela concessão da bolsa e apoio financeiro para a realização da pesquisa.

RESUMO

CRISOSTOMO, A. L. **A constelação conceitual subjacente à crise da educação em Theodor W. Adorno.** 2015. 137 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

O presente trabalho, de cunho teórico-bibliográfico, tem por objetivo analisar a crise da educação, inserida em uma crise mais ampla da formação no contexto do capitalismo tardio. Analisa os impedimentos e possibilidades da experiência formativa crítica, trazida por Adorno, a partir do estudo sobre como se deu a defasagem cultural no decorrer do desenvolvimento histórico da sociedade burguesa. No capitalismo tardio, o domínio ideológico, já identificado no princípio da sociedade burguesa por Marx e Engels, seria aprofundado, com a utilização dos mecanismos de manipulação das massas. Nesse contexto, a indústria cultural passaria a ocupar posição privilegiada no processo formativo. Pretende-se discutir a condição de alienação presente no contexto da sociedade burguesa, enquanto manifestação subjetiva de um processo mais amplo, envolvendo a integração ideológica dos indivíduos em meio a padrões dominantes. Será estudada a hipervalorização da razão instrumental, enquanto traço marcante no desenvolvimento da sociedade moderna, considerando a abordagem adorniana em relação ao encaminhamento ético da educação, a qual redireciona tais objetivos no sentido de identificar e superar os embriões de barbárie, ainda presentes na contemporaneidade. A concepção de “elaboração do passado”, trazida nas intervenções públicas do autor sobre educação em termos sociológicos, será analisada como elemento importante à formação crítica, assim como a necessidade de ruptura crítica em relação aos padrões homogêneos, por meio da dimensão estética, sinalizada no autor pela adoção do estilo ensaístico como meio de abertura reflexiva do pensamento filosófico. Esta pesquisa, por conseguinte, orientou-se pela hipótese de que a crise da educação está inserida em crise mais ampla, referente aos diversos aspectos que compõem o processo formativo na contemporaneidade, conforme Adorno preconiza no ensaio *Teoria da Semicultura*. Após o estudo e reflexão das teorias apresentadas, conclui-se que a formação crítica pressupõe a compreensão ampla sobre os diversos elementos da estrutura social, assim como das condições variáveis construídas no decorrer do processo histórico. Desse modo, a ruptura reflexiva em relação aos sistemas pedagógicos rígidos serviria como importante instrumento formativo no processo educativo, favorecendo o desenvolvimento de características essenciais à formação ampla e efetiva dos indivíduos.

Palavras-chave: Semiformação. Formação cultural. Educação. Indústria cultural. Elaboração. Teoria Crítica.

ABSTRACT

CRISOSTOMO, A. L. **The conceptual constellation underlying the education crisis in Theodor W. Adorno.** 2015. 137 f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

The aim of this theoretical and bibliographic work is to analyze the education crisis, which is inserted in a broader training crisis, in the context of late capitalism. Impediments and possibilities of critical formative experience brought by Adorno were analyzed, from the study on how the cultural lag occurred during the historical development of bourgeois society. The ideological domination in late capitalism, identified at the beginning of bourgeois society by Marx and Engels, would be studied in more depth from the use of mass manipulation mechanisms. In this scenario, the cultural industry would occupy a privileged position in the formative process. It intends to discuss this alienation condition, in the context of bourgeois society, in the framework of subjective manifestation of a wider process involving the ideological integration of individuals, amidst the dominant patterns. The overvaluation of instrumental reason, as a striking feature in the modern society development, will be studied, considering the Adornian approach in relation to the ethical routing of education, which redirects these goals in order to identify and overcome the barbarism seeds still present in the contemporary world. The conception of "past elaboration", brought in public interventions of this author on education, in sociological terms, will be analyzed as an important element for the critical formation, as well as the need of a critical rupture regarding the homogeneous patterns, through the aesthetic dimension, signaled on the author by the adoption of the essayistic style as a means of a reflective opening of philosophical thought. Therefore, this research was guided by the hypothesis that the education crisis is inserted in a broader crisis, concerning the various aspects that are part of the training process nowadays, as Adorno recommends on the Semi-culture Theory essay. After studying and reflecting on the presented theories, it was concluded that the critical formation presupposes an extensive comprehension regarding the various elements of the social structure, as well as the varying conditions built during the historical process. Thus, the reflective rupture regarding the rigid pedagogical systems acts as an important training tool in the educational process, favoring the development of essential characteristics to a broad and effective formation of individuals.

Keywords: Semi-formation. Cultural formation. Education. Cultural industry. Elaboration. Critical Theory.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO		10
PARTE 1	A crise da educação e o contexto da semiformação na sociedade	16
CAPÍTULO 1	O histórico de defasagem cultural	17
CAPÍTULO 2	O domínio ideológico no capitalismo tardio.....	28
CAPÍTULO 3	Indústria cultural e semiformação	36
CAPÍTULO 4	Alienação e adaptação social	50
CAPÍTULO 5	O predomínio da razão instrumental	61
PARTE 2	Possibilidades e impedimentos para a formação crítica implicados à crise da educação	68
CAPÍTULO 6	As antíteses como fundamento da formação	69
CAPÍTULO 7	A reflexão crítica na reformulação do imperativo ético da educação	79
CAPÍTULO 8	A elaboração crítica do passado no processo formativo	93
CAPÍTULO 9	A dimensão estética implicada na formação crítica	109
9.1	A defasagem estética na cultura burguesa	109
9.2	O ensaio como forma de ruptura crítica	118
CONSIDERAÇÕES FINAIS		125
REFERÊNCIAS		130

INTRODUÇÃO

O presente estudo, de revisão bibliográfica, realizou-se a partir do interesse do autor em compreender com maior amplitude as dificuldades enfrentadas na prática docente, buscando inferir possibilidades reflexivas e criativas para os desafios do cotidiano. A experiência pedagógica produz impressões antagônicas em relação às chances efetivas de contribuição no processo de formação dos jovens. Tratando-se de um “trabalho à longo prazo”, dificilmente é possível observar claramente as consequências do que é desenvolvido diariamente nas salas de aula. No decorrer de dez anos, atuando como professor de Filosofia e Sociologia no ensino médio, tanto na rede particular como na rede pública de ensino do Estado de São Paulo, foram somadas inúmeras experiências junto às novas gerações de estudantes, as quais trouxeram, ao mesmo tempo, encontros promissores e conflitos aparentemente insuperáveis.

Embora o tema “crise da educação” seja recorrente no meio pedagógico, as discussões costumam girar em torno de reformas e estratégias restritas ao âmbito da própria educação. É possível observar que as dificuldades enfrentadas na microesfera das salas de aula não são superadas somente pela aplicação de estratégias didáticas e metodológicas bem elaboradas. Tais desafios exigem a compreensão sobre as condições concretas, a reflexão ampla sobre o contexto social, o que pressupõe, por sua vez, o entendimento sobre o processo histórico e a configuração da sociedade em seus diversos aspectos.

Adorno abordou, primeiramente, a questão da crise da educação de maneira indireta, no ensaio *Teoria da semicultura*, escrito em 1959¹. Enquanto filósofo e sociólogo, tratou do tema inserindo-o na discussão sobre uma crise mais ampla da cultura, identificada em todas as dimensões da sociedade, o que afetaria diretamente o processo formativo dos indivíduos. O autor, nessa obra, reportou-se ao conceito alemão de formação cultural (*Bildung*) para balizar as condições formativas da sociedade contemporânea. O termo, cunhado na Alemanha do século XVII, indica o processo formativo abrangente e esclarecido, sob o qual seria possível

¹ Conferir ADORNO (1996).

desenvolver os atributos do indivíduo autônomo, capaz de escolher e agir de forma livre e consciente em meio à coletividade.

Na contemporaneidade, um dos principais objetivos da educação ainda seria desenvolver os atributos do indivíduo autônomo, capaz de se autodeterminar na sociedade. Entretanto, na prática, tais objetivos enfrentam impedimentos que extrapolam o ambiente restrito das salas de aulas e das escolas. As esferas “extrapedagógicas”, representadas pelos veículos de comunicação em massa como a televisão e atualmente pelas novas tecnologias como a internet e as redes sociais, dividem espaço no processo formativo dos indivíduos, chegando até mesmo a superar a influência da educação formal em algumas circunstâncias. A experiência formativa seria composta de diversos fatores, não restritos ao âmbito da educação. Assim, pensar a educação, sob o ponto de vista de Adorno, nos possibilita entender não somente os aspectos que dificultam o fazer pedagógico em sala de aula, como também o modo como a sociedade tem-se formado.

Adorno identifica a crise da educação relacionada ao processo de adaptação extrema, em que os indivíduos submetem progressivamente suas particularidades, aderindo a padrões de pensamento e de comportamentos massificados. No século XX, a sociedade do “capitalismo tardio”, por meio da industrialização da cultura e massificação dos bens culturais, teria aprofundado as condições de adaptação. Tal contexto, atrelado ao predomínio da razão instrumental sobre os demais aspectos de manifestação humana, desenvolveria, nos indivíduos, a semiformação (*Halbbildung*), afastando-se essencialmente da formação cultural (*Bildung*) enquanto projeto emancipatório, destinado a desenvolver as qualidades do indivíduo autônomo.

O autor, posteriormente, abordou de maneira específica as questões educacionais, discutindo-as por meio de transmissões radiofônicas durante o período entre 1959 e 1969. Tratou-se de intervenções públicas, em que o autor participou de conferências e debates sobre temas emergentes na ocasião, versando principalmente sobre os objetivos da educação e suas implicações filosóficas e sociológicas. Em alguns destes debates – organizados postumamente por Gerd Kadelbach e publicadas pela primeira vez em 1970 com o título *Educação e emancipação* (ADORNO, 2003a) – Adorno discute com especialistas da área, como Helmutt Becker, contrapondo questões pontuais de cunho prático a conceitos e

teorias mais abrangentes, com referência à tradição filosófica. Sendo assim, os temas discutidos, nessas intervenções, reportam-se às teses já desenvolvidas pelo autor de modo aprofundado em outras obras, trazendo, implícitos, os referenciais teóricos que lhe são familiares. Tal condição pressupõe que, na leitura, existirá a necessidade de articulação entre temas específicos da área de educação, com problemas de maior abrangência, pertencentes ao contexto mais amplo da cultura.

Seguindo o estudo teórico-biográfico de Jay (1988, p.56), podemos acrescentar nessas linhas introdutórias que Adorno, ou Theodor Wiesengrund Adorno, nascido em 1903, na cidade de Frankfurt, Alemanha, foi um dos grandes expoentes da chamada Escola de Frankfurt, a qual teria contribuído para o renascimento intelectual da Alemanha após a Segunda Guerra Mundial. Estudou filosofia, sociologia, psicologia e música na Universidade de Frankfurt e, aos 22 anos, foi para Viena, Áustria, onde aprimorou a arte da composição com Alban Berg. De volta à Alemanha, trabalhou no Instituto de Pesquisas Sociais de Frankfurt, então dirigido por Max Horkheimer. Em 1934, foi obrigado a imigrar para a Inglaterra para fugir da perseguição nazista aos judeus e durante três anos ensinou filosofia em Oxford. Adorno fazia parte do grupo de filósofos alemães perseguidos pelos nazistas durante o período da Segunda Guerra, em parte devido à ascendência judia, em parte pela tendência ao livre pensamento voltado para a análise política e social. Além disso, havia ainda a questão da proximidade com o marxismo em ascensão nesse período. Mudou-se para os Estados Unidos e, entre 1938 e 1941, ocupou o cargo de diretor musical do setor de pesquisa da Rádio Princeton e, em seguida, o de vice-diretor do Projeto de Pesquisas sobre Discriminação Social da Universidade da Califórnia, em Berkeley. No período entre 1941 e 1947, ainda nos Estados Unidos, Adorno desenvolveu em parceria com Max Horkheimer uma de suas obras mais importantes, a *Dialética do esclarecimento* (ADORNO; HORKHEIMER, 1985) publicado em 1947, assim como inúmeros ensaios sobre diversos temas. Em 1949, retornou ao seu país natal, onde reassumiu seu posto no Instituto de Pesquisas Sociais de Frankfurt até 1969, ano em que faleceu. Deste período datam também algumas obras importantes do autor, como *Filosofia da nova música* publicada em

1949, *Mínima Moralía*² em 1951, e *Dialética negativa* publicada em 1966, considerada por muitos como sua obra mais abrangente.

Com base nessa apresentação, delineamos como objetivo geral, neste estudo, expor a análise adorniana sobre a crise da educação, a qual implica na consideração de crise mais ampla da cultura. Para tanto, será necessário expor na obra do autor, a articulação de conceitos subjacentes à questão da crise na educação, desmembrando as principais dimensões em que a crise ampla da cultura se faz perceptível. Assim, dividimos este trabalho em duas partes.

Na parte 1 intitulada *A crise da educação e o contexto da semiformação na sociedade burguesa*, discutiremos os fundamentos da análise adorniana sobre a crise na educação, traçando, em linhas gerais, o quadro conceitual referente ao contexto formativo configurado no decorrer do desenvolvimento da sociedade burguesa. Para tanto, nos utilizaremos de cinco capítulos.

No capítulo 1, *O processo histórico de defasagem cultural*, apresentaremos o desenvolvimento histórico relacionado à defasagem cultural que se manifesta de modo sutil na sociedade contemporânea do capitalismo tardio.

No capítulo 2, intitulado *O domínio ideológico no capitalismo tardio*, discutiremos a relação entre o domínio ideológico e o processo de integração social, analisando a preservação dos antagonismos sociais e da luta de classes na sociedade contemporânea. Partiremos da configuração do termo ideologia, desenvolvida pela tradição marxiana, considerando a retomada do conceito por Adorno em relação ao capitalismo tardio. Observaremos que a formação, na sociedade do capitalismo tardio, preserva em si ideais que celebram os valores da formação cultural enquanto projeto de emancipação dos indivíduos, contudo, tais ideais seriam mantidos de forma ideológica, destituídos do potencial transformador.

No capítulo 3, *Indústria cultural e semiformação*, refletiremos sobre a intensificação do domínio ideológico por meio da manipulação da esfera inconsciente, observando a proximidade da indústria cultural com a propaganda, no

² É interessante notar que as *Mínima moralía*, apesar de terem sido publicadas em 1951, foram redigidas anteriormente, ainda no período em que o autor vivia nos Estados Unidos. Teria sido elaborada no período entre 1944 e 1947, durante os intervalos de escrita da *Dialética do esclarecimento*, em parceria com Horkheimer.

que se refere aos mecanismos de manipulação dos desejos das massas e o modo pelo qual tal influência afetaria o processo formativo dos indivíduos.

No capítulo 4, *Alienação e adaptação social*, abordaremos o modo como o processo de alienação é intensificado no contexto do capitalismo tardio, assumindo outras dimensões não especificadas anteriormente pela definição marxiana do termo.

No capítulo 5, *O predomínio da razão instrumental*, discutiremos o predomínio da razão instrumental enquanto característica importante no desenvolvimento da sociedade burguesa. Será abordado o estreitamento do amplo espectro de possibilidades de manifestação humana reduzido à lógica de mercado, analisando seus efeitos no âmbito da educação e do processo formativo.

Na Parte 2 desta dissertação, intitulada *Possibilidades e impedimentos para a formação crítica implicados à crise da educação*, analisaremos a reelaboração crítica do autor sobre o conceito de formação cultural (*Bildung*) em contraposição aos padrões culturais voltados para a adaptação, os quais afetam diretamente a experiência formativa. Serão discutidas as possibilidades e impedimentos de se encaminhar a educação para a autonomia e emancipação dos indivíduos na contemporaneidade. Com tal objetivo, dividiu-se essa parte em quatro capítulos:

No capítulo 6, *As antíteses como fundamento da formação*, apresentaremos a estrutura teórica adotada pelo pensamento adorniano na interpretação do processo formativo.

No capítulo 7, *A reflexão crítica na reformulação do imperativo ético da educação*, analisaremos a abordagem de Adorno sobre o encaminhamento ético da educação.

No capítulo 8, *A elaboração crítica do passado no processo formativo*, estudaremos a concepção de Adorno sobre o conceito de “elaboração do passado” no contexto da educação, entendendo-o como elemento essencial para a formação crítica.

O capítulo 9, *A dimensão estética implicada na formação crítica*, será dividido em duas seções. No subcapítulo 9.1, intitulado *A defasagem estética na cultura burguesa*, analisaremos as manifestações estéticas como um dos fatores relevantes

na compreensão do processo de defasagem cultural na sociedade burguesa. No subcapítulo seguinte 9.2, *O ensaio como forma de ruptura crítica*, destacaremos o modelo ensaístico adotado por Adorno como meio de ruptura estética, o qual exemplificaria a resistência crítica em relação aos padrões dominantes da sociedade contemporânea.

PARTE 1

A CRISE DA EDUCAÇÃO E O CONTEXTO DA SEMIFORMAÇÃO NA SOCIEDADE BURGUESA

Nesta parte do trabalho, serão abordados os principais conceitos relacionados à crise da educação, subjacente ao contexto da semiformação (*Halbbildung*) na sociedade contemporânea. Considerando que a esfera da educação está inserida no contexto cultural mais amplo, dividindo espaço com outras esferas culturais no processo formativo, é importante estabelecer as relações conceituais entre os diversos aspectos da cultura que influenciam na formação do indivíduo, contribuindo, na contemporaneidade, para as condições definidas por Adorno como semiformativas.

CAPÍTULO 1 – O histórico de defasagem cultural

Neste capítulo, apresentaremos, em termos gerais, o desfavorecimento cultural implicado no desenvolvimento histórico da sociedade burguesa a partir do século XVII. Sob a perspectiva da teoria adorniana, tal observação será importante na compreensão dos antagonismos no contexto contemporâneo, servindo para esclarecer o modo sutil de deficiência formativa estabelecida no “capitalismo tardio”.

Inicialmente, é interessante salientar que o conceito de formação cultural (*Bildung*) foi desenvolvido na tradição filosófica alemã a partir do século XVII para caracterizar o espírito da modernidade, afirmando os valores da autonomia e liberdade. Como afirma Severino (2006, p.621) é o equivalente moderno da paideia grega; a formação do ser humano integral, para além da mera instrução técnica. De acordo com Bandeira e Oliveira (2012, p.226), a palavra alemã *Bildung* significa, de modo genérico, “cultura”, podendo ser entendida, nesse sentido, como análoga à *Kultur*, palavra alemã de origem latina. Entretanto, *Kultur* tende a se aproximar das relações humanas objetivas, enquanto *Bildung* reporta-se mais às transformações na esfera subjetiva, referindo-se a um processo de formação individual, estabelecendo-se, enquanto expressão linguística, no século XVII e, embora fosse associada à *Erziehung* (educação), não possuía conteúdo idêntico.

Elias (1990, p. 43-44) descreve, em seus estudos, a ambiguidade da cultura alemã, presente no próprio campo semântico. O conceito alemão de *Kultur* no século XVIII aludiria aos fatos intelectuais, artísticos e religiosos, demarcando a tendência de se estabelecer uma linha divisória nítida entre fatos desse tipo por um lado, e, por outro, os fatos políticos, econômicos e sociais, contidos na noção francesa de *Civilization*. Na Inglaterra e na França do mesmo período, não havia distinção tão nítida entre a cultura intelectual, abstrata, e a cultura prática, concreta. Isto poderia ser notado na própria relação da classe burguesa com o cenário político e econômico da época, uma vez que os burgueses penetravam nos ambientes da nobreza e discutiam as questões do poder que seria, gradativamente, assumido integralmente nos séculos seguintes.

Ainda, segundo Elias (1990), afirma-se que a burguesia alemã traçou um destino peculiar em relação a outros países da Europa, como a Inglaterra e a França, sustentando por longo tempo a impotência política frente à nobreza. A erudição era exercida por intelectuais como Goethe, Hördelin e Kant, frequentadores dos meios burgueses ascendentes, mas que, ao mesmo tempo, eram provenientes de famílias de classe média³. Estes, combinariam a auto-imagem manifestamente burguesa, com ideias da classe média e conceitos que se opunham aos costumes cortesãos, importados da França, pretendendo, assim, criar um modelo de cultura tipicamente alemão, diferenciado em relação às outras culturas europeias. Tal cultura erudita, desvinculada das discussões práticas sobre política e economia, e sendo por essa razão chamada de *rein rein Geistige* (o puramente espiritual), residia em áreas do conhecimento como a religião, a arte e a filosofia, pretendendo o enriquecimento interno e a formação intelectual do indivíduo, principalmente por meio de livros e pelo cultivo da personalidade⁴. A separação das questões espirituais em relação à esfera concreta seria brilhantemente representada pelo idealismo alemão, enquanto importante corrente filosófica difundida no século XVIII por filósofos como Schelling, Fichte e Hegel. Posteriormente, no século XIX, o idealismo foi duramente combatido pelo pensamento materialista, em que se destacou o materialismo dialético de Marx.

³ Sobre o contexto formativo da Alemanha no século XVIII e a constituição da classe média erudita, é interessante considerar o estudo de Fritz K. Ringer *O declínio dos mandarins alemães* (2000, p.30). O autor afirma que nesse período, a ascensão social para aqueles que não fossem nobres começava pela aquisição de instrução, como pré-requisito para o ingresso nos órgãos burocráticos do Estado, no clero, no professorado, ou nos setores da medicina ou do direito, inicialmente no nível subordinado. Uma vez instalado em alguma profissão, o indivíduo encorajava seus filhos a seguirem o mesmo caminho, procurando a ascensão por meio da cultura intelectual. Nota-se que as universidades e escolas eram instituições públicas, as Igrejas eram parcialmente supervisionadas pelo Estado e mesmo os advogados precisavam comumente de conexões oficiais. Desenvolveu-se, desse modo, um tipo de classe média não-econômica, centrada, de um lado, nas universidades e, de outro, no serviço público.

⁴ Sobre esse ponto, consideramos ainda o estudo de Ringer, em que se afirma: “entre os reformadores educacionais alemães do século XVIII, era bastante corrente a ideia de que a educação deve promover o crescimento autônomo e integral de uma personalidade única. Jean-Jacques Rousseau e Heinrich Pestalozzi, Bernhard Basedow e o movimento ‘filantrópico’ apenas ressaltaram um tema que nunca esteve totalmente ausente da literatura pedagógica da época. Por intermédio do neo-humanismo alemão, esse tema foi adaptado ao campo do ensino superior. Na Universidade de Göttingen, fundada em 1734, teve início, por volta de meados do século, o ressurgimento neo-humanista. Foi em parte uma reação contra o desprezo dos racionalistas pela filologia e pelos estudos clássicos. [...] Os estudos de grego eram relativamente mais populares entre eles do que a história romana ou a filologia latina. Esperavam que uma simpatia pela harmonia estética da personalidade e da arte gregas revitalizasse o ensino alemão. A causa foi ajudada tanto pela obra de Joachim Winckelmann sobre a arte grega quanto pelo pedido de Gottfried von Herder para que a tradição francesa e a romana fosse contraposta uma compreensão integral do espírito grego (RINGER, 2000, p.33).

Segundo Severino (2006, 631), o conceito adorniano de formação cultural, muito embora tenha sido forjado a partir de sua vivência no contexto da cultura alemã, ganharia um alcance mais amplo. Para Adorno, a *Bildung*, enquanto lado subjetivo da *Kultur*, apenas se tornaria legítima conforme desenvolvesse o juízo existencial crítico e autocrítico, tendo como base as condições concretas. As influências sociológicas do autor tornariam o contexto formativo uma fecunda categoria de análise da vida social contemporânea. Tal análise traria em si o caráter emancipatório, rompendo com a semiformação (*Halbbildung*), definida pela produção simbólica em que prevalece a adaptação e o conformismo, próprios da cultura de massa.

Na *Teoria da semicultura*, o autor aborda as limitações no exercício da autonomia, no que diz respeito aos requisitos para a crítica e a diferenciação. Essas características seriam marcantes no contexto formativo contemporâneo, definido pelo autor como semiformação (*Halbbildung*)⁵. O processo histórico de defasagem cultural é assumido na obra, enquanto dimensão importante na compreensão da crise contemporânea na educação. Tal crise não deveria ser tratada como objeto específico do meio pedagógico, uma vez que se vê implicada em processo mais amplo, referente à perda de pressupostos essenciais da formação cultural (*Bildung*), observada no decorrer do desenvolvimento da sociedade burguesa.

Inicialmente, tal perda foi destinada ao proletariado. No princípio do capitalismo, os trabalhadores, destinados a operar tarefas mecânicas, receberam a formação básica para o exercício de funções práticas. Os pressupostos formativos que alavancaram a ascensão da classe burguesa foram, desde os primórdios do

⁵ Podemos encontrar o termo alemão *Halbbildung* traduzido tanto como “semicultura” como por “semiformação”. Na tradução de *Teoria da semicultura* (1996), de Newton Ramos-de-Oliveira com colaboração de Bruno Pucci e Cláudia de Moura Abreu, o termo é utilizado nas duas formas, contudo, indicando aplicações diferentes do autor no decorrer do ensaio original. Observamos que a escolha da tradução por “semicultura” refere-se à aplicação do termo ao contexto social amplo, no qual observa-se a supressão de qualidades formativas fundamentais na coletividade. O uso da tradução por “semiformação”, por outro lado, indica a referência do autor à esfera subjetiva do processo formativo, observado no indivíduo. É possível perceber tal diferenciação na seguinte passagem: “Para esta teoria, a ideia de cultura não pode ser sagrada — o que a reforçaria como semiformação —, pois a formação nada mais é que a cultura tomada pelo lado de sua apropriação subjetiva. Porém a cultura tem um duplo caráter: remete à sociedade e intermedia esta e a semiformação” (ADORNO, 1996, p.389). Durante o trabalho, acompanharemos tal distinção, utilizando “semicultura” para indicar o contexto amplo da cultura em termos objetivos, enquanto a “semiformação” servirá para indicarmos o processo formativo em sua particularidade, enquanto experiência do indivíduo. Sobre a questão, ver também nota dos tradutores (ADORNO, 1996, p. 410).

capitalismo, inviabilizados para a grande massa trabalhadora, dificultando, assim, a possibilidade de revoluções sociais efetivas, destinadas à transformação da ordem econômica estabelecida a partir da prevalência do sistema capitalista. Como é possível acompanhar na seguinte passagem da *Teoria da semicultura*:

Quando a burguesia tomou politicamente o poder na Inglaterra do século XVII e na França do XVIII, estava, do ponto de vista econômico mais desenvolvida que o sistema feudal. E também mais consciente. As qualidades que posteriormente receberam o nome de formação cultural tornaram a classe ascendente capaz de desempenhar suas tarefas econômicas e administrativas. [...] Sem a formação cultural, dificilmente o burguês teria se desenvolvido como empresário, como gerente ou como funcionário. Assim que a sociedade burguesa se consolida, as coisas já se transformam em termos de classes sociais. Quando as teorias socialistas se preocuparam em despertar nos proletários a consciência de si mesmos, o proletariado não se encontrava, de maneira alguma, mais avançado subjetivamente que a burguesia. Não foi por acaso que os socialistas alcançaram sua posição-chave na história baseando-se na posição econômica objetiva, e não no contexto espiritual. Os dominantes monopolizaram a formação cultural numa sociedade formalmente vazia. A desumanização implantada pelo processo capitalista de produção negou aos trabalhadores todos os pressupostos para a formação e, acima de tudo, o ócio. (ADORNO, 1996, p.392-393).

Para Duarte (2003, p.445), a análise de Adorno retoma conceitos da tradição marxiana⁶, sendo capaz de expor novamente, em outros termos, o caráter consciente e elaborado do processo de domínio, estabelecido a partir do processo histórico da divisão do conhecimento. Mais do que a simples ingenuidade, decorrente da ordem aleatória dos fatos, a defasagem cultural seria o corolário de uma exploração consciente do estado de ignorância, de vacuidade do espírito. O indivíduo na sociedade burguesa continuaria reduzido a mero meio; longe de ser uma espécie de acomodação espontânea da dinâmica social, a divisão de classes teria contado com o planejamento, com a visão aguçada sobre as chances oferecidas pelo momento histórico. O sucesso financeiro estaria vinculado à facilidade de se impor condições abusivas sobre os modos de produção.

Ainda, segundo Duarte (2003), o autor compararia as revoluções francesa e inglesa com a revolução proletária pretendida pelos partidos marxistas, percebendo diferenças qualitativas fundamentais. Os primeiros burgueses revolucionários seriam

⁶ Alertamos que, no decorrer do trabalho, retornaremos diversas vezes às obras de Marx e Engels, assim como a alguns autores dessa linha filosófica, julgando que são referências essenciais à compreensão do pensamento de Adorno.

mais cultos, estando mais bem preparados em relação à classe dominante de sua época, representada pela aristocracia. No capitalismo tardio, ocorreu justamente o contrário. A classe trabalhadora, oprimida pelas condições sociais, foi gradativamente danificada em relação ao conteúdo cultural e a capacidade crítica do pensamento, não dispondo dos pressupostos formativos para a consciência e a ação política. As horas excessivas de trabalho, que depois foram substituídas pelo domínio ideológico⁷ empreendido pela indústria cultural, aparentemente teriam subjugado pela raiz o potencial revolucionário dos proletários.

Considerando o processo de configuração da sociedade burguesa, Adorno observa que o ideal da formação cultural desenvolvido pela tradição intelectual do século XVIII repercutiu de modo inesperado nos períodos seguintes. O modelo liberal, configurado a partir das concepções iluministas, pautado pelos ideais de autonomia, do livre pensamento e da garantia de manifestação independente, pressupunha a condição de igualdade entre os indivíduos, uma situação que, historicamente, nunca foi de fato estabelecida. O ideal liberal da justiça pela “livre concorrência” chocou-se com as condições materiais antagônicas, em que tal liberdade foi constituída em condições de desigualdade social, durante o processo de configuração do capitalismo. Em face das condições materiais adequadas, vividas pela classe dominante, os proletários enfrentaram revezes, desde as condições nutricionais deficientes, até a inviabilidade de requisitos mínimos para o processo formativo, como o próprio ócio.

Dessa maneira, a transição para a sociedade burguesa, com a divisão do trabalho no processo produtivo, também determinou as distinções em relação à formação dos indivíduos, concretizando condições formativas distintas entre as classes sociais. A formação cultural foi, no princípio do capitalismo, o signo de distinção social da jovem burguesia. Teria sido o elemento crucial de ascensão, na medida em que forneceu os pré-requisitos para a execução de tarefas intelectuais exigidas nos postos de comando. O gerenciamento administrativo exigia conhecimentos e habilidades específicos, somente conquistados por meio do processo formal de aprendizagem. A consolidação do capitalismo foi acompanhada

⁷ Trataremos detidamente sobre a questão do domínio ideológico no Capítulo 2 *O domínio ideológico no capitalismo tardio* (p. 28-35) deste trabalho.

pela divisão de classes, assim como pela distinção dos meios formativos destinados a cada grupo. Assim como já se afirmava na *Dialética do esclarecimento*:

A humanidade, cujas habilidades e conhecimentos se diferenciam com a divisão do trabalho, é ao mesmo tempo forçada a regredir a estágios antropológicamente mais primitivos, pois a persistência da dominação determina, com a facilitação técnica da existência, a fixação do instinto através de uma repressão mais forte. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.46).

Será importante levar em consideração a referência marxiana na questão sobre a divisão do conhecimento entre teórico e prático, assim como a consequente divisão do trabalho entre intelectual e físico. De acordo com Marx e Engels em *A ideologia alemã* (2008, p.26-27), a separação do trabalho intelectual em relação ao trabalho físico, juntamente com o advento da propriedade privada, seriam os princípios básicos da desigualdade social já existentes bem antes do desenvolvimento do capitalismo. Sobre isso, afirma Adorno:

Esse duplo caráter da cultura nasce do antagonismo social não-conciliado que a cultura quer resolver mas que, como simples cultura, não dispõe desse poder. Esse desejado equilíbrio é momentâneo, transitório. Na hipóstase do espírito, mediante a cultura, a reflexão glorifica a separação social colocada entre o trabalho do corpo e o trabalho do espírito. A antiga injustiça quer justificar-se como superioridade objetiva do princípio da dominação, o que apenas demonstra que esta ação sobre os dominados é que mantém e reitera tais relações. (ADORNO, 1996, p.390-391).

Percebemos que os modelos de formação desenvolvidos na sociedade burguesa assumiram um duplo caráter, acompanhando a dinâmica produtiva estabelecida pelo sistema capitalista. Os atributos da reflexão intelectual estariam separados do trabalho físico, justapondo-se a este como elemento dominante. O trabalho intelectual justificaria tal separação no decorrer da história do conhecimento ocidental, aumentando cada vez mais a distância entre uma esfera e outra. Isto se deve ao histórico de dominação, gerador de antagonismos sociais profundos. O princípio de dominação e a divisão de classes⁸, embora sejam criados pelos

⁸ É interessante considerar a definição de Marilena Chauí que resume o conceito marxiano de classes sociais nos seguintes termos: "As classes sociais não são coisas nem ideias, mas são relações sociais determinadas pelo modo como os homens, na produção de suas condições materiais de existência, se dividem no trabalho, instauram formas determinadas da propriedade, reproduzem e legitimam aquela divisão e aquelas formas por meio de instituições sociais e políticas, representam para si mesmos o significado dessas instituições através de

homens, são naturalizados e assumidos na sociedade como elementos imprescindíveis. Como afirmam Adorno e Horkheimer na *Dialética do esclarecimento*:

A divisão do trabalho, em que culmina o processo social de dominação, serve à autoconservação do todo dominado. Dessa maneira, porém, o todo enquanto todo, a ativação da razão a ele imanente, converte-se necessariamente na execução do particular. A dominação defronta o indivíduo como o universal, como a razão na realidade efetiva. O poder de todos os membros da sociedade, que enquanto tais não têm outra saída, acaba sempre, pela divisão do trabalho a eles imposta, por se agregar no sentido justamente da realização do todo, cuja racionalidade é assim mais uma vez multiplicada. Aquilo que acontece a todos por obra e graça de poucos realiza-se sempre como a subjugação dos indivíduos por muitos: a opressão da sociedade tem sempre o caráter da opressão por uma coletividade. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.34-35).

No desenvolvimento da sociedade burguesa, a formação cultural que inicialmente esteve restrita à classe dominante, foi gradativamente adaptando-se às transformações no contexto social. Aqueles que, historicamente, foram excluídos da formação cultural, seriam integrados nesse outro momento do capitalismo, chamado de “capitalismo tardio”. Quando se tornou impositiva a demanda por bens culturais pelas massas impacientes e descontentes de sua condição objetiva, o processo de integração representou apenas o aperfeiçoamento dos mecanismos exploratórios, nivelando as consciências em relação aos ideais dominantes e favorecendo a ignorância quanto às discrepâncias materiais e históricas até então vivenciadas.

O período chamado por Adorno de capitalismo tardio modificaria as condições de exploração do século XVIII, conservando as contradições sociais em bases diferentes. As horas exaustivas de trabalho vivenciadas no princípio do capitalismo foram diminuídas, os trabalhadores, gradativamente, conquistaram direitos e o acesso a bens de consumo. Percebeu-se que a maior “liberdade” traria benefícios para o sistema econômico, alimentando a máquina de produção ao ampliar o número de consumidores. Como afirma o autor em *Educação e emancipação*:

No momento presente a pressão econômica sobre a maioria não chega a ser tão insuportável de modo a impedir a consciência de si e a autorreflexão do objeto: é muito mais o sentimento de impotência social, de dependência

sistemas determinados de ideias que exprimem e escondem o significado real de suas relações. As classes sociais são o *fazer-se classe* dos indivíduos em suas atividades econômicas, políticas e culturais” (CHAUÍ, 1990, p.53).

em geral, que impede a cristalização da autodeterminação, do que a necessidade material nos termos de antigamente. (ADORNO, 2003a, p.72).

Podemos perceber que, no capitalismo tardio, a quantidade de tempo livre usufruída pelo trabalhador aumentou, contudo, este mesmo tempo foi ocupado pelas distrações orquestradas pela indústria cultural. Enquanto ferramenta valiosa para a intensificação do domínio ideológico, a indústria cultural⁹ serviu para manter a população distraída em relação às condições antagônicas vivenciadas na prática. As discretas conquistas trabalhistas, frente às condições desumanas de trabalho no princípio do capitalismo, foram diluídas no aprimoramento de mecanismos intrínsecos à dinâmica social, que tornaram os antagonismos e o domínio entre classes mais sutis e imperceptíveis.

Maar (2003b, p. 21) afirma que houve uma transformação básica naquilo que é chamado de superestrutura, fazendo com que os âmbitos da economia e da cultura fossem confundidos. A indústria cultural ocupou-se de determinar a estruturação do sentido de vida assumido pelos indivíduos, utilizando, para isso, a racionalidade estratégica da produção econômica. Os bens culturais, convertidos em mercadorias, trariam impressos a subordinação ao objetivo econômico, reproduzindo tal condição manipulatória de acordo com os interesses de mercado; tais anseios, inoculados nos produtos consumidos pelas massas, impregnaram gradativamente a dinâmica e os objetivos de vida particulares. Conforme vemos a seguir na *Dialética do esclarecimento*:

Mas a afinidade original entre os negócios e a diversão mostra-se em seu próprio sentido: a apologia da sociedade. Divertir-se significa estar de acordo. Isso só é possível se estiver isolado do processo social em seu todo, se idiotiza e se abandona desde o início a pretensão inescapável de toda obra, mesmo da mais insignificante, de refletir em sua limitação o todo. Divertir significa sempre: não ter que pensar nisso, esquecer o sofrimento até mesmo onde ele é mostrado. A impotência é a sua própria base. É na verdade uma fuga, mas não, como afirma, uma fuga da realidade ruim, mas da última ideia de resistência que essa realidade ainda deixa subsistir. A liberação prometida pela diversão é a liberação do pensamento como negação. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 135).

⁹ Aqui nos reportamos ao sentido mais amplo do termo, enquanto cultura apropriada e difundida pela lógica produtiva e mercadológica, característica da sociedade capitalista. Mais adiante, discutiremos o termo de forma mais ampliada. Conferir Capítulo 3 – *Indústria cultural e semiformação* (p. 36-49) deste trabalho.

A integração cultural traz em si o véu ilusório da superação de diferenças e antagonismos sociais. A popularização dos bens culturais, anteriormente acessíveis às elites, seria acompanhada pela crença de que a padronização cultural acompanharia o fim de tais discrepâncias. Entretanto, o modo de formação praticado na sociedade está sintonizado com os antagonismos que a fundamentam. Mantido de forma imanente ao chamado “véu de integração”, a sociedade soube preservar historicamente privilégios e desfavorecimentos, conservando os antagonismos sociais enquanto base do sistema econômico em vigência.

Tomamos como exemplo o amplo trabalho de Bourdieu (2005, p.41) que, entre outras questões relativas à formação, investigou, no sistema de ensino público francês, os efeitos da defasagem histórica, denunciando a imensa desigualdade de condições prévias manifestada pelos desempenhos escolares. De acordo com suas observações, a discrepância de resultados seria oriunda do histórico social, familiar e conseqüentemente cultural dos alunos, não apenas de sua capacidade individual. Enquanto alguns teriam de se esforçar de maneira descomunal, lutando contra a inércia imposta pelo meio social vivido desde a primeira infância, outros já teriam este investimento garantido desde o início, privilegiando suas trajetórias escolares. Sobre essa dicotomia, é interessante observar o conceito de capital cultural definido pelo autor nos seguintes termos:

A noção de capital cultural impôs-se, primeiramente, como uma hipótese indispensável para dar conta da desigualdade de desempenho escolar de crianças provenientes das diferentes classes sociais, relacionando o ‘sucesso escolar’, ou seja, os benefícios específicos que as crianças das diferentes classes e frações de classe podem obter no mercado escolar, à distribuição do capital cultural entre as classes e frações de classe. Este ponto de partida implica em uma ruptura com os pressupostos inerentes, tanto à visão comum que considera o sucesso ou fracasso escolar como efeito das ‘aptidões’ naturais, quanto às teorias do ‘capital humano’. (BOURDIEU, 2005, p. 73).

Ainda, de acordo com Bourdieu, observou-se que o sistema escolar planejado teria sido criado com a promessa de promover a mobilidade social. Ao padronizar o sistema de ensino – teoricamente – todos receberiam as mesmas oportunidades de formação, cabendo a cada um o sucesso ou o fracasso escolar, levado adiante nas oportunidades da vida adulta. Entretanto, os princípios da meritocracia

institucionalizaram injustiças, tornando-as mais difíceis de serem identificadas. Nessa concepção, certas dimensões do problema teriam sido ignoradas. As avaliações desconsiderariam o histórico social vivenciado pelos indivíduos, discriminando-os de acordo com o rendimento imediato. Tal procedimento criaria falsas noções de resultados, separando os alunos por “dons” ou “aptidões” naturais que nada mais seriam do que o investimento prévio, fruto do cabedal de cultura usufruída desde a infância, resultado de gerações sucessivas de construção cultural. Podemos observar esta tese do autor no seguinte trecho:

É provavelmente por um efeito de inércia cultural que continuamos tomando o escolar como um fator de mobilidade social, segundo a ideologia da ‘escola libertadora’, quando, ao contrário, tudo tende a mostrar que ele é um dos fatores mais eficazes de conservação social, pois fornece a aparência de legitimidade às desigualdades sociais, e sanciona a herança cultural e o dom social tratado como dom natural. (BOURDIEU, 2005, p.41).

Adorno indica a condição de privilégio cultural historicamente construído, associando as dificuldades de aprendizagens e os desafios da educação ao problema da ausência de conhecimentos prévios. A questão extrapolaria o âmbito restrito da pedagogia, não podendo ser pensada apenas em termos de estratégias didáticas ou reformas pedagógicas. A incapacidade para a experiência formativa estaria no cerne dos problemas educacionais da sociedade, refletindo a condição de desigualdade cultural cultivada na contemporaneidade.

A formação esquia-se do autodidatismo, é de árdua conquista pelos próprios punhos [...] mas, justamente, porque escapa da vontade, está envolvida no culpável contexto do privilégio. Apenas não necessitam adquiri-la nem possuí-la, aqueles que, a todos os títulos, já a possuem. Dessa maneira, cai-se na dialética da liberdade e da falta de liberdade. Sucessora da antiga falta de liberdade não é possível que mais decaia, no entanto, não se realiza como liberdade meramente subjetiva, enquanto persistam as condições que objetivamente a negam. (ADORNO, 1996, p.399).

Podemos observar que o ideal de formação cultural (*Bildung*) contrasta com o desenvolvimento da sociedade burguesa, a qual apresenta o gradativo processo de defasagem cultural em relação aos conteúdos e habilidades elencadas tradicionalmente como objetivos principais da formação. Nesse sentido, verifica-se

que o meio pedagógico está envolvido pelo processo histórico, sendo permeado pelas características predominantes da sociedade em vigência. No capitalismo tardio, nota-se a configuração sutil da perda em relação aos objetivos emancipativos da formação, diluída sob o disfarce de mecanismos de integração social que não são capazes de superar os antagonismos intrínsecos à sociedade.

CAPÍTULO 2 – O domínio ideológico no capitalismo tardio

Este capítulo terá como foco a questão do domínio ideológico, e sua relação com o processo de integração social no capitalismo tardio. Inicialmente, será traçado breve panorama da discussão sobre o conceito de ideologia, a partir da configuração do termo pela tradição marxiana. Em seguida, com base na teoria adorniana, analisaremos o modo sutil de domínio ideológico presente na cultura contemporânea, relacionando-o com o processo de integração social. A intenção é discutir em termos gerais, a dimensão ideológica implícita no processo de formação dos indivíduos, apontando para as transformações culturais na sociedade contemporânea em relação ao princípio do capitalismo.

Em Marx e Engels, a ideologia representa fenômeno intrínseco à luta de classes. A classe dominante produziria o domínio sobre o modo de pensar das classes dominadas, impondo como padrão social sua própria dinâmica de vida, inacessível às camadas mais pobres da sociedade. Os indivíduos explorados deixariam de construir seus próprios ideais a partir das condições concretas, sofrendo a assimilação da ideologia dominante em sua rotina. O processo traria como resultado a adaptação pacífica ao sistema exploratório, impedindo a possibilidade de reconfiguração da sociedade. A desigualdade é assumida e naturalizada por todos, dominantes e dominados, muito embora os privilégios sejam restritos à classe menos numerosa, como se verifica na seguinte passagem de *A Ideologia alemã*:

Os indivíduos que constituem a classe dominante possuem, entre outras coisas, também uma consciência, e consequentemente pensam; na medida em que dominam como classe e determinam uma época histórica em toda a sua extensão, é evidente que esses indivíduos dominam em todos os sentidos e que têm uma posição dominante, entre outras coisas também como seres pensantes, como produtores de ideias, que regulamentam a produção e a distribuição dos pensamentos de sua época; suas ideias são portanto as ideias dominantes de sua época. (MARX; ENGELS, 2008, p.48-49).

Chauí (1990, p.21), partindo da concepção marxiana de ideologia, salienta que, historicamente, o homem procurou fixar seu modo de socialização e suas

instituições determinadas por meio de ideias e representações. Tal compreensão, sobre a vida individual e social, tenderia a esconder dos próprios homens as relações sociais concretas em que são produzidas. A ideologia seria justamente esse “ocultamento da realidade social”, capaz de legitimar as condições sociais de exploração e dominação, fazendo-as parecerem justas e verdadeiras. Seria um fenômeno involuntário, ao mesmo tempo subjetivo e objetivo, oriundo das condições concretas da existência social. A divisão de classes é, portanto, naturalizada e destituída de sua dimensão histórica, tomada então pelos indivíduos como fatalidade do destino.

Entendemos que, ao longo das transformações históricas, a divisão entre trabalho intelectual e físico foi determinante na distinção das classes sociais. Com o advento da sociedade capitalista, burgueses e proletários figuraram a divisão do trabalho, cabendo aos últimos exercerem o trabalho físico de forma irrefletida. Por outro lado, o controle intelectual ficou a cargo dos proprietários dos meios de produção, os burgueses, estabelecendo-se a contradição fundamental da luta de classes. A produção industrial constituiu a base material das relações sociais, fundamentando o sistema exploratório com o predomínio da ideologia burguesa.

Duarte (2003, p.444-445) enfatiza a questão do desfavorecimento cultural sofrido pela classe proletária como responsável pelo esvaziamento de seu potencial revolucionário. Compreende-se que a velocidade do processo capitalista fez com que os indivíduos pertencentes ao proletariado não tivessem tempo suficiente para se formar enquanto consciência de classe, perdendo assim, sua própria identidade. Antes que o aparato intelectual, capaz de exercer a resistência, fosse formado, os proletários sofreram a identificação com a classe dominante, passando a reproduzir os mecanismos de dominação. O autor faz referência à análise adoniana sobre o esvaziamento do potencial revolucionário sofrido pela classe proletária.

As teorias socialistas chegaram tarde, quando a formação já havia sido impregnada pelos ideais burgueses, favorecendo a manutenção das condições exploratórias estabelecidas na sociedade. O proletariado não pôde desenvolver as condições necessárias para a almejada revolução social, uma vez que alguns pressupostos fundamentais para a formação, como o próprio ócio, foram condenados pela concepção ideológica dominante e suprimidos do processo formativo. Assim, mesmo os curtos momentos de lazer foram gradativamente

invadidos por distrações controladas, por exemplo, o entretenimento oferecido nos programas de televisão e rádio, rigidamente ordenados de acordo com objetivos comerciais implícitos. A formação destinada à classe dominada era fragmentada, destituída da amplitude que o conceito de formação cultural (*Bildung*) sugere.

Mészáros (2006, p.263-264) comenta que o complexo educacional da sociedade teria, além da função de treinar as múltiplas habilidades necessárias para alimentar o sistema produtivo, também a responsabilidade pela produção e reprodução da estrutura de valores no interior do qual os indivíduos são compelidos a definir seus próprios objetivos e fins específicos. As relações sociais de produção reificadas¹⁰ no contexto do capitalismo não se perpetuariam de forma automática. Tais relações seriam oriundas da interiorização das pressões externas pelos indivíduos, adotando as perspectivas gerais da sociedade baseada em mercadorias, como sendo os limites inquestionáveis de suas próprias aspirações. Com isso, os indivíduos contribuiriam irrefletidamente para manter uma determinada concepção de mundo, conservando o intercâmbio social específico de tal concepção, ou seja, as condições de domínio de classe.

A análise adorniana, sobre as condições formativas e suas transformações, refere-se ao processo de “desencantamento”, expresso por Weber¹¹, em que se

¹⁰ É importante notar que o termo “reificação” possui longo histórico na tradição filosófica. Já empregado anteriormente por Hegel e presente na teoria marxiana (MARX, 1983, p.45), é utilizado por Mészáros, neste caso, acompanhando a retomada lukacsiana do conceito em *História e Consciência de Classe*. Lukács refere-se ao conceito de reificação nos seguintes termos: “A essência da estrutura da mercadoria já foi ressaltada várias vezes. Ela se baseia no fato de uma relação entre pessoas tomar o caráter de uma coisa e, dessa maneira, o de uma ‘objetividade fantasmagórica’ que, em sua legalidade própria, rigorosa, aparentemente racional e inteiramente fechada, oculta todo traço de sua essência fundamental: a relação entre os homens [...] Para a consciência reificada, essas formas do capital se transformam necessariamente nos verdadeiros representantes da sua vida social, justamente porque nelas se esfumam, a ponto de se tornarem completamente imperceptíveis e irreconhecíveis, as relações dos homens entre si e com os objetos reais, destinados à satisfação real de suas necessidades. Tais relações são ocultas na relação mercantil imediata”. (LUKÁCS, 2003, p.194-211). Contudo, é importante distinguir o uso diferenciado do termo por Adorno. De acordo com Jay: “Embora às vezes surja, no seu próprio trabalho, um uso aparentemente lukacsiano, a reificação, para Adorno, não era equivalente à objetificação alienada da subjetividade, a redução de um processo fluido em coisa morta. Na verdade – e nesse ponto a dívida de Adorno para com Nietzsche, no que se refere à origem da troca, é particularmente evidente –, reificação, quando usada por Adorno em seu sentido pejorativo, significa supressão da heterogeneidade em nome da identidade” (JAY, 1988, p.63).

¹¹ De acordo com Almeida (1985, p.7) a expressão “Dialética do esclarecimento” teria como base o conceito weberiano de “desencantamento do mundo”. O processo de desmitologização, em que as pessoas se libertaram do medo em relação à natureza desconhecida, à qual eram atribuídos poderes ocultos, foi substituído pelo domínio racionalizado da natureza. Entretanto, autores frankfurtianos observaram que a racionalidade da sociedade moderna seria acompanhada, dialeticamente, de nova mitologização, tendo por base as ciências positivas. O homem civilizado seria envolvido na

retirou da experiência formativa as tradições, assim como as crenças e os hábitos enraizados. Tal “esclarecimento” teria deixado o vazio e a carência de formas para as próximas gerações. A formação tradicional viu-se envolvida pela rapidez e o imediatismo oriundos dos sistemas produtivos e da lógica de mercado, passando a reger o processo de formação. Na transição para a sociedade burguesa, mantiveram-se os ideais de autonomia e liberdade intelectual, provocando então o conflito de gerações, isto porque a formação para a autonomia necessita de tempo de maturação da consciência, um tempo que não está disponível na sociedade do capitalismo tardio descrita por Adorno em *Teoria da semicultura*:

O semiculto se dedica à conservação de si mesmo sem si mesmo. Não pode permitir, então, aquilo em que, segundo toda teoria burguesa, se constituía a subjetividade: a experiência e o conceito. Assim procura subjetivamente a possibilidade da formação cultural, ao mesmo tempo, em que, objetivamente, se coloca todo contra ela. A experiência — a continuidade da consciência em que perdura o ainda não existente e em que o exercício e a associação fundamentam uma tradição no indivíduo — fica substituída por um estado informativo pontual, desconectado, intercambiável e efêmero, e que se sabe que ficará borrado no próximo instante por outras informações. Em lugar do *temps duré*, conexão de um viver em si relativamente uníssono que se desemboca no julgamento, coloca-se um ‘É isso’ sem julgamento. (ADORNO, 1996, p. 405).

As condições de formação transformaram-se, mesmo para a classe dominante, permanecendo, ideologicamente, os modelos da formação tradicional. Os primeiros burgueses teriam ainda recebido a formação nos moldes tradicionais, carregados dos ideais de autonomia e liberdade, o que serviu para consolidar o liberalismo e o sistema econômico capitalista. Porém, com o sistema consolidado, as condições para a formação mudaram. Preservaram-se as formas tradicionais à mesma medida que a dinâmica concreta da sociedade foi gradativamente inviabilizando as possibilidades para esse tipo de formação.

No capitalismo tardio, a submissão aos mecanismos de controle é ainda mais efetiva em decorrência da aparente fluidez entre as camadas sociais. Objetivamente, esse processo teria ocorrido por meio da intensificação do fenômeno de integração ideológica entre as classes sociais. O momento da diferencialidade é sufocado,

racionalidade instrumental, substituindo a reflexão por padrões tecnicamente definidos. Tal processo reconduziria os indivíduos à condição naturalizada, explicando a explosão de episódios de barbárie em sociedades culturalmente desenvolvidas.

restando a aderência irrestrita aos modelos predefinidos, mesmo que estes não atendam às necessidades concretas dos indivíduos explorados. Vive-se outra vida, baseada na identificação com ícones e figuras consideradas importantes na sociedade.

As distinções sociais são aparentemente mais fluidas, entretanto esse contexto favoreceu a servidão ao modelo exploratório, uma vez que promoveu nos indivíduos a perda da identidade em favor de padrões heterogêneos. No pensamento adorniano, o termo reificação, já presente na tradição marxiana¹², é utilizado para identificar a perda qualitativa das aspirações do indivíduo frente à coletividade. O indivíduo se vê imerso no imaginário das massas, aderindo aos padrões coletivos em que prevalece as promessas de sucesso e ascensão social, implicados no contexto de relações pautadas pela lógica comercial. Como afirmam Adorno e Horkheimer na *Dialética do esclarecimento*:

Desaparecendo diante do aparelho a que serve, o indivíduo se vê, ao mesmo tempo, melhor do que nunca provido por ele. Numa situação injusta, a impotência e a dirigibilidade da massa aumentam com a quantidade de bens a ela destinados. A elevação do padrão de vida das classes inferiores, materialmente considerável e socialmente lastimável, reflete-se na difusão hipócrita do espírito. Sua verdadeira aspiração é a negação da reificação. Mas ele necessariamente se esvai quando se vê concretizado em um bem cultural e distribuído para fins de consumo". (1985, p.14).

Entendemos que a aparente multiplicidade da sociedade contemporânea, reflete divergências previamente mensuráveis, em nada capazes de romper com a ordem estabelecida. Mesmo aqueles que se colocam em oposição à ideologia burguesa, por exemplo os intelectuais, acabam por cumprir função útil na estrutura ideológica, alimentando a aparência ilusória de heterogeneidade. A liberdade de expressão, assim como a autonomia intelectual, é tolerada e até mesmo estimulados, desde que encontrem, por fim, a reconciliação, conformando-se ao lugar estabelecido para sua determinada posição no contexto homogêneo da cultura. Sobre isso, podemos citar um trecho extraído das *Mínima moralia*, em que Adorno afirma:

¹² Conferir nota 10, na página 30 deste trabalho.

A sociedade é integral ainda antes de ser regida totalitariamente. Sua organização engloba até aqueles que lhe movem combate, e normatiza sua consciência. Mesmo aqueles intelectuais que politicamente têm prontos todos os argumentos contra a ideologia burguesa, estão submetidos a um processo de padronização, que os aproxima tanto do espírito predominante na presteza, para também se acomodarem, apesar do crasso contraste no conteúdo. Objetivamente, o seu ponto de vista se torna cada vez mais ocasional, dependendo apenas de delgadas preferências ou da sua avaliação da própria chance. O que subjetivamente lhes parece radical, obedece objetivamente de modo tão cabal a uma seção do esquema reservada para gente como eles que o radicalismo se reduz a prestígio abstrato, a legitimação daquele que sabe a favor do que e contra o que um intelectual deve estar hoje. (ADORNO, 2008, p. 202-203).

Os indivíduos tendem a repetir os padrões comercializados sem a devida apreensão reflexiva, moldando o pensar e o agir de acordo com os modelos que são massivamente difundidos. Loureiro (2007, p.529) destaca que, na contemporaneidade, as pessoas não desconfiam da dimensão tomada pela estrutura ideológica na sociedade. Tranquilizam-se e até se orgulham do aparente enriquecimento cultural, mas sabem pouco ou quase nada sobre aquilo que consomem. Segundo a autora, impera a condição de desconhecimento sobre a incapacidade de julgamento crítico, produzindo o recorrente incentivo à não reflexão. No mesmo sentido, Adorno observa em *Educação e emancipação*:

A ordem econômica e, seguindo seu modelo, em grande parte também a organização econômica, continuam obrigando a maioria das pessoas a depender de situações dadas em relação às quais são impotentes, bem como a se manter numa situação de não-emancipação. Se as pessoas querem viver, nada lhes resta senão se adaptar à situação existente, se conformar; precisam abrir mão daquela subjetividade autônoma a que remete a ideia de democracia; conseguem sobreviver apenas na medida em que abdicam de seu próprio eu. (2003a, p.43).

O termo integração traduz a condição em que a desigualdade objetiva é sustentada pela aproximação ideológica entre as classes sociais. Não dispondo de meios subjetivos para resistir, a grande massa de indivíduos adota os padrões mentais dominantes que foram massificados, mirando modelos antagônicos em relação à sua própria realidade objetiva. Consequentemente, ignora-se o histórico de

defasagem cultural e as condições de domínio exploratório desenvolvidos sob tais condições. Como aponta Adorno em *Teoria da semicultura*:

Embora nada tenha mudado de substancial no tocante ao fundamento econômico das relações – o antagonismo entre o poder e a impotência econômica – nem quanto aos limites objetivamente fixados da formação cultural, a ideologia transformou-se de uma maneira muito mais radical. A ideologia encobre amplamente a grande cisão, inclusive àqueles a quem cabe suportar-lhe a carga. Estes ficaram emaranhados na rede do sistema durante os últimos 100 anos. O termo sociológico para isso se chama integração. Para a consciência, as barreiras sociais são, subjetivamente, cada vez mais fluídas, como se vê há tanto tempo na América. Por inúmeros canais, se fornecem às massas, bens de formação cultural. Neutralizados e petrificados, no entanto, ajudam a manter no devido lugar aqueles para os quais nada existe de muito elevado ou caro. (1996, p.394).

A ideologia atrelada ao contexto de integração na contemporaneidade ainda conduz as massas na ilusória participação em sonhos que, essencialmente, não lhes pertencem. As consciências formadas nesses moldes iludem-se com a aparente falta de barreiras entre as classes. Os bens da formação cultural são largamente distribuídos, tão logo estejam de acordo com as finalidades ideológicas. Elementos que não sejam interessantes aos objetivos sociais são suprimidos, principalmente no tocante à autorreflexão crítica e à espontaneidade, potencialmente perigosos devido ao conteúdo de ruptura que carregam.

Crocco (2009, p.3) salienta que os temas cultura e ideologia são centrais nos filósofos da Teoria Crítica, sobretudo em Adorno, Horkheimer e Marcuse. Os frankfurtianos teriam observado que a separação ideológica entre produção material e produção espiritual, promovida na época liberal do princípio do capitalismo, não seria mais adequada para disfarçar as estruturas do novo sistema produtivo. Essa separação consistia justamente na autonomia das ideias e da produção da consciência em relação à produção material concreta, fundamentando o próprio conceito de ideologia. Com a finalidade de conservar os indivíduos submissos e submetidos ao sistema, fez-se necessária a mudança nos padrões da produção espiritual. Ocorreria uma espécie de disfarce ou “caricatura da reconciliação”, reaproximando classes e âmbitos separados da civilização e da cultura. A organização e a produção da cultura seriam cooptadas pelo aparato de produção de

mercadorias, possibilitando o estabelecimento de novas formas de “distribuição” e “consumo” dos “bens culturais”.

Bauman (2008, p.71), ao analisar a sociedade contemporânea, considera as mudanças sociais no interior do capitalismo que provocaram a transição da “sociedade de produtores” do princípio do capitalismo para a atual “sociedade de consumidores”. Segundo o autor, a sociedade de consumidores encoraja e reforça a escolha de um determinado estilo de vida e uma estratégia existencial essencialmente consumista, rejeitando todas as opções culturais potencialmente alternativas. Uma sociedade em que é imperativo ao indivíduo se adaptar aos preceitos da cultura de consumo e segui-lo estritamente, para todos os fins e propósitos práticos, sendo essa a única escolha aprovada de maneira incondicional. Uma condição de afiliação, em que se determina culturalmente um único estilo de vida como plausível e viável.

De acordo com Severino (2006, p.632), a Teoria Crítica analisa a crise na educação, considerando as possibilidades de se assegurar a sobrevivência da formação cultural, numa sociedade que a teria privado de suas bases. Viabilizar a fecundidade formativa, constituindo a educação como exercício constante de autorreflexão crítica, seria o meio de produzir a razão emancipatória, a consciência verdadeira. Como afirma Adorno em *Educação e emancipação*: “É necessário contrapor-se a uma tal ausência de consciência, é preciso evitar que as pessoas golpeiem para os lados sem refletir a respeito de si próprias. A educação tem sentido unicamente como educação dirigida a uma autorreflexão crítica” (ADORNO, 2003a, p.121).

Diante do exposto, observamos que a capacidade de negação é privilégio incerto na sociedade contemporânea. Não há meios de se prever quando e como a submissão aos padrões sociais será rompida, abrindo precedentes às outras possibilidades. Para a consciência formada sob a tutela dos sistemas, existe a dificuldade de abertura – geralmente inconsciente – que se apresenta na forma de rejeição total em relação a qualquer elemento distinto das determinações sociais. A relação de domínio ideológico teria sido intensificada a partir do processo de integração social no capitalismo tardio, tornando sutis e imperceptíveis os antagonismos sociais que são preservados, disfarçando a relação de domínio de classe ainda presente na sociedade.

CAPÍTULO 3 – Indústria cultural e semiformação

Refletiremos, neste capítulo, sobre o conceito de indústria cultural, analisando o processo de intensificação do domínio ideológico atrelado à industrialização da cultura. Observaremos, em termos gerais, a questão da manipulação da esfera inconsciente enquanto característica importante da indústria cultural, aproximando-a da propaganda, no que se refere aos mecanismos de manipulação dos desejos das massas. A intenção principal é discutir a influência da indústria cultural no processo formativo dos indivíduos.

Adorno, em *Teoria da semicultura* (1996, p.388) observa que as reformas pedagógicas nem sempre consideram a necessidade de adequação dos conteúdos pedagógicos à influência externa da cultura. A educação, enquanto elemento fundamental da cultura, sofreria, de modo sutil e compulsório, a pressão do meio externo ao ambiente pedagógico, adaptando-se às transformações históricas. A formação dos indivíduos seria afetada diretamente pela demanda definida pelo sistema produtivo e econômico em vigência.

Entendemos que a esfera extrapedagógica adentra os muros da escola de modo inevitável. Seria impossível fechar-se à influência cultural que modifica as estruturas sociais e até mesmo o modo de apreensão dos indivíduos. A educação é permeada pela indústria cultural, integrando-se em seu contexto como produto a ser comercializado. Os princípios da formação cultural degeneram-se no modelo da semiformação socializada, conforme o autor menciona em *Educação e emancipação*, nos seguintes termos:

A organização do mundo converteu-se a si mesma imediatamente em sua própria ideologia. Ela exerce uma pressão tão imensa sobre as pessoas, que supera toda a educação. Seria efetivamente idealista no sentido ideológico se quiséssemos combater o conceito de emancipação sem levar em conta o peso imensurável do obscurecimento da consciência pelo existente. (ADORNO, 2003a, p.143).

De acordo com Zuin (1999, p.1), a teoria adorniana indicaria que a indústria cultural se apresenta como um dos aspectos culturais determinantes na sociedade do capitalismo tardio. É relevante para a investigação das relações sociais, sobretudo no que se refere aos mecanismos psicológicos que atuam na exigência de universalização da semiformação. A indústria cultural serve como um dos instrumentos mais importantes na manutenção da cultura, agindo para preservar os antagonismos sociais e o sistema de exploração característico do capitalismo. A assimilação da racionalidade instrumental, oriunda dos meios produtivos, pela produção cultural, é uma das principais características da configuração tardia do sistema capitalista. O cotidiano dos indivíduos foi sutilmente invadido pelos meios de comunicação, propagando a ideologia dominante. Como apontam Adorno e Horkheimer na *Dialética do esclarecimento*:

A indústria cultural tem a tendência de se transformar num conjunto de proposições protocolares e, por isso mesmo, no profeta irrefutável da ordem existente. Ela se esgueira com maestria entre os escolhos da informação ostensivamente falsa e da verdade manifesta, reproduzindo com fidelidade o fenômeno cuja opacidade bloqueia o discernimento e erige em ideal o fenômeno omnipresente. A ideologia fica cindida entre a fotografia de uma vida estupidamente monótona e a mentira nua e crua sobre o seu sentido, que não chega a ser proferida, é verdade, mas, apenas sugerida, e inculcada nas pessoas. Para demonstrar a divindade do real, a indústria cultural limita-se a repeti-lo cinicamente. Uma prova fotológica como essa, na verdade, não é rigorosa, mas é avassaladora. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.138).

Conforme a teoria adorniana, os mecanismos de manipulação agem de forma incisiva sobre desejos e necessidades inconscientes, minando as possibilidades de resistência ou de reflexão sobre a realidade. A propaganda e a indústria cultural desenvolveram mecanismos eficientes, capazes de influenciar os indivíduos de modo quase imperceptível. Os fins comerciais não são evidentes, mas camuflados pelo estímulo ao gosto estético padronizado, sendo vendido como seu oposto, ou seja, como objeto de individuação. Tal fenômeno apenas seria possível pelo aproveitamento de ideais cultivados historicamente, transformando-os em palavras de ordem esvaziadas de sentido. Conceitos como: liberdade, felicidade e prosperidade, se confundem com o discurso propagandístico, destinado à venda de produtos comuns de consumo. Os indivíduos seriam compelidos ao consumo

inconsciente, à medida que desejos irracionais são manipulados pela linguagem cotidiana, de acordo com as necessidades do mercado. Assim, os autores afirmam na *Dialética do esclarecimento* que:

Tanto técnica quanto economicamente, a publicidade e a indústria cultural se confundem. Tanto lá como cá, a mesma coisa aparece em inúmeros lugares, e a repetição mecânica do mesmo produto cultural já é a repetição do mesmo *slogan* propagandístico. Lá como cá, sob o imperativo da eficácia, a técnica converte-se em psicotécnica, em procedimento de manipulação das pessoas. Lá como cá, reinam as normas do surpreendente e, no entanto, familiar, do fácil e, no entanto, marcante, do sofisticado e, no entanto, simples. O que importa é subjugar o cliente que se imagina como distraído ou relutante. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.153).

Podemos compreender que a valorização da técnica e o esvaziamento reflexivo são inerentes ao contexto da indústria cultural. A cultura ficaria restrita a procedimentos calculados, ajustando suas manifestações à ordenação lógica unilateral. O ajustamento dos indivíduos aos padrões universais necessita dispensar a oposição, o diferenciado. Os avanços tecnológicos, apesar das aparências, trariam em si a estagnação reprodutiva, a repetição de padrões que não se alteram, uma vez que são destituídos de reflexão. Como é evidenciado no seguinte trecho de *Educação e emancipação*:

Um mundo em que a técnica ocupa uma posição tão decisiva como acontece atualmente, gera pessoas tecnológicas, afinadas com a técnica. [...] na relação atual com a técnica existe algo de exagerado, irracional, patogênico. Isto se vincula ao “véu tecnológico”. Os homens inclinam-se a considerar a técnica como sendo algo em si mesma, um fim em si mesmo, uma força própria, esquecendo que ela é a extensão do braço dos homens. (ADORNO, 2003a, p.132).

De acordo com Ramos-de-Oliveira (2001, p.22) a indústria cultural é capaz de apropriar-se de seu próprio conceito, esvaziando-o em relação a possibilidade de crítica. Uma das manobras para isso seria denominar como “indústria cultural” somente as manifestações mais grosseiras de imprensa e cultura nas quais a manipulação é evidente, preservando-se assim o espaço para as formas sutis de controle ideológico. Sendo assim, a aparência de individuação – algo fundamental

para a manutenção da ideologia – é mantida, sustentando a ilusão sobre a manifestação da diversidade.

Entendemos que ocorre no cotidiano a naturalização das manifestações sociais que suprimem a compreensão do caráter histórico da realidade. A sociedade, na forma imediata em que se apresenta, é frequentemente entendida como única possibilidade de existência, e os mecanismos de manutenção da cultura conseguem dar conta de fundamentar tal impressão. Desse modo, os dois autores frankfurtianos afirmam que:

Apesar de todo o progresso da técnica de representação, das regras e das especialidades, apesar de toda a atividade trepidante, o pão com que a indústria cultural alimenta os homens continua a ser a pedra da estereotipia. Ela se nutre do ciclo, do assombro – sem dúvida justificado – de que as mães apesar de tudo continuem a parir filhos, de que as rodas ainda não tenham parado. É isso que fortalece a imutabilidade das situações. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.139).

De acordo com Maar (2003a, p.463) o mundo seria reconstruído pela racionalização, mantendo-se irracional. O esquematismo planejado substituiria a experiência dos indivíduos identificados como consumidores, antecipando seus desejos sob os desígnios do capital. O resultado desse processo seria o prolongamento da produção na indústria cultural, estendido para todos os âmbitos da vida social. Uma naturalização daquilo que foi construído pela racionalização humana, uma segunda natureza.

Podemos considerar, com base na compreensão sobre o processo histórico, que a indústria cultural assumiu a influência heterônoma sobre os indivíduos pelos meios de comunicação em massa, uma influência antes exercida pelos senhores feudais e pela religião na sociedade pré-burguesa. A massificação da cultura teria resultado na transferência de uma heteronomia à outra. Adorno pontua, em seu tempo, o poder de influência do rádio no cotidiano da sociedade, e a criação de ícones pela indústria do cinema, representando a substituição de elementos religiosos e culturais do passado. Como na seguinte passagem da *Teoria da semicultura*:

Recorrendo ao selvagem Oeste, os meios de massas adotaram uma mitologia substitutiva que em nada se compara aos fatos de um passado

bem próximo ainda. As estrelas de cinema, as canções de sucesso com suas letras e seus títulos irradiam um brilho igualmente calculado. [...] Por vezes, semblantes femininos, muito cuidados e quase sempre de uma beleza estonteante, explicam-se por si mesmos como pictografia da semiformação [...] A semiformação não se confina meramente ao espírito, adultera também a vida sensorial. E coloca a questão psicodinâmica de como pode o sujeito resistir a uma racionalidade que, na verdade, é em si mesmo irracional. (ADORNO, 1996, p.399-400).

De acordo com o autor, os ícones produzidos pela indústria cultural diferenciam-se dos mitos do passado unicamente pelo fato de serem produzidos sob a influência da lógica de mercado, responsável por controlar de modo racionalizado as manifestações culturais. Maar (2003a, p. 461), observa que Adorno e os principais filósofos da Teoria Crítica debruçam-se na decifração do presente, considerando sua fundamentação material e histórica. A intenção seria interpretar a cultura de forma realista, desvelando sua dimensão conservadora e afirmativa. A percepção sobre os mecanismos de domínio estaria profundamente prejudicada, obscurecida pela dinâmica social que naturaliza as desigualdades sociais. As construções ideológicas se harmonizariam com a inserção objetiva no processo produtivo, legitimando a sociedade em vigência¹³.

Salientamos novamente a influência marxiana na interpretação crítica de Adorno. Verifica-se a utilização desse referencial em passagens importantes da análise cultural do autor, como no seguinte trecho da *Teoria da semicultura*: “A semiformação é o espírito conquistado pelo caráter de fetiche da mercadoria” (Adorno, 1996, p.400). Os termos “mercadoria” e “fetiche” são fundamentais na análise de Marx em *O Capital*, como fica expresso na seguinte passagem:

A forma mercadoria e a relação de valor dos produtos de trabalho, na qual ela se representa, não têm que ver absolutamente nada com sua natureza física e com as relações materiais que daí se originam. Não é mais nada que determinada relação social entre os próprios homens que para eles assume a forma fantasmagórica de uma relação entre coisas. [...] Aqui, os produtos do cérebro humano parecem dotados de vida própria, figuras

¹³ Como afirmam Marx e Engels em *A Ideologia alemã*: “A classe que dispõe dos meios da produção material dispõe também dos meios da produção intelectual, de tal modo que o pensamento daqueles aos quais são negados os meios de produção intelectual está submetido também à classe dominante. Os pensamentos dominantes nada mais são do que a expressão ideal das relações materiais dominantes; eles são essas relações materiais dominantes consideradas sob a forma de ideias, portanto a expressão das relações que fazem de uma classe a classe dominante; em outras palavras, são as ideias de sua dominação. (MARX; ENGELS, 2008, p.48-49).

autônomas, que mantém relações entre si e com os homens. Assim, no mundo das mercadorias, acontece com os produtos da mão humana. Isso eu chamo o fetichismo que adere aos produtos de trabalho, tão logo são produzidos como mercadorias, e que, por isso, é inseparável da produção de mercadorias. Esse caráter fetichista do mundo das mercadorias provém, como a análise precedente já demonstrou, do caráter social peculiar do trabalho que produz mercadorias. (MARX, 1983, p.71).

Os bens culturais são absorvidos pelo caráter de mercadoria próprio da produção capitalista, e distribuído em larga escala. A produção em série trabalha com adaptações estabelecidas pela lógica de mercado, determinando, neste caso, simplificações estéticas, reduções de conteúdo, e a adoção de fórmulas comerciais de reprodução. As exigências formais da lógica mercadológica são exteriores às obras e conteúdos, e quando atuam na sua formatação, produzem deformações como exigência de sua propagação.

A cultura converteu-se totalmente numa mercadoria, difundida como uma informação, sem penetrar nos indivíduos dela informados. O pensamento perde o fôlego e limita-se à apreensão do factual isolado. Rejeitam-se as relações conceituais porque são um esforço incômodo e inútil. O aspecto evolutivo do pensamento, e tudo o que é genético e intensivo nele, é esquecido e nivelado ao imediatamente presente, ao extensivo. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.184).

Os conteúdos culturais, enquanto mercadorias, são ajustados para se adaptarem à capacidade assimilativa das massas. As simplificações e reduções seriam parte necessária – sob o ponto de vista de mercado – para o processo de popularização. Sob a ótica do mercado, seria preferível o resultado imediato da expansão quantitativa, em detrimento de sua qualidade ou do potencial crítico que possa manifestar. A relação da cultura com o mercado passou a ser evidente, assim como o aspecto utilitário da formação sob a influência do mercado cultural. Destaca-se o processo de integração ideológica entre as classes sociais distintas, obtendo-se o efeito da popularização de bens culturais anteriormente restritos a pequenos grupos privilegiados. Contudo, a formação, identificada ao mercado, trouxe a modificação de seus princípios. A massificação significa também a deformação de elementos essenciais ao processo formativo. Como afirma Adorno em *Teoria da semicultura*:

O que antes estava reservado ao ricoço e ao *nouveau riche* converteu-se em espírito popular. Um grande setor da produção da indústria cultural vive dessa nova realidade e, por sua vez, incentiva essa necessidade por semicultura. As biografias romanceadas, que informam sobre os fatos culturais mesclados a identificações baratas e vazias, ou o resumo de ciências inteiras, como a arqueologia ou a bacteriologia, adulteradas com impressionante desfaçatez, convencem o leitor de que está *au courant* [informado]. Confiante na ignorância, o mercado cultural dela se nutre e a ela reproduz e reforça. A alegre e despreocupada expansão da formação cultural, nas condições vigentes, é, de modo imediato, sua própria aniquilação. (ADORNO, 1996, p.401-402).

É importante mencionar neste ponto, a influência benjaminiana na discussão de Adorno. Benjamin, no ensaio *A obra de arte na era da reprodutividade técnica* (1985, p.168) publicado pela primeira vez em 1936, aborda o problema da reprodução massificada dos bens culturais, assimilados por meio da distração. Tal fenômeno, que o autor identifica em seu tempo como crescente e irreversível, representaria transformações profundas nas estruturas perceptivas e na capacidade de assimilação dos conteúdos. O sistema perceptivo dos indivíduos seria gradativamente reestruturado, por meio de tendências dominantes que regem a busca por distrações na coletividade. Em sua análise, o autor enfatiza o lugar do cinema em tal processo, afirmando que o universo da ótica revelaria com maior clareza as violentas tensões da contemporaneidade, por meio do efeito de choque que suas sequências e imagens provocam.

Adorno (2003a, p.80) observa que os veículos de comunicação de massa, sobretudo a televisão, incutem nas pessoas uma falsa consciência, produzindo o ocultamento da realidade. Procura-se impor um conjunto de valores de modo positivo, dogmático, enquanto a formação cultural, sob o ponto de vista crítico, deveria servir justamente para problematizar tal processo em sua positividade, possibilitando o desenvolvimento do juízo independente e autônomo. Verifica-se que as mídias são instrumentos capazes de propagar e aprofundar os efeitos do domínio ideológico, por intermédio da sistematização e padronização da cultura, difundida em larga escala. A capacidade de penetração nas massas permitiu que estes veículos de comunicação assumissem também a função de transmitir conteúdos formativos, antes desempenhada exclusivamente pela família e pela escola.

Cambi (1999, p. 630) acrescenta que o advento da indústria cultural e dos meios de comunicação de massa produziu uma revolução pedagógica concreta, talvez uma das mais importantes da contemporaneidade. A primeira formação do imaginário nos indivíduos teria deixado de passar pelo meio familiar e pelas culturas locais, a não ser por ínfima parte, sendo então dominada pela influência televisiva. Os meios de comunicação de massa teriam assumido verdadeiramente a função de educadores informais. Ainda que ocultos, uma vez que a fonte intencional dos programas midiáticos não é expressa na programação, tal influência ocuparia a posição de educadores de primeiro plano, sobretudo por intermédio do meio televisivo, capaz de revolucionar a percepção e a conceitualização dos indivíduos. A partir do segundo pós-guerra teria se manifestado com toda a sua potência de difusão e incidência, ocupando um espaço cada vez mais amplo na formação do imaginário coletivo. Tal processo influenciaria diretamente a consciência pessoal de cada indivíduo, repercutindo em seus gostos, comportamentos, consumos, níveis de aspiração, chegando a regular em larga medida sua própria identidade, em convergência com os padrões massificados.

Adorno, ao debater a questão da televisão e dos meios de comunicação de massa com Becker, em *Educação e emancipação*, observa uma nítida distinção entre a aplicação educativa da televisão, utilizada como elemento facilitador na difusão dos conteúdos inerentes à formação, em face da influência tácita exercida pelos programas – especialmente aqueles dedicados ao lazer e à distração – no processo formativo. Como é possível observar no seguinte trecho:

É possível se referir à televisão enquanto ela se coloca diretamente a serviço da formação cultural, ou seja, enquanto por seu intermédio se objetivam fins pedagógicos: na televisão educativa, nas escolas de formação televisivas e em atividades formativas semelhantes. [...] Se houve alguma espécie de controvérsia entre as posições de meu amigo Becker e as minhas, certamente devem-se a que em seus trabalhos ele se interessou pelo significado pedagógico específico da televisão, enquanto, como sociólogo da educação, preocupe-me mais com os efeitos de transmissões sem objetivo educacional explícito, principalmente encenações televisivas. É necessário esclarecer bem esta questão, para eliminar falsas querelas. (ADORNO, 2003a, p.76-77).

Entendemos que o autor admite a possibilidade do uso pedagógico da televisão e dos meios de comunicação em massa, entretanto, irá discutir o

ocultamento das intenções mercadológicas intrínsecas a tais veículos, assim como a manipulação das programações, destinadas a estabelecer um determinado contexto socialmente válido. Embora afirme a princípio: “Não sou contra a televisão em si, tal como repetidamente querem fazer crer. Caso contrário, certamente eu próprio não teria participado de programas televisivos” (ADORNO, 2003a, p.77), o autor problematiza o caráter positivo dos meios de comunicação, os quais atuariam de modo imperceptível na formação dos indivíduos de acordo com determinado direcionamento ideológico. Sem desconsiderar o potencial formativo da televisão, ressalta o uso da televisão como mecanismo destinado a incutir, secretamente, certos valores dominantes, enquanto, ao mesmo tempo, inibe o hábito do questionamento e da criticidade. Nesse sentido, aponta ainda em *Educação e emancipação*:

Compreendo “televisão como ideologia” simplesmente como o que pode ser verificado, sobretudo nas representações televisivas norte-americanas, cuja influência entre nós é grande, ou seja, a tentativa de incutir nas pessoas uma falsa consciência e um ocultamento da realidade, além de, como se costuma dizer tão bem, procurar-se impor às pessoas um conjunto de valores como se fossem dogmaticamente positivos, enquanto a formação a que nos referimos consistiria justamente em pensar problematicamente conceitos como estes que são assumidos meramente em sua positividade, possibilitando adquirir um juízo independente e autônomo a seu respeito. (ADORNO, 2003a, p. 80).

É importante ressaltar a abordagem da televisão como exemplo específico em meio a outros veículos que teriam a mesma função na sociedade, atuando em conjunto na formação dos indivíduos. Considera-se, implicitamente, no debate, a indústria cultural em sua totalidade, identificando na época a força de influência do rádio, o cinema, assim como a mídia impressa e as propagandas de modo geral. Atualmente poderíamos incluir o papel da internet e das novas tecnologias, com especial destaque para a articulação nas redes sociais e o modo como isso afeta a dinâmica formativa dos indivíduos. Adorno afirma a importância de não restringir a questão ao âmbito de um ou outro veículo específico, ampliando a compreensão sobre o modo como as várias mídias afetam o processo formativo. Como afirma do seguinte modo em *Educação e emancipação*:

Gostaria de chamar a atenção para que não se veja isoladamente a televisão, que constitui somente um momento no sistema conjunto da cultura de massa dirigista contemporânea orientada numa perspectiva industrial, a que as pessoas são permanentemente submetidas em qualquer revista, em qualquer banca de jornal, em incontáveis situações da vida, de modo que a modelagem conjunta da consciência e do inconsciente só pode ocorrer por intermédio da totalidade desses veículos de comunicação de massa. (ADORNO, 2003a, p.88).

A influência da indústria cultural no processo formativo é considerada de modo mais detalhado na *Teoria da semicultura*. O autor observa que os princípios formativos tradicionais seriam conservados apenas em termos ideológicos. Na prática, a formação estaria ligada ao contexto da utilidade e da lógica de mercado, valores veiculados positivamente pelos meios de comunicação em sua totalidade. Salienta a propagação de modelos de comportamentos e modos de pensar estereotipados, com o prejuízo da capacidade para o pensamento autônomo, a problematização e a compreensão da diferencialidade. À medida que a adaptação extrema é hiperestimulada, ocorreria o atrofiamento de possibilidades individuais que estejam em desacordo com os padrões afirmados. O conceito de semiformação estaria, assim, intimamente ligado ao contexto da indústria cultural. Como afirma o autor em *Teoria da semicultura*:

A formação cultural agora se converte em uma semiformação socializada, na onipresença do espírito alienado, que, segundo sua gênese e seu sentido, não antecede à formação cultural, mas a sucede. Deste modo, tudo fica aprisionado nas malhas da socialização. [...] Símbolo de uma consciência que renunciou à autodeterminação, prende-se, de maneira obstinada, a elementos culturais aprovados. [...] Apesar de toda a ilustração e de toda informação que se difunde (e até mesmo com sua ajuda) a semiformação passou a ser a forma dominante da consciência atual. (ADORNO, 1996, p.389).

Entendemos que a semiformação na sociedade contemporânea representa o abandono em termos práticos daquilo que foi conservado enquanto ideologia. O esforço pela emancipação, em que se faz necessário o desenvolvimento da capacidade de autodeterminação autônoma, foi substituída pela imitação. Paradoxalmente, a simples capacidade de imitação já seria suficiente para qualificar o indivíduo na sociedade, assumindo-se como autonomia uma condição que em tudo se revela contrária ao próprio conceito. Na prática, e de forma imperceptível para a maioria, a imitação passou a ser cultivada como o principal valor,

sobrepondo-se aos ideais formativos tradicionais. Esses, por sua vez, já não correspondem às condições concretas da contemporaneidade. No contexto da indústria cultural, o ideal de individuação culturalmente herdado, foi substituído pelo aprimoramento da imitação. Uma falsa individuação é cultivada, tomando como base os modelos socialmente estabelecidos, divulgados pelos meios de comunicação de massa. Sobre este ponto, já afirmavam Adorno e Horkheimer na *Dialética do esclarecimento*:

A indústria cultural acaba por colocar a imitação como algo de absoluto. Reduzida ao estilo, ela trai seu segredo, a obediência à hierarquia social. [...] O denominador comum “cultura” já contém virtualmente o levantamento estatístico, a catalogação, a classificação que introduz a cultura no domínio da administração. Só a subsunção industrializada e consequente é inteiramente adequada a esse conceito de cultura. Ao subordinar da mesma maneira todos os setores da produção espiritual a este fim único: ocupar os sentidos dos homens da saída da fábrica, à noite, até a chegada ao relógio do ponto, na manhã seguinte, com o selo da tarefa de que devem se ocupar durante o dia. (1985, p.123).

De acordo com a teoria adorniana, podemos observar que a popularização da arte e do acesso à formação, trouxeram consigo alterações importantes em relação à cultura tradicional. Tais modificações refletem a influência da ordem econômica no contexto cultural. A democratização do acesso não significou a superação das contradições sociais, nem mesmo o real nivelamento da cultura entre as classes sociais. A aparente integração das camadas sociais teria escondido as condições concretas em que a desigualdade é preservada mais intensamente, devido ao verniz social obtido pela cultura da integração. No contexto da semiformação, desenvolve-se a impressão de estar sempre bem informado, integrado e diante de múltiplas oportunidades, enquanto na realidade as relações sociais são marcadas por profundo antagonismo, e a formação cultural é substituída por uma pseudoformação.

Os antagonismos não são superados pela acessibilidade cultural, mas preservados em suas bases concretas. Prevalecem as ambiguidades sociais em termos de divisão de classes, somente superadas por situações de exceção, permitidas antecipadamente como mecanismo de manutenção da ideologia integradora. Obviamente o potencial formativo ideologicamente cultivado, ou seja, o desenvolvimento da autonomia intelectual e a autorreflexão são eliminados durante o processo, restando na prática sua dimensão oposta.

Analizando a cultura em bases concretas, haveria o fundamento material do sistema produtivo, sustentando o edifício ideológico. De acordo com a interpretação de Maar (2003b, p.23), a conversão da cultura em mercadoria reflete a totalidade cultural, estruturada sob os valores de mercadorias na própria formação social. O plano das necessidades sensíveis vincular-se-ia aos valores de uso dos bens na sociedade de consumo. O esclarecimento como consciência de si, como autoconscientização, estaria condicionado no contexto da indústria cultural à falsa experiência afirmativa de valores pré-estabelecidos, resultando na formação enquanto satisfação provocada pelo consumo de bens culturais. Este tipo de satisfação dos sentidos, embora real e concreta, travaria as possibilidades de ampliação da experiência formativa, algo semelhante ao processo de regressão dos sentidos, pelo atrofiamento das capacidades cognitivas¹⁴.

Podemos compreender que a formação cultural (*Bildung*) cultivada pelos ideais formativos tradicionais, sofreu profundas alterações no contexto da indústria cultural. A semiformação (*Halbbildung*) definiria as condições formativas dessa realidade contemporânea, indicando a desfiguração dos princípios da formação em meio a dinâmica econômica. É importante salientar a diferença da semiformação para a formação incompleta ou interrompida. A semiformação não seria a formação em curso, pela metade, mas a desfiguração dos ideais formativos tradicionais, um processo que reflete e corrobora os valores e tendências dominantes da sociedade capitalista contemporânea. Nesta, os espaços para as dúvidas e para a autorreflexão são reduzidos, na mesma medida e quem se cultiva a ilusória abertura reflexiva. Neste sentido, Adorno conclui na *Teoria da semicultura*:

A dúvida sobre o valor claramente ilustrado de popularizar a formação cultural nas condições presentes apresenta-se sob a suspeita de reacionarismo. [...] a concepção dialética não se engana sobre a ambiguidade do progresso em plena totalidade repressiva. O que os antagonismos enraízam é que todos os progressos em relação à consciência da liberdade cooperaram para que persista a falta de liberdade. [...] O entendido e experimentado medianamente – semi-entendido e semi-experimentado – não constitui o grau elementar da formação, e sim seu inimigo mortal. Elementos que penetram na consciência sem fundir-se em sua continuidade, transformam-se em substâncias tóxicas e,

¹⁴ Sobre esta questão, conferir ADORNO, T. W. O fetichismo na música e a regressão da audição. In: **Os pensadores**: textos escolhidos. Trad. Luiz João Baraúna. 1. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1983. p. 65-108.

tendencialmente, em supertições, até mesmo quando as criticam [...] Elementos formativos inassimilados fortalecem a reificação da consciência que deveria justamente ser extirpada pela formação. (ADORNO, 1996, p.402-403).

Zuin (1999, p.157) afirma que, atualmente, a elaboração de concepções educacionais que se identifiquem com o objetivo crítico de expor os antagonismos sociais e culturais em vez de ocultá-los, poderia contribuir, ainda, para o desenvolvimento da autorreflexão sobre a formação, convertida em semiformação. A crítica do domínio ideológico necessitaria estar presente durante toda a realização do processo educativo, tanto dentro quanto fora das escolas. Seria necessária a postura de não se aquietar diante da dissimulação do processo pseudoformativo atual, destinado a concordar com a semicultura desde os primeiros anos da formação, desviando-se totalmente do sentido da emancipação pela *Bildung*. Desse modo, se faria justiça àqueles que são cotidianamente injustiçados, justamente porque suas existências desiguais são verdadeiramente afirmadas como tais, sem eufemismos. Segundo o autor, a teoria adorniana expõe que a luta pela verdadeira felicidade deveria estar atrelada ao reconhecimento do estado atual de infelicidade.

Podemos ainda acrescentar mais algumas considerações de Adorno sobre o papel da educação crítica no contexto da indústria cultural. Nas seguintes passagens de *Educação e emancipação*, o autor apresenta situações práticas em que seria possível o exercício de ruptura crítica, direcionando o processo de descortinamento dos mecanismos de manipulação cultural veiculados pelos meios de comunicação de massa:

Por exemplo, imaginaria que nos níveis mais adiantados do colégio, mas provavelmente nas escolas em geral, houvesse visitas conjuntas a filmes comerciais, mostrando-se simplesmente aos alunos as falsidades aí presentes; e que se proceda de maneira semelhante para imunizá-los contra determinados programas matinais ainda existentes nas rádios, em que nos domingos de manhã são tocadas músicas alegres como se vivêssemos num “mundo feliz”, embora ele seja um verdadeiro horror, ou então que se leia junto com os alunos uma revista ilustrada, mostrando-lhes como são iludidas, aproveitando-se suas próprias necessidades impulsivas [...] Assim, tenta-se simplesmente começar despertando a consciência quanto a que os homens são enganados de modo permanente.[...] A consciência de todos em relação a essas questões poderia resultar dos termos de uma crítica imanente, já que nenhuma democracia normal

poderia se dar ao luxo de se opor de maneira explícita a um tal esclarecimento. (ADORNO, 2003a, p. 183).

Considerar de modo crítico a influência social no processo educativo serviria no sentido de evitar incoerências na formulação de estratégias e procedimentos. Evidencia-se que a indústria cultural possui imensa influência no processo formativo da sociedade contemporânea. Pensar a educação sem considerar o contexto social no qual os indivíduos estão inseridos é o mesmo que ignorar uma parte determinante da própria formação. Como afirma ainda o autor na *Teoria da semicultura*:

Reformas pedagógicas isoladas, embora indispensáveis, não trazem contribuições substanciais. Poderiam até, em certas ocasiões, reforçar a crise, porque abrandam as necessárias exigências a serem feitas aos que devem ser educados e porque revelam uma inocente despreocupação diante do poder que a realidade extrapedagógica exerce sobre eles. (ADORNO, 1996, p.388).

Entendemos, portanto, que o processo de domínio ideológico foi intensificado por intermédio da industrialização da cultura, observando-se a estreita relação dos mecanismos adotados pela indústria cultural em relação aos meios adotados pela propaganda, de modo a sustentar a manipulação dos desejos inconscientes das massas. A difusão em larga escala de bens culturais, manipulados para atender aos objetivos mercadológicos permeia os ambientes pedagógicos, dividindo espaço no processo formativo dos indivíduos. O planejamento da experiência pedagógica deveria, assim, considerar a influência do contexto extrapedagógico, prevendo ocasiões em que a cultura, em seus diversos modos de manifestação, seja analisada conscientemente, seja por meio de debates, ou seja, em atividades analíticas que propiciem o questionamento dos mecanismos de manipulação implícitos no processo formativo.

CAPÍTULO 4 – Alienação e adaptação social

O presente capítulo, irá expor, em termos gerais e aproximativos, o conceito de alienação, relacionado à questão da adaptação social no contexto do capitalismo tardio. Discutiremos em Adorno, o modo como o processo de alienação é intensificado, assumindo outras dimensões não especificados anteriormente pela definição marxiana do termo. Temos aqui o objetivo de analisar o modo como a alienação está implicada no processo formativo dos indivíduos, constituindo uma das dimensões de manifestação da cultura burguesa.

O conceito de alienação, a partir de Marx, foi utilizado para caracterizar as condições de trabalho dos operários no princípio do capitalismo. O antigo sistema artesanal foi substituído pela divisão de funções na fábrica, ocasionando uma relevante transformação nos modos de produção. Agora, em tal divisão, o operário não se reconhece no produto final de seu próprio trabalho, uma vez que sua atividade corresponde a uma ínfima parcela da produção. Diferente dos antigos artesãos, detentores de sua própria arte em todas as etapas de construção, o operário no capitalismo tem como característica marcante o afastamento ou a não-identificação em relação às condições concretas de vida. Como afirmam Marx e Engels em *A Ideologia alemã*:

O trabalho, único laço que os une ainda às forças produtivas e à sua própria existência, perdeu entre eles toda a aparência de manifestação de si, e só mantém sua vida estiolando-a. Nos períodos anteriores, a manifestação de si e a produção da vida material eram separadas pelo simples fato de que cabiam a pessoas diferentes e pelo fato de que a produção da vida material era ainda por manifestação de si de ordem inferior por causa do caráter limitado dos próprios indivíduos; hoje, manifestação de si e produção da vida material são de tal modo separadas que a vida material aparece como a finalidade, e a produção da vida material, isto é, o trabalho, como sendo o meio (sendo agora esse trabalho a única forma possível, mas, como vemos, negativa, da manifestação de si). (MARX; ENGELS, 2008, p.72).

Mészáros (2006, p.20) destaca a amplitude do termo “alienação” na teoria marxiana, afirmando que é possível inferir quatro formas distintas de alienação

vivenciadas pelo homem. A primeira seria o homem alienado da natureza, em que o trabalhador perde a relação com o produto, desvinculando-se da dimensão objetiva que envolve seu trabalho. A segunda forma de alienação seria observada no próprio processo interno de produção; o homem alienado não se reconhece em sua atividade e, por conseguinte, não encontra satisfação no que realiza, mas somente no resultado obtido pela troca de seu esforço por uma certa quantia em dinheiro, representada pelo salário. A terceira forma de alienação, do homem em relação ao seu ser genérico, constitui o estranhamento em relação à sua própria natureza, enquanto pertencente ao gênero humano; o homem distancia-se das reflexões sobre a generalidade humana, naturalizando suas atividades objetivas como se fossem projeções diretas de sua essência e, por isso, estranhando qualquer qualificação que aponte para um sentido mais amplo do gênero. A quarta forma de alienação, do homem em relação aos outros homens, liga-se às demais definições na medida em que este tende a tratar os outros da mesma forma como enxerga a si mesmo e relaciona-se com seu meio produtivo.

Podemos ressaltar, no contexto capitalista, o caráter descartável do trabalhador, distinguindo-se nisso do modo de produção tradicional. Antes, o trabalho do artesão não era facilmente substituído; cada um era senhor de sua arte e a individualidade (originalidade) de sua produção, sendo então valorizado por isso. Na indústria, observada por Marx e Engels, o operário desempenha função totalmente substituível; o que cada um faz outro pode fazê-lo, talvez por custo ainda menor e, conseqüentemente, produzindo mais lucro para o capitalista. Tal realidade é agravada pela condição de não participação do operário na administração das fábricas, assim como o total desconhecimento ou responsabilidade sobre o destino da produção; os lucros obtidos e a própria autoria da produção são creditados ao dono dos meios de produção ainda concretas vivenciadas. Ocorre a sobreposição de um tipo de mentalidade dominante sobre as demais, assumindo a qualidade de absoluta e excluindo a importância de afirmações divergentes. Em termos objetivos, o fenômeno da alienação tornaria possível o desenvolvimento da ideologia. Os homens não reconheceriam, no plano concreto da existência social o fato de produzirem suas próprias condições de vida, ao contrário, estariam ligados às explicações ideológicas da realidade, em que a criação e a ordenação da vida são atribuídas a forças exteriores, desconhecidas ou tidas como superiores. Tal

fenômeno representaria a inversão da consciência sobre a realidade, admitindo como natural a fragmentação do trabalho em que cabe a cada indivíduo somente uma parcela isolada em relação ao todo.

Na concepção marxiana, a luta de classes teria sido iniciada a partir da divisão do trabalho, essencialmente entre duas esferas bem definidas: o trabalho intelectual e o trabalho físico. No decorrer da história, coube à classe dominante o trabalho intelectual assim como coube à classe dominada o trabalho físico. Podemos considerar o conceito de trabalho alienado, a partir do que se afirma em *O capital*, nos seguintes termos:

O valor de uso de cada mercadoria encerra determinada atividade produtiva adequada a um fim, ou trabalho útil. Valores de uso não podem defrontar-se como mercadoria, caso eles não contenham trabalhos úteis qualitativamente diferentes. Numa sociedade cujos produtos assumem, genericamente, a forma de mercadoria, isto é, numa sociedade de produtores de mercadorias, desenvolve-se essa diferença qualitativa dos trabalhos úteis, executados independentemente uns dos outros, como negócios privados de produtores autônomos, num sistema complexo, numa divisão social do trabalho. (MARX, 1983, p.50).

Chauí (1990, p. 80), enfatiza que o processo de alienação se relaciona com o domínio ideológico, tendo em vista que a individualidade é invadida por modos de descrição da realidade exteriores às condições concreto a partir de elaborações ideológicas, exteriores aos próprios fatos. Como afirma a autora, nos seguintes termos:

A ideologia burguesa, através de seus intelectuais, irá produzir ideias que confirmem essa alienação, fazendo, por exemplo, com que os homens creiam que são desiguais por natureza e por talentos, ou que são desiguais por desejo próprio, isto é, os que honestamente trabalham enriquecem e os preguiçosos, empobrecem. Ou, então, faz com que creiam que são desiguais por natureza, mas que a vida social, permitindo a todos o direito de trabalhar, lhes dá iguais chances de melhorar – ocultando, assim, que os que trabalham não são senhores de seu trabalho e que, portanto, suas 'chances de melhorar' não dependem deles, mas de quem possui os meios e condições do trabalho. Ou, ainda, faz com que os homens creiam que são desiguais por natureza e pelas condições sociais, mas que são iguais perante a lei e perante o Estado, escondendo que a lei foi feita pelos dominantes e que o Estado é instrumento dos dominantes. (CHAUÍ, 1990, p.78-79).

De acordo com a teoria adorniana, o contexto do capitalismo tardio produz a intensificação do processo de alienação, isto porque a massificação e padronização da mentalidade coletiva tornou-se mais eficiente pelo aprimoramento dos veículos de comunicação. A esfera da individualidade é totalmente submetida ao contexto sócio-político, identificando-se com ideais coletivos orientados por interesses particulares. O domínio ideológico, cada vez mais sutil, universaliza valores que são originalmente oriundos de uma classe específica, a classe dominante, servindo assim para a reprodução e aprofundamento das condições antagônicas da sociedade, mantendo em essência a contradição da luta de classes.

A adoção de valores e ideais estranhos à realidade concreta indica a condição de alienação na qual os indivíduos estão inseridos. A indústria cultural no capitalismo tardio revelou-se como principal instrumento da disseminação da ideologia burguesa dominante, aprofundando e ampliando, nas classes dominadas, a subjugação aos ideais e modos de vida não correspondentes a sua história concreta. A alienação representa o efeito subjetivo compartilhado pela coletividade, no qual o indivíduo é incapaz de construir a consciência sobre a realidade vivida, assim como desenvolver os pré-requisitos para interpretar criticamente o processo de domínio vivenciado. Assim como afirmam Adorno e Horkheimer na *Dialética do esclarecimento*:

As massas desmoralizadas por uma vida submetida à coerção do sistema, e cujo único sinal de civilização são comportamentos inculcados à força e deixando transparecer sempre sua fúria e rebeldia latentes, devem ser compelidas à ordem pelo espetáculo de uma vida inexorável e de conduta exemplar das pessoas concernidas. A cultura sempre contribuiu para domar os instintos revolucionários, e não apenas os bárbaros. A cultura industrializada faz algo a mais. Ela exercita o indivíduo no preenchimento da condição sob a qual ele está autorizado a levar essa vida inexorável. O indivíduo deve aproveitar seu fastio universal como uma força instintiva para se abandonar ao poder coletivo de que está enfasiado. Ao serem reproduzidas, as situações desesperadas que estão sempre a desgastar os espectadores em seu dia-a-dia tornam-se, não se sabe como, a promessa de que é possível continuar a viver. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.143).

Marcuse em *Ideologia da Sociedade Industrial* (1973, p.29-31) observa que um dos aspectos mais perturbadores da civilização industrial é a racionalização da própria irracionalidade. O autor repensa o conceito marxiano de alienação,

observando que a produtividade e eficiência tecnológicas foram capazes de produzir o mundo como extensão da mente e do corpo. Na sociedade contemporânea, os indivíduos não estariam mais separados em relação aos produtos, mas, pelo contrário, identificam-se intensamente com estes, encontrando suas almas nos carros, casas e utensílios domésticos que podem adquirir. A objetivação intensa da ideologia representaria a etapa mais progressiva da alienação, desafiando qualquer tipo de resistência uma vez que assume a qualificação de consciência verdadeira, fundamentada a partir de noções empíricas que condenam como ideológica qualquer tipo de discordância.

No contexto da pós-modernidade, Bauman aprofunda a discussão caracterizando a atual sociedade como “sociedade de consumidores”, em que a alienação relacionada à identificação dos indivíduos aos itens de consumo é cada vez mais intensa. Em *Vida para o consumo* (2008, p.20), o autor analisa que, no início do capitalismo, a sociedade era ainda insipiente em relação ao aspecto de mercadoria que os próprios indivíduos assumiam nas relações comerciais. A sociedade modificou-se à medida que esses indivíduos passaram a assumir, em sua subjetividade, o aspecto mercadológico ressaltado por Marx, servindo para defini-los enquanto sujeitos. Assim, o próprio sujeito, ao constituir sua subjetividade, passou, necessariamente, a se identificar como mercadoria; o fato de consumidores reconhecerem-se claramente como mercadorias vendáveis seria a característica mais proeminente da contemporaneidade; cada um identifica-se assumindo um valor de mercado do mesmo modo que escolhem o consumo por determinado produto cultural ou material.

A influência freudiana¹⁵ é um traço característico dos filósofos frankfurtianos. Tanto Marcuse como Adorno fazem uso das categorias psicanalíticas, problematizando no contexto do capitalismo tardio determinados conceitos já empregados anteriormente pela tradição filosófica. Para Adorno, o processo de alienação seria semelhante a um tipo de psicose coletiva. Considera-se que os

¹⁵ Podemos notar que algumas questões como o processo de massificação já haviam sido discutidas por Freud, sobretudo nos textos referentes à relação do psiquismo com a sociedade. Destaque-se o seguinte trecho de *Psicologia de grupo e análise do ego*: “A massa é extraordinariamente influenciável e crédula; é desprovida de crítica; para ela, o improvável não existe. Ela pensa por imagens que se evocam associativamente uma às outras, tal como ocorre ao indivíduo nos estados do livre fantasiar, e nenhuma instância razoável afere sua correspondência com a realidade. Os sentimentos da massa são sempre muito simples e muito exagerados. Assim, a massa não conhece nem a dúvida nem a incerteza” (FREUD, 1974b, p. 101).

indivíduos particulares projetam sua identidade em padrões coletivos, identificando-se ao contexto da realidade vivenciada. Seria preciso compreender não somente a estrutura social da alienação, mas a relação com a economia psicológica atuante nesses indivíduos. Como afirma na *Teoria da semicultura*:

A chocante afinidade de um estado de consciência como o da semicultura com os processos psicóticos, inconscientes, seria uma enigmática harmonia preestabelecida se os sistemas delirantes não tivessem também, ao lado de seu valor e lugar na economia psicológica da pessoa individual, uma função social objetiva. [...] Quem dispensa a continuidade do juízo e da experiência se vê provido, por tais sistemas, apenas com esquemas para subjugar a realidade. De fato não alcançam a realidade, mas contentam-se em compensar o medo diante do incompreendido. Os consumidores de pré-fabricados psicóticos sentem-se resguardados, assim, por todos aqueles igualmente isolados, que, em seu isolamento numa alienação social radical, acabam unidos por uma insânia comum. (ADORNO, 1996, p.406).

Entendemos que o uso do referencial psicanalítico serve para expor a dimensão particular do processo de alienação, desenvolvido pela teoria marxiana em termos sociais e coletivos. A estrutura social, constituída de determinado modo de produção, de relações sociais e valores que são reproduzidos na cultura, produz efeitos no psiquismo dos indivíduos que não podem ser ignorados. As categorias psicanalíticas teriam a função de manter na discussão a dimensão do indivíduo com suas particularidades, conservando o elemento imponderável da diferenciação, importante para crítica que pretende evitar as totalizações sistemáticas. É possível notar o uso do referencial psicanalítico em diversos pontos da obra do autor. Na *Dialética do esclarecimento*, em parceria com Horkheimer, o conceito de alienação já era discutido em relação ao contexto da semicultura, como é expresso nos seguintes termos:

A falsa projeção é o usurpador do reino da liberdade e da cultura; a paranoia é o sintoma do indivíduo semicultivado. Para ele, todas as palavras convertem-se num sistema alucinatório, na tentativa de tomar posse pelo espírito de tudo aquilo que sua experiência não alcança, de dar arbitrariamente um sentido ao mundo que torna o homem sem sentido, mas ao mesmo tempo se transformam também na tentativa de difamar o espírito e a experiência de que se está excluído e de imputar-lhes a culpa que, na verdade, é da sociedade que o exclui do espírito e da experiência. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.182).

Nesse trecho, os autores utilizam pela primeira vez o conceito “semicultivado”, indicando o problema da formação e sua relação com o aprofundamento do processo de alienação. A alienação seria o resultado da perda histórica em relação ao potencial crítico ou autorreflexivo dos indivíduos, verificado na sociedade contemporânea. Decorre do não desenvolvimento de características importantes para o processo formativo, assim como o surgimento de mecanismos que dificultam ou inviabilizam por completo tal desenvolvimento. O meio pedagógico é invadido, sistematicamente, pela esfera extrapedagógica, fazendo com que o processo de integração envolva a todas as classes sociais, mesmo aquelas consideradas “privilegiadas” pelo acesso amplo à cultura erudita. A televisão, o rádio e atualmente a internet – com suas redes sociais – executa de forma intensa a integração. Contudo, é importante notar que tal processo sustenta os antagonismos sociais, fazendo crer que as distâncias sociais diminuíram ao passo que os antagonismos sociais são ainda evidentes¹⁶.

Vilela (2007, p.233) considera que a teoria adorniana já indica a discussão, ainda atual, sobre a democratização do acesso à educação, discutindo se o aumento das oportunidades educacionais teria resultado numa melhor formação para o povo em geral. Os indivíduos, ao serem agraciados com o acesso a bens culturais e o direito à escola tiveram a sensação de tratamento igualitário, ou seja, a diminuição do desfavorecimento cultural por um lado, e dos privilégios por outro¹⁷. Entretanto, na prática, o acesso à cultura teria ocorrido no sentido de um tipo de educação desvirtuado dos objetivos formativos fundamentais, servindo mais para a manutenção das condições antagônicas da sociedade; a deformação das consciências seria produto de tal processo e não o esclarecimento.

Para a autora, o aspecto de denúncia da teoria adorniana, em relação à educação vigente àquela época, possui ainda implicações na discussão atual. Isso porque, atualmente, no contexto multicultural e globalizado, a discussão sobre as práticas democráticas e inclusivas ocupam posição de destaque, recolocando em questão a prevalência de padrões massificados na educação. A democratização do acesso aos bens culturais, um processo ainda inconcluso, seria realizado por meio

¹⁶ Conferir citação na pag. 47-48 deste trabalho (ADORNO, 1996, P.402-403).

¹⁷ Sobre a questão dos privilégios e o desfavorecimento cultural, conferir a referência à Pierre Bourdieu (2005, p.41) nas páginas 25-26 deste trabalho.

do amplo processo de padronização dos bens culturais. Tal difusão, sistemática e massificada, traria como efeito secundário, o esvaziamento do potencial crítico da formação, uma vez que o poder da coletividade e da não-particularidade se sobrepõe ao desenvolvimento da identidade autônoma dos indivíduos.

De acordo com a crítica adorniana, a reprodução massificada da cultura é realizada em detrimento de aspectos importantes da constituição individual, como a autonomia e a identidade, reproduzindo a deformação da própria cultura em seus elementos fundamentais. Tal processo retira o potencial formador, e, por conseguinte, a possibilidade de desenvolvimento crítico pelo contato com tais elementos. Em vez de preparar os indivíduos para exercerem sua razão e sensibilidade, capacitando-os a determinar suas próprias escolhas na sociedade, a formação contemporânea destina-se, principalmente, a adaptação ou integração dos indivíduos à sociedade administrada. O conceito de semiformação delineia-se objetivamente a partir da compreensão sobre o processo formativo danificado; isto ocorre porque as estruturas formativas sofrem alterações, simplificando e sistematizando conteúdos que, por essência, teriam uma natureza voltada para a emancipação humana. Desse modo, o autor afirma em *Teoria da semicultura*:

A sensação de não despertar diante do poder do existente, de ter que capitular à sua frente, paralisa até os movimentos que impelem ao conhecimento. O que se apresenta ao sujeito como inalterável se fetichiza, torna-se impenetrável e incompreendido. [...] A semicultura é defensiva: exclui os contatos que poderiam trazer à luz algo de seu caráter suspeito. E o que dá origem às formas psicóticas de reação ao social não é a complexidade, e sim a alienação; a psicose em si é a alienação objetiva de que o sujeito se apropriou até o mais íntimo. Os sistemas delirantes coletivos da semiformação cultural conciliam o incompatível; pronunciam a alienação e a sancionam como se fosse um obscuro mistério e compõem um substitutivo da experiência, falso e aparentemente próximo, em lugar da experiência destruída. (ADORNO, 1996, p.407).

Na semiformação, os valores da formação cultural são capturados pela lógica capitalista, servindo a objetivos essencialmente contrários. Como foi dito anteriormente¹⁸, os ideais de autonomia e liberdade, presente na tradição da *Bildung* alemã, são assumidos no plano meramente ideológico, reforçando a adaptação às

¹⁸ Conferir Capítulo 1 *O processo histórico de defasagem cultural* (p. 17-27), deste trabalho.

condições sociais antagônicas. A alienação manifesta-se pela incompreensão da realidade vivenciada, havendo distorções entre o que se acredita como cultura e o que esta oferece realmente. Oliveira e Zuin (2001, p.567) comentam as consequências contemporâneas da formação cultural lesada, ou semiformação. As pessoas seriam levadas a estabelecer relações socioculturais de modo alienado, consequência do desenvolvimento deficiente em relação à capacidade de compreender criticamente a realidade na qual estão inseridas.

Para Jaehn (2008, p.127-128), embora a teoria adorniana não esteja vinculada a conteúdos político-partidários, não se pode ignorar o fundamento essencialmente político, presente na reformulação crítica do conceito de formação cultural (*Bildung*). A reelaboração do projeto emancipatório, tendo como princípio a autonomia e a manifestação livre em meio à diversidade, são elementos centrais no exercício da democracia, possíveis somente com a elaboração crítica do pensamento frente à realidade. Em *Educação e emancipação*, Adorno esboça sua concepção inicial sobre a função educacional, nos seguintes termos:

Assumindo o risco, gostaria de apresentar a minha concepção inicial de educação. Evidentemente não a assim chamada modelagem de pessoas, porque não temos o direito de modelar pessoas a partir do seu exterior; mas também não a mera transmissão de conhecimentos, cuja característica de coisa morta já foi mais do que destacada, mas a produção de uma consciência verdadeira. Isto seria inclusive da maior importância política; sua ideia, se é permitido dizer assim, é uma exigência política. Isto é: uma democracia com o dever de não apenas funcionar, mas operar conforme seu conceito, demanda pessoas emancipadas. Uma democracia efetiva só pode ser imaginada enquanto uma sociedade de quem é emancipado. (ADORNO, 2003a, p.142).

Adorno considera que há, no contexto formativo, uma ambiguidade a ser enfrentada, justamente entre a necessidade inquestionável de formar indivíduos para se adaptarem às condições da sociedade, e o esforço crítico de resistência aos imperativos sociais, que são utilizados no sentido de conservar a estrutura de exploração e domínio. Dialeticamente, essas forças antagônicas são mantidas, contudo numa relação dinâmica, em que o equilíbrio só poderia ser mantido em termos teóricos. Na realidade, tais forças estão em constante desequilíbrio; dependeria da consciência interpretar suas relações tornando-as claras, assim como

se apresentam em sua forma antitética, ou seja, a partir de antíteses irreconciliáveis. Desse modo, afirma ainda em *Educação e emancipação*:

A educação seria impotente e ideológica se ignorasse o objetivo de adaptação e não preparasse os homens para se orientarem no mundo. Porém ela seria igualmente questionável se ficasse nisto, produzindo nada além de *well adjusted people*, pessoas bem ajustadas, em consequência do que a situação existente se impõe precisamente no que tem de pior. Nestes termos, desde o início existe no conceito de educação para a consciência e para a racionalidade uma ambiguidade. Talvez não seja possível superá-la no existente, mas certamente não podemos nos desviar dela. (ADORNO, 2003a, 143-144).

De acordo com Vilela (2007, p.231), o conceito adorniano de formação cultural não pode ser compreendido de forma restrita à cultura alemã; tomando-o em termos gerais, tal compreensão poderia auxiliar na análise contemporânea da vida social e os desdobramentos atuais das questões formativas. Seria, ainda, atual na reflexão sobre a legitimação do exercício crítico e autocrítico dos indivíduos em relação à existência, assim como as condições concretas em que vivem. Tal prática, fundamentada no projeto formativo emancipatório, reformula os objetivos da *Bildung* no contexto presente, tratando objetivamente a questão da predominância da adaptação e do conformismo na formação dos indivíduos.

É importante ressaltar a forma dinâmica e dialética em que a formação é concebida; o “campo de forças” do processo formativo não pode estar congelado em categorias fixas. Seria necessário interpretar criticamente o movimento histórico, compreendendo as modificações de uma época para outra. Adorno observou que, na contemporaneidade, o momento de adaptação prevalece, sobrepondo-se ao desenvolvimento da consciência individual e autônoma. Nesse contexto, a resistência crítica no campo da educação seria a única alternativa viável para o desenvolvimento da consciência individual, autônoma, opondo-se às pressões da coletividade. Assim, a experiência formativa é valorizada em seu aspecto fragmentário, permitindo as rupturas com os padrões gerais, sistematizados pelas ideologias dominantes¹⁹.

¹⁹ Conferir o Capítulo 2 *O domínio ideológico no capitalismo tardio* (p. 28-35) deste trabalho, sobretudo a referência à Bauman (2008). O autor nessa, e em outras obras como *Modernidade líquida* (2000), irá tratar do tema da fragmentação da cultura no contexto atual da pós-modernidade.

Podemos observar que o conceito de alienação está presente na análise adorniana sobre o processo formativo, correspondendo às consequências subjetivas do domínio ideológico, observadas no desenvolvimento histórico da sociedade burguesa. A condição de alienação, observada pela tradição marxiana, é retomada pelo autor na análise do capitalismo tardio, em que o processo de integração entre as camadas sociais aprofundaria o domínio ideológico, por meio da ampla difusão de padrões socialmente aceitos. A percepção sobre a perda cultural relativa aos bens formativos, assim como a compreensão histórica sobre a defasagem no que tange às características emancipatórias do processo formativo, são ignorados pelos indivíduos, ofuscados pela aderência aos padrões massificados da cultura. Restaria à educação voltar-se para a resistência crítica, em atividades que produzissem a ruptura significativa, ao questionar deliberadamente a constituição da sociedade. Uma das tarefas seria descortinar os antagonismos sociais e as possibilidades concretas de formação ampla da consciência, o que representaria a reelaboração do conceito de formação cultural (*Bildung*) no presente. Semelhante iniciativa traria como desafio inicial, a reflexão sobre as próprias condições subjetivas de alienação, herdadas historicamente.

CAPÍTULO 5 – O predomínio da razão instrumental

Discutiremos, neste capítulo, o predomínio da razão instrumental em relação aos demais aspectos da razão, observando o modo como tal característica prevalece na sociedade burguesa, analisando seus efeitos no âmbito da educação e do processo formativo, em que as possibilidades humanas são reduzidas à lógica de mercado.

A crítica adorniana sobre a formação em sentido amplo e a atividade educacional, possui como cerne a constatação a respeito do predomínio da dimensão técnica do conhecimento, em contraste com os ideais formativos da tradição da *Bildung*. Contrariamente à formação cultural em que o indivíduo seria formado para a autonomia e a individualidade, percebeu-se, na sociedade contemporânea, o processo unidimensional da razão, sobrepondo um único aspecto da racionalidade, a saber, a razão instrumental, sobre todas as outras dimensões da manifestação humana, incluindo a ética e a estética.

Weber (2009, p.530-540) já indicava que o “progresso” para o Estado burocrático estava ligado à administração racional em conexão íntima com o capitalismo moderno. O desenvolvimento do modo capitalista seria fundamentado internamente pelo cálculo, a existência de normas gerais fixas, princípios racionais e o rendimento provável tornando seu funcionamento semelhante à uma máquina. A complexidade das associações em todos os setores, desde os sistemas produtivos, organização comercial, até os órgãos de Estado, teria exigido cada vez mais a especialização como pressuposto para o êxito no cumprimento de funções. Quanto maiores as associações, mais complicadas suas tarefas, e maior exigência de treinamento especializado era requerida. Tal processo teria ganhado grande força a partir da Primeira Grande Guerra, contudo, segundo o autor, já havia um processo em andamento antes disso, envolvendo universidades, escolas superiores técnicas e comerciais, escolas industriais, academias militares, e escolas especializadas de todos os tipos.

Marcuse, em *A Ideologia da Sociedade Industrial* (1973, p.150-153), problematiza a questão, observando implicações histórico-políticas negativas no

predomínio da dimensão técnica da razão na sociedade ocidental. A técnica e o universo tecnológico teriam adotado a noção de neutralidade oriunda da ciência positivista, produzindo consequências contraditórias. A neutralidade, já questionável no âmbito da própria ciência pura, torna-se, no contexto das relações sociais, um modo de ofuscar o uso arbitrário da técnica enquanto instrumento de controle e dominação social. Seguindo o procedimento da ciência positivista, que despojou a matéria das qualidades não quantificáveis, a sociedade adotou o procedimento técnico de ajustar e relacionar os indivíduos de acordo com medidas calculáveis, determinando as unidades de tempo e as formas de trabalho na experiência cotidiana.

Freud, em *Mal-estar na Civilização* (1974c, p.107), já havia abordado de modo crítico os avanços das ciências naturais e suas aplicações técnicas. Nesse texto, afirma que os extraordinários progressos que consolidaram o domínio sobre a natureza de forma impensável no passado, embora dignos de reconhecimento, não teriam proporcionado a elevação no grau de satisfação e prazer que os indivíduos esperam da vida. A disposição sobre o espaço e o tempo e a sujeição das forças naturais não teriam tornado, segundo se verificou, o ser humano plenamente feliz. Dessa constatação, seria necessário considerar que o poder sobre a natureza e as possibilidades técnicas oriundas de tal progresso, embora possuindo valor na economia da felicidade, não seria capaz de constituí-la de modo integral.

Podemos observar que o predomínio da razão instrumental se constitui como característica maior na sociedade burguesa. Nesse sentido, Adorno e Horkheimer afirmaram:

A sociedade burguesa está dominada pelo equivalente. Ela torna o heterogêneo comparável, reduzindo-o a grandezas abstratas. Para o esclarecimento, aquilo que não se reduz a números e, por fim, ao uno, passa a ser ilusão: o positivismo moderno remete-o para a literatura. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.23).

Por meio do pensamento dialético, os autores expõem os antagonismos existentes no processo aparentemente positivo do conhecimento, no qual subjazem elementos que se contrapõem ao próprio esclarecimento. A análise sobre as

ambiguidades do progresso científico e tecnológico são a marca dessa obra. O termo “dialética” é utilizado para expor elementos não aparentes, ofuscados pela sobreposição de determinados aspectos da racionalidade sobre os demais. Como é expresso em outra passagem do mesmo texto:

A naturalização dos homens hoje em dia não é dissociável do progresso social. O aumento da produtividade econômica, que por um lado produz as condições para um mundo mais justo, confere por outro lado ao aparelho técnico e aos grupos sociais que o controlam uma superioridade imensa sobre o resto da população. O indivíduo se vê completamente anulado em face dos poderes econômicos. Ao mesmo tempo, estes elevam o poder da sociedade sobre a natureza a um nível jamais imaginado. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.14).

Em outro trecho, os autores ainda afirmam:

A técnica é a essência desse saber, que não visa conceitos e imagens, nem o prazer do discernimento, mas o método, a utilização do trabalho de outros, o capital. [...] O que os homens querem aprender da natureza é como empregá-la para dominar completamente a ela e aos homens. Nada mais importa. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.20).

Entendemos que, gradativamente, a dimensão técnica sobrepôs-se às outras áreas do conhecimento. O positivismo²⁰ sustentou por muito tempo a coerência do avanço científico, salientando o progresso do esclarecimento na sociedade moderna. As ambiguidades sociais ficaram eclipsadas pelo intenso otimismo provocado pelas invenções e novidades que, teoricamente, tornariam a vida do ser humano cada dia melhor. Com o progresso do esclarecimento, a ideia de formação cultural enquanto formação ampla, destinada a desenvolver atributos de autodeterminação, foi sendo restringida ao conhecimento pontual, ligado a dimensões específicas do saber. A supervalorização do aspecto técnico da razão

²⁰ Aqui nos referimos à corrente filosófica surgida na França, no princípio do século XIX, tendo como principais idealizadores os filósofos August Comte e John Stuart Mill. É importante notar que os princípios do positivismo, pautados pela demonstração e experimentação científica como meio exclusivo de validação do conhecimento, ganhou força na Europa durante o século XIX e início do século XX, sofrendo alterações e reformulações, como foi o caso do neopositivismo, ou positivismo lógico, desenvolvido no início do século XX pelo Círculo de Viena, tendo como principais expoentes os filósofos Rudolf Carnap e Otho Neurath.

tornou outras áreas do saber algo meramente “decorativo”, descontextualizado e socialmente desvalorizado. Como afirma o autor em *Educação e emancipação*:

Um mundo em que a técnica ocupa uma posição tão decisiva como acontece atualmente, gera pessoas tecnológicas, afinadas com a técnica. Isto tem a sua racionalidade boa: em seu plano mais restrito elas serão menos influenciáveis, com as correspondentes consequências no plano geral. Por outro lado, na relação atual com a técnica existe algo de exagerado, irracional, patogênico. Isto se vincula ao ‘véu tecnológico’. Os homens inclinam-se a considerar a técnica como sendo algo em si mesma, um fim em si mesmo, uma força própria, esquecendo que ela é a extensão do braço dos homens. Os meios – e a técnica é um conceito de meios dirigidos à autoconservação da espécie humana – são fetichizados, porque os fins – uma vida humana digna – encontram-se encobertos e desconectados da consciência das pessoas. (ADORNO, 2003a, p.132).

Na *Teoria da semicultura* Adorno aprofunda a questão, discutindo o predomínio da razão instrumental conjugada ao empobrecimento da formação cultural. A manutenção do *status quo* na sociedade contemporânea seria determinada pela prevalência da razão instrumental na dinâmica social, impondo-se sobre outros aspectos da razão não somente nos meios produtivos, no comércio e nas relações sociais, mas também nos sistemas formativos, os quais, por serem envolvidos pela dinâmica social, acabam refletindo seus valores e o modo de funcionamento dominante. Sobre este ponto, o autor afirma:

Na verdade, o progresso evidente, a elevação geral do nível de vida com o desenvolvimento das forças produtivas materiais, não se manifesta nas coisas espirituais com efeito benéfico. As desproporções resultantes da transformação mais lenta da superestrutura em relação à infra-estrutura aumentaram o retrocesso da consciência. A semiformação assenta-se parasitariamente no *cultural lag*²¹. Dizer que a técnica e o nível de vida mais alto resultam diretamente no bem da formação, pois assim todos podem chegar ao cultural, é uma ideologia comercial pseudodemocrática. (ADORNO, 1996, p.401).

²¹ A expressão em língua inglesa refere-se ao atraso ou retardamento cultural. HARLAND, M.B.A. Collins GEM Dictionary. Collins Clear-Type Press, London, ENG, 1986.

No ensaio *Cultura e administração* (2004, p.117-128), publicado inicialmente em 1960, o autor analisa a tendência à administração totalitária, imanente à expansão da sociedade em que prevalece o pensamento a partir de equivalentes. A penetração da racionalização, em dimensões anteriormente, isentas desse domínio, seria responsável pelo efeito totalizador das relações de troca; tal processo ocorreria no interior das relações produtivas, multiplicando-se por si mesmo. As diferenças qualitativas entre os setores do pensamento e da produção humana, assim como seu sentido particular, seriam reduzidas pela racionalidade administrativa, aplicando a comensurabilidade a todos os objetos; desse modo, vê-se diminuída a capacidade de resistência frente à administração.

Desnecessário é salientar novamente a influência marxiana na crítica do autor²². Entretanto, podemos pontuar que o predomínio do conhecimento instrumental teria ocorrido em concomitância com o processo histórico de luta de classes, realizado na sociedade burguesa a partir da contradição fundamental entre burguesia e proletariado. A técnica, aplicada aos mecanismos de reprodução da indústria cultural, serviria como meio eficiente no processo de domínio ideológico, aprofundando as condições de alienação. A centralidade da dimensão instrumental da razão acompanharia a divisão social de classes, desfigurando a antiga ideia de formação cultural enquanto desenvolvimento amplo dos diversos aspectos e potencialidades da razão e do indivíduo. Permaneceu o valor da utilidade imediata, vinculado às funções que devem ser executadas de acordo com as divisões sociais estabelecidas.

Maar (2003b, p.19) observa que Adorno, em seus debates sobre os problemas educacionais, sinaliza a relação entre a formação dos indivíduos e a forma social assumida pelo trabalho. No capitalismo tardio, a forma social de trabalho seria caracterizada pela conversão progressiva da ciência e tecnologia em força produtiva. A dinâmica em torno das taxas de lucro, a manutenção de níveis elevados de produção e consumo, e seus resultados contraditórios na realidade social, seriam elementos indicadores da influência da ciência-técnica na dissolução da experiência formativa a partir do trabalho social nos termos vigentes. A crise do processo formativo e educacional seria uma conclusão inevitável da dinâmica atual do

²² Conferir os Capítulos 2, 3 e 4 deste trabalho.

processo produtivo²³. Sobre esta questão, Adorno afirma em *Educação e emancipação*:

A sociedade burguesa encontra-se subordinada de um modo universal à lei da troca, do 'igual por igual' de cálculos que, por darem certo, não deixam resto algum. Conforme sua própria essência, a troca é atemporal, tal como a própria razão, assim como, de acordo com sua forma pura, as operações da matemática excluem o momento temporal. Nesses termos, o tempo concreto também desapareceria da produção industrial. Esta procede sempre em ciclos idênticos e pulsativos, potencialmente de mesma duração e praticamente não necessita mais da experiência acumulada. (ADORNO, 2003a, p.33).

Observamos o direcionamento unilateral da razão, o que exigiria o esforço de romper com padrões estabelecidos, assegurando que os princípios da formação cultural sejam de algum modo preservados em meio à sociedade contemporânea. Devido ao comprometimento da formação pela industrialização cultural, caberia aos processos educativos investir na abertura de perspectiva em relação à razão instrumental, permitindo o desenvolvimento da razão emancipatória. A educação, por sua vez, teria como objetivo tentar garantir a viabilidade de tal empreendimento investindo no exercício da autorreflexão crítica, tendo o desenvolvimento da consciência como um dos fatores básicos da formação no contexto contemporâneo. Como afirma Adorno em *Educação e emancipação*:

Mas aquilo que caracteriza propriamente a consciência é o pensar em relação à realidade, ao conteúdo – a relação entre as formas e estruturas de pensamento do sujeito e aquilo que este não é. Este sentido mais profundo de consciência ou faculdade de pensar não é apenas o desenvolvimento lógico formal, mas ele corresponde literalmente à capacidade de fazer experiências. Eu diria que pensar é o mesmo que fazer experiências intelectuais. Nesta medida e nos termos que procuramos expor, a educação para a experiência é idêntica à educação para a emancipação. (ADORNO, 2003a, p.151).

²³ É interessante considerar sobre esse ponto as observações de Marilena Chauí, em que afirma: “O motor da dialética materialista é a forma determinada das condições de trabalho, isto é, das condições de produção e reprodução da existência social dos homens, forma que é sempre determinada por uma contradição interna, isto é, pela luta de classes ou pelo antagonismo entre proprietários das condições de trabalho e não proprietários [servos, escravos, trabalhadores assalariados]. (CHAUÍ, 1990, p.54).

Podemos ressaltar que o predomínio da razão instrumental, combinado com o empobrecimento da formação cultural, teria como consequência, na contemporaneidade, a perda de campo para o desenvolvimento da reflexão mais ampla sobre a realidade. Aspectos fundamentais da sociedade são suprimidos ou desvalorizados no processo formativo, devido à urgência de resultados necessariamente calculáveis; a análise sobre as possibilidades de emancipação pressupõe a ampliação do questionamento sobre o tema.

Seria interessante discorrer sobre as dimensões da racionalidade ignoradas pelo predomínio da razão instrumental, percebendo a leitura crítica e as implicações para a educação. Adorno e Horkheimer na *Dialética do esclarecimento* (1985, p.50) consideravam que o progresso da dominação traz consigo, dialeticamente, a possibilidade do seu abrandamento. O pensamento que serviu para distanciar o homem de si mesmo e da natureza, pode servir de outro modo, para realizar a tomada de consciência, concebendo possibilidades de emancipação frente à história real do sofrimento decorrente de tal processo.

Consideramos que a análise adorniana expõe as ambiguidades sociais para, a partir daí, construir a leitura sobre a realidade que seja mais adequada ao contexto presente. A Teoria Crítica retoma o projeto emancipatório da razão mediante o processo formativo, entretanto, não ignora as dificuldades impostas pela sociedade contemporânea para sua efetiva realização. Como ponto central do desenvolvimento da sociedade burguesa está o predomínio da técnica em todos os âmbitos da vida, desde a produção material até a reprodução do conhecimento, destinado às finalidades úteis para o mercado. Esse quadro social e formativo fundamenta os grandes desafios colocados à educação contemporânea.

PARTE 2

POSSIBILIDADES E IMPEDIMENTOS PARA A FORMAÇÃO CRÍTICA IMPLICADOS À CRISE DA EDUCAÇÃO

Nesta parte do trabalho, analisaremos as possibilidades e impedimentos para a formação crítica, enquanto reelaboração contemporânea do conceito de formação cultural (*Bildung*), sob a perspectiva da teoria adorniana. Para tanto, será necessário considerar a análise do autor sobre o contexto social antagônico, fundamentado em antíteses bem definidas; compreender as antíteses como fundamentos da realidade concreta redefinindo os objetivos éticos da educação de modo a refletir criticamente sobre os acontecimentos históricos para que episódios desastrosos não voltem a se repetir. Tal encaminhamento negativo da ética, destinado a evitar conscientemente o predomínio de tendências uniformizadoras estaria em concordância com o processo de elaboração crítica. A elaboração, de natureza psicanalítica, ao ser adotada no processo formativo serviria também como instrumento de construção da consciência histórica e crítica. Por fim, analisaremos a abordagem do autor sobre a dimensão estética, enquanto aspecto fundamental a ser considerado na formação crítica. Trataremos do modo como o autor adota, na esfera da reflexão filosófica, o estilo ensaístico, enquanto exemplificação de ruptura estética em relação ao predomínio de padrões uniformes. Esta prática, levada ao âmbito da educação, poderia fundamentar a busca por experiências críticas de ruptura em relação aos padrões sistemáticos do meio pedagógico, e à outras experiências de resistência cultural, voltadas para o desenvolvimento da autonomia.

CAPÍTULO 6 – As antíteses como fundamento da formação

Discutiremos, aqui, a estrutura teórica adotada pelo pensamento adorniano na interpretação do processo formativo, salientando as antinomias básicas que envolvem a questão.

Observa-se que, no processo formativo, o anseio por liberdade contrapõe-se frequentemente às condições concretas, estabelecidas em estruturas heterônomas de poder, previamente determinadas. Tais estruturas não são totalmente conhecidas, impondo-se às individualidades de forma silenciosa. As condições concretas da sociedade mudam no decorrer da história, acompanhando as mudanças peculiares de cada geração. O impulso de resistência choca-se à necessidade, imperativa, de adaptação ao meio existente como forma de sobrevivência, sendo que caberia a autorreflexão crítica expor tais relações, indicando possibilidades e impedimentos para o exercício da autonomia.

De acordo com a teoria adorniana, o processo histórico seria composto de tensões antitéticas imanentes à própria dinâmica social. Adorno, em parceria com Horkheimer, estabelece a relação entre os avanços técnicos do conhecimento e a conservação de episódios de extermínio e exploração humana. Segundo os autores frankfurtianos, a relação entre esclarecimento e destruição estaria presente em toda a história da sociedade, não sendo exclusivo de determinada época. O processo dinâmico entre momentos de estagnação e de ruptura refletiria a antítese entre o anseio por autonomia e a imposição das estruturas sociais²⁴. Como afirmam no seguinte trecho da *Dialética do esclarecimento*:

A história da civilização é a história da introversão do sacrifício. Ou por outra, a história da renúncia. Quem pratica a renúncia dá mais de sua vida do que lhe é restituído, mais do que a vida que ele defende. Isso fica

²⁴ Adorno apresenta a influência da teoria freudiana ao longo de toda sua obra. Podemos destacar o seguinte trecho das *Mínima moralia*: “Pois o sacrifício exigido pela sociedade é tão universal que de fato ele só se patenteia na sociedade como um todo e não no indivíduo. É como se a sociedade tivesse trazido a si a doença de todos os indivíduos; nela o mal subjetivo cravado no indivíduo é integrado com o mal objetivo, na acumulada insânia das ações fascistas e em todas as suas incontáveis prefigurações e mediações” (ADORNO, 2008, p.55).

evidente no contexto da falsa sociedade. Nela cada um é demais e se vê logrado. Mas é por uma necessidade social que quem quer que se furte à troca universal, desigual e injusta, que não renuncie, mas se agarre imediatamente ao todo inteiro, por isso mesmo há de perder tudo, até mesmo o resto miserável que a autoconservação lhe concede. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.60-61).

Segundo os autores, o processo civilizatório traria consigo a relação com seu contrário, o impulso anticivilizatório. É importante salientar a influência da psicanálise nessa concepção, desenvolvida por Freud especialmente em *Mal-estar da civilização* (FREUD, 1974c, p.118). A coerção social sobre o indivíduo seria inerente ao desenvolvimento da civilização, na qual impõe-se a submissão da liberdade natural como condição necessária ao convívio em grupo. Ao mesmo tempo em que a adaptação permite a convivência, quando levada ao extremo seria também responsável pelos processos neuróticos desenvolvidos no interior das relações sociais. Para o autor, o modo como a cultura está alicerçada na renúncia de impulsos explica a hostilidade dos indivíduos frente à própria cultura. As relações sociais na civilização, trariam em si, um grande teor de não satisfação. A sublimação dos impulsos seria um traço especialmente destacado do desenvolvimento cultural, possibilitando que atividades psíquicas superiores (científicas, artísticas e ideológicas) passassem a representar um papel muito significativo na vida cultural.

Adorno na obra *Dialética negativa*, publicada em 1966, aprofunda a discussão sobre o conhecimento produzido na sociedade, ressaltando o momento da antítese. Esta obra desenvolve um modelo teórico singular, dialogando com a tradição dialética e, sobretudo, com Hegel e o idealismo. Observa, na dialética idealista, o equívoco de se tomar as antíteses como momentos provisórios em relação ao objetivo final obtido pela síntese conciliadora. O desconforto ocasionado pela ausência de harmonia na realidade concreta teria ocasionado a ânsia pela reconciliação, buscando-se a todo custo harmonizar as partes com o todo no plano das formas abstratas. Segundo a teoria adorniana, o idealismo não foi capaz de conceber a diferencialidade²⁵ oculta no interior das construções ideológicas. Em vez de prever a superação das antíteses com vistas à totalidade harmonizante, o

²⁵ Adorno define o conceito de diferencialidade nos seguintes termos: “Diferenciado é aquele que, na coisa e em seu conceito, ainda consegue distinguir o mais ínfimo que escapa ao conceito; somente a diferencialidade alcança o mais ínfimo. [...] Se esse momento fosse totalmente eliminado, então a possibilidade de o sujeito conhecer o objeto se tornaria pura e simplesmente incompreensível e a racionalidade, solta, irracional” (ADORNO, 2009, p.46).

processo de esclarecimento dialético deveria insistir na permanência do estado antitético, fazendo emergir elementos da diversidade que foram ocultados pela visão totalitária. As contradições concebidas no idealismo como momentos provisórios dentro do processo de unidade-totalidade, ganham deste modo outra perspectiva, posicionando-se no centro da compreensão crítica.

De acordo com Pucci, Zuin e Oliveira (1997, p.5-7), a dialética negativa desenvolve um contínuo resgate da intransigência do pensamento por meio da crítica impiedosa dos construtos espirituais e materiais desenvolvidos pela razão instrumental. A postura negativa resistiria à positivação do pensamento, retomando, assim, seu potencial de descortinamento da realidade. Adorno, ao justapor conceitos antitéticos apresentando a irreconciliabilidade entre conceitos e realidade, teria dotado seu pensamento de uma estrutura dinâmica que proporcionou força para a reflexão crítica. Hegel teria visto, na negatividade, apenas um momento dentro do processo maior da dialética, em direção à síntese, à consumação sistemática; já Adorno faria da negatividade o sinal distintivo de seu pensamento, precisamente porque percebeu no sistema hegeliano o equívoco no fazer coincidir razão e realidade.

Loureiro (2007, p.534) comenta que Adorno considerou extremamente progressista a distinção crítica entre teoria e prática, desenvolvida pela tradição marxiana²⁶. O autor acompanharia essa distinção, ao reafirmar a relação dialética em que a prática seria fonte da teoria, revelando a determinação social contida no pensamento, ao mesmo tempo em que a dinâmica concreta, estabelecida pela sociedade, necessitaria de disposições provenientes da esfera do pensamento.

Entendemos que a distinção entre teoria e prática é ressaltada no pensamento dialético negativo, mantendo-se as antíteses como elemento básico da realidade. As unidades totalizadoras, seja no plano teórico ou prático, tenderiam a simplificar a

²⁶ Sobre essa distinção na teoria marxiana, Chauí afirma: “A relação entre teoria e prática é uma relação simultânea e recíproca por meio da qual a teoria nega a prática enquanto prática imediata, isto é, nega a prática como um fato dado para revelá-la em suas mediações e como práxis social, ou seja, como atividade socialmente produzida e produtora da existência social [...] A prática, por sua vez, nega a teoria como um saber separado e autônomo, como puro movimento de ideias se produzindo uma às outras na cabeça dos teóricos. Nega a teoria como um saber acabado que guiaria e comandaria de fora a ação dos homens. E negando a teoria enquanto saber separado do real que pretende governar esse real, a prática faz com que a teoria se descubra como conhecimento das condições reais da prática existente, de sua alienação e de sua transformação. Por isso Marx e Engels afirmam que conhecem um único tipo de saber: a ciência da história”. (CHAUÍ, 1990, p.81-82).

relação dialética, reduzindo as tensões no processo de reconciliação sintética. A crítica adorniana salienta a importância da oposição e da tensão dialética na compreensão da realidade. Essa oposição é estabelecida com a permanência da distinção e da interdependência entre prática e teoria. Distinção, no sentido em que uma não pode ser identificada à outra, diluindo-se no seu contrário. Interdependência, na medida em que a teoria não é capaz de definir-se em si mesma adequadamente, sem a relação com a prática, assim como a prática necessita da relação com a esfera teórica em sua definição. Tal perspectiva dotaria o pensamento de uma estrutura dinâmica, proporcionando força para a reflexão crítica.

Adorno, na *Dialética negativa* (2009, p.38), expõe a íntima relação entre o conceito de totalidade e a estrutura envolvendo o processo formativo na sociedade contemporânea. Segundo o autor, o progresso das luzes, apesar de surgir como forma de ultrapassar dogmas e libertar o homem da tutela intelectual, tornou-se também, por sua vez, uma forma tutelar de asseguramento social, uma vez que as fórmulas e padrões definidos aparentam verdades acabadas, dando a impressão de que tanto os princípios epistemológicos, quanto os padrões sociais não podem ser objetados. No campo da formação ocorreria a repetição de conciliações, pretendendo superar os antagonismos em vez de interpretá-los em profundidade. A busca pela unidade das partes com o todo distanciaria o saber teórico da objetividade. A cultura assim “sacralizada” torna-se ideológica, desligando-se da realidade que pretende interpretar. Sobre essa questão o autor afirma na *Teoria da semicultura*:

No âmbito de totalidades contraditórias, o problema da formação cultural se vê envolvido também em uma antinomia. [...] não cabe elevar a cultura *in abstracto* a uma norma nem a um assim chamado valor, pois os protestos de teor semelhante — devido justamente à sua enorme arrogância — cortam as relações de todo o cultural com a busca de uma vida digna de seres humanos e contribuem para aquela neutralização do espírito que, por sua vez, aniquila a formação cultural. Mas, por outro lado, a teoria da sociedade — e toda práxis que se orienta por ela — tampouco pode, graças à audácia do desespero, decidir-se a favor da tendência dominante, golpeando o que cai e se apropriando da liquidação da cultura: nesse caso se tornaria co-responsável pelo retrocesso à barbárie. [...]. Seria de se apontar para uma situação em que a cultura nem fosse sacralizada, conservada em seus restos, nem eliminada, porém que se colocasse além da oposição entre cultura e não cultura, entre cultura e natureza. Isto, porém, requer que não somente se rejeite uma concepção de cultura tomada como absoluta, como também que não se dogmatize, que não se

enrijeça sua interpretação em tese não dialética como algo dependente, como mera função da práxis e mero voltar-se a ela. (ADORNO, 1996, p.408-410).

Podemos compreender que a análise crítica, ao preservar as antíteses fundamentais inerentes ao processo formativo, revela o caráter totalizador das estruturas adotadas comumente pela sociedade. Revela-se de um lado, a sacralização da chamada “cultura intelectual”, conservando, de modo ideológico, ideais formativos tradicionais não condizentes com a realidade concreta da contemporaneidade. De outro lado, expõe também a ênfase exagerada na razão instrumental, destinada a atender às determinações do mercado, um tipo de formação imediatista, reduzida à apreensão técnica. Tais distinções não são claras na sociedade; a ideologia dominante soube explorar o desejo por liberdade, intrínseco ao ser humano, ao mesmo tempo em que aprofundou a submissão aos padrões técnicos, universalizando a lógica produtiva em todos os campos de atividade humana.

A sociedade contemporânea é marcada por uma forma extrema de adaptação, com grande potencial de impor aos indivíduos a submissão diante de valores e modos de comportamento estabelecidos. O poder de coerção estaria em sua sutileza, manifestando ideologicamente o anseio pela autonomia ao mesmo passo que promove a manipulação dos desejos irracionais, por intermédio da propaganda e da indústria cultural. Como afirma Adorno em *Educação e emancipação*:

Se atualmente ainda podemos afirmar que vivemos numa época de esclarecimento, isto tornou-se muito questionável em face da pressão inimaginável exercida sobre as pessoas, seja simplesmente pela própria organização do mundo, seja num sentido mais amplo, pelo controle planejado até mesmo de toda realidade interior pela indústria cultural. (ADORNO, 2003a, p.181).

Nota-se que a cultura contemporânea preservou, sob o véu da modernidade, características da existência voltada para a submissão da esfera individual em relação ao todo. A obediência à ordem das coisas é naturalizada, isto porque a sociedade apresenta-se como uma “segunda natureza”, impondo a adaptação extrema. Os indivíduos, assim como nas sociedades antigas, aprendem a suportar

a convivência coletiva, contendo impulsos contrários à vida em grupo. Prevalece o objetivo imediatista de manutenção da ordem estabelecida para o fim da sobrevivência da unidade social. Contudo, não há o processo de elaboração crítica dos valores criados pela sociedade. Ainda é imperativa a formação voltada para a obediência, incapaz de desenvolver o senso crítico, uma vez que ignora a dinâmica social em seus pontos conflitantes, ou seja, em suas antíteses inconciliáveis. Como acrescenta Adorno na *Teoria da semicultura*:

Nos casos em que a cultura foi entendida como conformar-se à vida real, ela destacou unilateralmente o momento da adaptação, e impediu assim que os homens se educassem uns aos outros. Isso se fez necessário para reforçar a unidade sempre precária da socialização e para colocar fim àquelas explosões desorganizadoras que, conforme é óbvio, se produzem às vezes justamente onde já está estabelecida uma tradição de cultura espiritual autônoma. E a ideia filosófica de formação que a ela corresponderia se dispôs a formar de maneira protetora a existência. Havia um duplo propósito: obter a domesticação do animal homem mediante sua adaptação interpares e resguardar o que lhe vinha da natureza, que se submete à pressão da decrépita ordem criada pelo homem. (1996, p.390).

Segundo Gur-Ze'ev (2006, p.15-16), atualmente os indivíduos se deparam com meios cada vez mais sofisticados de opressão. A educação padronizadora se contrapõe ao imperativo da autoconstrução, dificultando a ultrapassagem dos valores dominantes, tomados pelo senso comum como autoevidentes. A reformulação da Teoria Crítica seria de extrema relevância, prevenindo o otimismo ingênuo de tentativas educacionais que desconsideram a amplitude e complexidade do meio social. O autor salienta que a violência educacional traduzida como deformação do processo educativo é mais eficiente fora do sistema escolar, uma vez que os indivíduos estariam submetidos ao processo de formação permanente através da imersão irrefletida nas amplas e complexas redes da indústria cultural. Sobre este ponto, Adorno já afirmava que:

A pressão do geral dominante sobre tudo que é particular, os homens individualmente e as instituições singulares, tem uma tendência a destruir o particular e individual juntamente com seu potencial de resistência. Junto com sua identidade e seu potencial de resistência, as pessoas também perdem suas qualidades, graças as quais têm a capacidade de se contrapor ao que em qualquer tempo novamente seduz ao crime. Talvez elas mal

tenham condições de resistir quando lhes é ordenado pelas forças estabelecidas que repitam tudo de novo, desde que apenas sejam em nome de quaisquer ideais de pouca ou nenhuma credibilidade. (ADORNO, 2003a, p.122).

Entendemos que a razão crítica necessita do antagonismo e da diferencialidade. As antíteses, quando mantidas, permitem que o pensamento seja formado em toda sua amplitude, rompendo com o processo extremo de adaptação. De acordo com Maar (2003b, p.1-27), é necessário o posicionamento dialético voltado para a crítica à semiformação concreta, orientando-se por possibilidades presentes. Embora tais possibilidades ainda não estejam concretizadas na educação, esta não pode ser idealista ao pretender a emancipação, mas deve considerar aspectos da formação social efetiva na qual são geradas, a partir da experiência das contradições. Nesses termos, a educação crítica apresenta-se como tendencialmente subversiva, destinada a romper com o sistema de educação voltado para a mera apropriação de conhecimento técnico-instrumental. Opondo-se aos receituários de eficiência, insistiria no aprendizado aberto à profunda elaboração da história, proporcionando o contato com o outro não-idêntico, o diferenciado.

A análise crítica, enquanto autorreflexão sobre a cultura e a sociedade, expõe os antagonismos e ambiguidades sociais. Evita-se a identificação extrema com princípios unilaterais, seja das teorias encerradas em si mesmas, ou da redução teórica à prática cotidiana. Na preservação da crítica, a reflexão mantém o aspecto essencial da formação cultural (*Bildung*)²⁷ – a autonomia do pensamento – estimulando o enfrentamento consciente das pressões sociais. A tendência à conclusão conciliadora da realidade é confrontada pela análise consciente dos antagonismos, expondo a manipulação ideológica em tais processos de

²⁷ Adorno retoma a concepção kantiana para estabelecer a releitura do conceito de formação cultural, assumindo a intenção emancipatória conferida à educação enquanto processo de emancipação do indivíduo em relação à menoridade intelectual. Referimo-nos ao ensaio de Kant: *Resposta à pergunta: “o que é esclarecimento?”*, em que a expressão “menoridade” é utilizada como condição contrária ao indivíduo autônomo, emancipado. Nesse texto, Kant define que: “Esclarecimento [Aufklärung] é a saída do homem de sua menoridade, da qual ele próprio é culpado. A menoridade é a incapacidade de fazer uso de seu entendimento sem a direção de outro indivíduo” (KANT, 2005, p.63). Adorno refere-se a este texto no debate com Becker intitulado *Educação e Emancipação*: “Este programa de Kant, que mesmo com a maior má vontade não pode ser acusado de falta de clareza, parece-me ainda hoje extraordinariamente atual” (ADORNO, 2003a, p.169).

identificação. Se não é capaz de superar os antagonismos, ao menos a crítica pretende de algum modo “colocar as cartas na mesa”²⁸.

A análise crítica sobre a tensão entre adaptação e liberdade, no processo formativo, fundamenta-se na compreensão histórica da sociedade²⁹. As condições concretas modificam-se no decorrer da história, necessitando da interpretação sobre os fatores preponderantes que mudam de uma época para outra. Do mesmo modo, a importância da educação e seu direcionamento crítico também mudariam de acordo com as transformações concretas da sociedade. Na contemporaneidade, os imperativos da adaptação extrema pelos mecanismos sutis de domínio exigiriam da educação o impulso de resistência, direcionado à individuação pela qual os indivíduos não estão mais acostumados a se desenvolver. Como afirma Adorno em *Educação e emancipação*:

A importância da educação em relação à realidade muda historicamente. Mas se ocorre o que eu assinala há pouco – que a realidade se tornou tão poderosa que se impõe desde o início aos homens -, de forma que este processo de adaptação seria realizado hoje de um modo antes automático, a educação por meio da família, na medida em que é consciente, por meio da escola, da universidade teria neste momento de conformismo onipresente muito mais a tarefa de fortalecer a resistência do que de fortalecer a adaptação. (ADORNO, 2003a, p.144-145).

Vilela (2007, p.237-238) reafirma a atualidade da questão discutida pelo autor frankfurtiano, enfatizando a necessidade de superação do estado de dominação da consciência. Para a autora, a educação necessita, ainda, de programas destinados conscientemente à resistência, tendo como objetivo principal a formação de sujeitos

²⁸ Esta expressão é utilizada por Adorno no prefácio da *Dialética Negativa* para se referir à intenção da obra (ADORNO, 2009, p.7). Em outra passagem, o autor utiliza o termo “antissistema” no mesmo sentido, isto é, para indicar a intenção de evitar a tendência ao fechamento sistemático da obra, como é expresso do seguinte modo: “Nos debates estéticos mais recentes, as pessoas falam de antidrama e de anti-herói; analogamente, a dialética negativa, que se mantém distante de todos os temas estéticos, poderia ser chamada de antissistema”. (ADORNO, 2009, p.6).

²⁹ Novamente ressaltamos a influência marxiana na compreensão crítica da história. Marx e Engels expressam o conceito de “história” nos seguintes termos: “A história não é senão a sucessão das diferentes gerações, cada uma das quais explora os materiais, os capitais, as forças produtivas que lhe são transmitidas pelas gerações precedentes; assim sendo, cada geração, por um lado, continua o modo de atividade que lhe é transmitido, mas em circunstâncias radicalmente transformadas, e, por outro lado, ela modifica as antigas circunstâncias entregando-se a uma atividade radicalmente diferente”. (MARX; ENGELS, 2008, p.47).

autônomos, não tutelados, capazes de pensar, de falar e de agir por si mesmos. Isto seria o mesmo que desenvolver a capacidade de enfrentar a contradição imanente da vida social sob o capitalismo, estimulando a capacidade de agir autonomamente no interior das condições de domínio.

De acordo com Severino (2006, p.632), a proposta crítica da educação como formação cultural destaca a ambiguidade da educação. Não concerne apenas à formação da consciência de si, uma formação para o individualismo restrito, mas também não pode, em outro sentido, reduzir-se ao mero enquadramento social, enquanto pura determinação política. A teoria adorniana destacaria o conceito atual de que a educação teria sentido unicamente como educação dirigida a uma autorreflexão crítica. Reafirma-se constantemente o compromisso com a desbarbarização, destinada ao processo emancipatório no qual deve ocorrer a luta sistemática pela autonomia. A ferramenta exclusiva para tal processo seria a busca por esclarecimento, na passagem do inconsciente para o consciente, do não ciente para o ciente. A educação teria, assim, o papel de resistência em face das condições sociais dominantes, reafirmando os princípios da formação cultural que foram despotencializados na contemporaneidade.

Compreendemos que, atualmente, o predomínio da uniformização cultural exige a articulação para a resistência, enfatizando a ruptura em relação ao domínio ideológico estabelecido pela indústria cultural. Contudo, é necessário atentar para a articulação dialética de tal proposta, evitando, em contrapartida, a inclinação unilateral, não crítica, o que seria o mesmo que seguir na direção oposta ao objetivo almejado. A necessidade de direcionamento educacional emerge da análise crítica sobre o contexto social, de acordo com a configuração histórica da realidade.

A permanência das antíteses na compreensão do processo formativo permite a exposição ampla das ambiguidades, reafirmando os antagonismos em vez de soterrá-los sob o véu ideológico do pensamento sintético. Apesar da aparente multiplicidade na sociedade atual, os indivíduos estão cada vez mais imersos em padrões homogêneos de pensamento e comportamento. Tal condição é refletida no meio pedagógico, predominando as relações de comando heterônomo em que a execução sistemática de projetos e planos rígidos de ensino são mais importantes que o esforço para a reelaboração crítica do papel da educação no processo de formação dos indivíduos. Tal esforço, embora reconhecidamente penoso, tendo em

vista as condições de inércia que foram historicamente estabelecidas, ainda permanece como possibilidade, relativa e parcial, aguardando condições concretas mais favoráveis para que seja desenvolvida de modo mais amplo.

CAPÍTULO 7 – A reflexão crítica na reformulação do imperativo ético da educação

O objetivo deste capítulo é analisar a abordagem de Adorno sobre o encaminhamento ético da educação. Será exposto, em linhas gerais, o uso que o autor faz da teoria freudiana para explicar a tendência de regressões à barbárie na civilização, assim como, a análise crítica sobre a função e as possibilidades da educação frente aos desdobramentos da violência presenciada durante a Segunda Guerra Mundial, fato que repercute ainda na atualidade.

O conceito de ética, confundido historicamente com o conceito de moral³⁰, sofreu modificações importantes no contexto da racionalização na sociedade moderna. O valor da equivalência foi universalizado a todos os setores da manifestação humana, reproduzindo os apelos e necessidades típicos da relação de troca de mercadorias. A questão da ética, tradicionalmente envolvida com a reflexão sobre as possibilidades humanas em relação aos medos e superstições, assim como a capacidade de exercer escolhas livres, encontraria na contemporaneidade imensas dificuldades a serem enfrentadas. Presente na tradição filosófica desde os primórdios e confundindo-se com o conceito de moral, a reflexão ética deparou-se na contemporaneidade com o fortalecimento da razão instrumental, destacando a dimensão técnica do saber.

De acordo com Matos (2008, p.77), existe a confiança histórica dos filósofos na formação do espírito, na formação do caráter e na capacidade de se desenvolver a

³⁰ Sobre a distinção entre moral e ética na história da filosofia, é interessante considerar a seguinte definição de Marilena Chauí: “Toda cultura e cada sociedade institui uma moral, isto é, valores concernentes ao bem e ao mal, ao permitido e ao proibido e à conduta correta e à incorreta, válidos para todos os seus membros. Culturas e sociedades fortemente hierarquizadas e com diferenças de castas ou de classes muito profundas podem até mesmo possuir várias morais, cada uma delas referida aos valores de uma casta ou de uma classe social. No entanto, a simples existência da moral não significa a presença explícita de uma ética, entendida como filosofia moral, isto é, uma reflexão que discuta, problematize e interprete o significado dos valores morais. [...] A filosofia moral ou a disciplina denominada a ética nasce quando se passa a indagar o que são, de onde vêm e o que valem os costumes. [...] A filosofia moral ou a ética nasce quando, além das questões sobre os costumes, também se busca compreender o caráter de cada pessoa, isto é, o senso moral e a consciência moral individuais”. (CHAUI, 2008, p.310).

faculdade de julgamento como fonte de emancipação humana. Tal confiança deparou-se, na sociedade contemporânea, com tendências totalitárias, preservadas no interior da cultura científica, situando-se no apogeu do desenvolvimento técnico. O potencial totalitário da ciência estaria no seu desconhecimento em relação a qualquer tipo de limites, os quais poderiam ser propostos a partir da reflexão humana sobre valores e fundamentos que extrapolam a dimensão da objetividade mensurável. A ciência impõe-se como totalitária porque não é capaz de reconhecer nenhum limite na manipulação da natureza, criando assim a natureza humana sem considerar qualquer limite moral. Observamos que tais afirmações acompanham o pensamento crítico de Adorno, assim como na seguinte passagem da *Dialética do esclarecimento*:

No sentido mais amplo do progresso do pensamento, o esclarecimento tem perseguido sempre o objetivo de livrar os homens do medo e de investi-los na posição de senhores. Mas a terra totalmente esclarecida resplandece sob o signo de uma calamidade triunfal. [...] A técnica é a essência desse saber, que não visa conceitos e imagens, nem o prazer do discernimento, mas o método, a utilização do trabalho de outros, o capital. [...] O que os homens querem aprender da natureza é como empregá-la para dominar completamente a ela e aos homens. Nada mais importa. Sem a menor consideração consigo mesmo, o esclarecimento eliminou com seu cautério o último resto de sua própria autoconsciência. Só o pensamento que se faz violência a si mesmo é suficientemente duro para destruir os mitos. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.19-20).

Entendemos que os princípios formativos tradicionais, nos quais havia o objetivo de determinar indivíduos livres e capazes de refletir na coletividade sobre sua própria condição individual, sofreu grande abalo, não resistindo à dinâmica do modo de vida capitalista. Os ideais do liberalismo logo revelaram na prática sua incompatibilidade com as promessas que difundia; a igualdade de oportunidades a partir da livre concorrência fundamentou gradativamente as bases de diferenças econômicas e sociais cada vez mais intransponíveis, incoerentes com a ideia do livre agir ou do livre pensar. Como é expresso por Adorno na *Teoria da semicultura*:

Sem dúvida, na ideia de formação cultural necessariamente se postula a situação de uma humanidade sem status e sem exploração. [...] Se na ideia

de formação ressoam momentos de finalidade, esses deveriam, em consequência, tornar os indivíduos aptos a se afirmarem como racionais numa sociedade racional, como livres numa sociedade livre. No modelo liberal, isso seria tanto melhor atingido quanto mais cada um estivesse formado por si mesmo. E quanto menos as relações sociais, em especial as diferenças econômicas, cumprem esta promessa, tanto mais energicamente se estará proibido de pensar no sentido e na finalidade da formação cultural. (ADORNO, 1996, p.391-392).

Na formação, referente ao modo de vida da sociedade moderna, prevaleceram habilidades relacionadas à sobrevivência no contexto competitivo. A dimensão ética perdeu espaço no quadro formativo para a urgência de qualidades que fossem úteis para o sistema produtivo. Como foi visto, a lógica produtiva sobrepôs-se às outras dimensões da realidade social, prevalecendo a dinâmica pautada pela relação de equivalência mercadológica; isto ocorreu mesmo em aspectos que essencialmente extrapolariam tal condição, como a cultura e a arte³¹. O campo da reflexão ética, que tenderia naturalmente para a problematização sobre a ausência de liberdade no contexto competitivo da sociedade capitalista, sofreu modificações em sua estrutura, adaptando-se ao imperativo dos valores em vigência. O individualismo, após a doutrina liberal, sobreviveu como principal valor social na sociedade contemporânea, fundamentando as relações humanas em torno da lógica de mercado dominante. Como afirma Adorno nas *Mínima moralia*:

Com a dissolução do liberalismo o princípio especificamente burguês da concorrência não foi superado: transferiu-se para a objetividade do processo social, como que para a antropologia, na forma de átomos em colisão e pressão. A subordinação da vida ao processo de produção impõe a cada um, amesquinhando-o, algo do isolamento e da solidão que gostaríamos de reservar à nossa escolha soberana. Constitui peça antiga da ideologia burguesa que no seu próprio interesse cada qual se imagine melhor que todos os outros como também que avalie os demais, enquanto comunidade de todos os fregueses, como superiores a si. (ADORNO, 2008, p.23).

Lastória (2001, p.70) observa que a análise crítica de Adorno e Horkheimer evidencia no transcurso do processo de esclarecimento da sociedade ocidental aquilo que faltou, o ato de esclarecer-se efetivamente. Produziu-se uma espécie de

³¹ Conferir Capítulo 3 - *Indústria Cultural e semiformação* (p. 36-49), deste trabalho.

esclarecimento que preservou a qualidade mítica, não permitindo que os indivíduos fossem capazes de alcançar a maioria. Os dois autores teriam observado que as dificuldades e impedimentos para a consciência moral desenvolveram-se a partir de forças heterônomas cada vez mais poderosas, produzindo mecanismos de administração da sociedade que sequestrariam até os últimos impulsos mais íntimos dos indivíduos, reduzidos a meros consumidores compulsórios.

Marx e Engels em *A ideologia alemã* (2008, p.34) já haviam indicado que, na história decorrida até a sociedade burguesa, os indivíduos foram sempre submetidos por forças estranhas a si mesmos. Tais forças, atribuídas tradicionalmente aos elementos sobrenaturais, não teriam diminuído com o processo de esclarecimento da ciência, mas pelo contrário, a opressão foi tornando-se cada vez mais maciça, revelando-se em última instância como o mercado mundial, capaz de submeter sociedades inteiras ao mesmo modelo de determinações.

Compreendemos que a formação, no desenvolvimento da sociedade burguesa, dividiu-se em dois tipos distintos, ambos destituídos da reflexão ética efetiva e denominados por Adorno como sendo manifestações da semiformação: 1. A cultura enquanto valor, distante da prática social e encerrada em si mesma; 2. A formação enquanto adaptação, imersa nos objetivos imediatistas das relações comerciais.

A formação, como um valor em si mesmo, foi cultivada em contraste com as condições históricas. Produzida no ambiente formal e especulativo, não pôde desenvolver reflexões aprofundadas sobre os acontecimentos emergentes; prova disto seria a adesão de membros da alta cultura alemã às práticas do III Reich. Como descreve o autor no seguinte trecho:

Na linguagem da filosofia pura, a cultura se converteu, satisfeita de si mesma, em um *valor*. Sua autarquia deve ser creditada à grandiosa metafísica especulativa e à música, que a ela se uniram intimamente em seu desenvolvimento; mas, em tal espiritualização da cultura já está, ao mesmo tempo, virtualmente confirmada sua impotência e entregue a vida real dos homens às relações cegamente existentes e cegamente mutantes. Max Frisch observou que havia pessoas que se dedicavam, com paixão e compreensão, aos chamados bens culturais, e que, no entanto, puderam se encarregar tranquilamente da práxis assassina do nacional-socialismo. Tal fato não apenas indica uma consciência progressivamente dissociada, mas sobretudo dá um desmentido objetivo ao conteúdo daqueles bens culturais – a humanidade e tudo o que lhe for inerente enquanto sejam apenas bens, com sentido isolado, dissociado da implantação das coisas humanas. A

formação que se esquece disso, que descansa em si mesmo e absolutiza-se, acaba por se converter em semiformação. (ADORNO, 1996, p.389-390).

Por outro lado, a formação enquanto adaptação estaria imersa nos objetivos imediatistas das relações comerciais, não permitindo espaço para a reflexão ética e filosófica. Tal reflexão seria potencialmente perigosa, por conter elementos de questionamento que poderiam de algum modo modificar o tipo de atuação desenvolvida pelo indivíduo no contexto competitivo de mercado, enfraquecendo assim a sua prática. A supervalorização da razão instrumental no contexto da sociedade capitalista produz a rejeição de elementos que venham problematizar a esfera das condições estabelecidas. Sem a devida análise crítica, haveria assim a autoconservação dos padrões sociais e dos modos de comportamento que emergem deste contexto.

O tema da ética na análise adorniana parte de condições históricas definidas. No período após a Segunda Guerra Mundial, observam-se as dificuldades individuais e coletivas para se romper com a inércia do contexto social, marcado pelos episódios recentes de violência e barbárie. O autor toma o fato concreto, mais próximo e contundente, como base de sua reflexão ética. No período do pós-guerra, as feridas ainda abertas pelos horrores da regressão à barbárie foram sintetizadas na experiência vivida por milhares de judeus em Auschwitz. Quando se dispôs a debater em intervenções públicas sobre os problemas educacionais, propôs que os objetivos formativos fossem redefinidos, tendo por base a emergência concreta de que tal experiência regressiva não voltasse a se repetir. Como é expresso em *Educação e emancipação*:

Qualquer debate acerca de metas educacionais carece de significado e importância frente a essa meta: que Auschwitz não se repita. Ela foi a barbárie contra a qual se dirige toda a educação. Fala-se da ameaça de uma regressão à barbárie. Mas não se trata de uma ameaça, pois Auschwitz *foi* a regressão; a barbárie continuará existindo enquanto persistirem no que têm de fundamental as condições que geram esta regressão. É isto que apavora. Apesar da não-visibilidade atual dos infortúnios, a pressão social continua se impondo. Ela impele as pessoas em direção ao que é indescritível e que, nos termos da história mundial, culminaria em Auschwitz. (ADORNO, 2003a, p.119).

Segundo Silva (2013, p.70), Adorno volta-se para a análise da condição humana imposta após essa catástrofe, tomando Auschwitz como o próprio símbolo da consciência “coisificada”. Seria também o grande símbolo da modernidade, de uma civilização afetada pelos desdobramentos da racionalidade exclusivamente técnico-instrumental. Enquanto criação humana, tal evento exigiria a leitura do processo histórico, racionalmente planejado, que culminou em sua efetivação. Haveria a necessidade de analisar os aspectos de cunho social, não restritos a indivíduos isolados, que permitiram tal acontecimento; pensar a cultura e a ética após Auschwitz seria pensar sobre as forças materiais que atuam efetivamente na construção dos sujeitos e suas subjetividades.

Maar (2003b, p.12) comenta a tese adorniana, na qual observa-se a condição paradoxal da sociedade alemã, em que a educação e a formação cultural exerceram tradicionalmente importante papel, e, no entanto, tal condição cultural não impediu que a mesma sociedade fosse conduzida inexoravelmente à barbárie. A análise crítica neste ponto serviria para revelar as raízes deste movimento, explicitando as condições determinadas que não são de modo algum acidentais, para então se pensar em meios de interferir no rumo dos acontecimentos. Seria essencial pensar a educação e a própria sociedade em seu dever, elaborando alternativas para capacitar os indivíduos a interromper a barbárie, antes de sua efetiva concretização. Esta condição contraditória da sociedade é descrita por Adorno, no seguinte trecho de *Educação e emancipação*:

A minha geração vivenciou o retrocesso da humanidade à barbárie, em seu sentido literal, indescritível e verdadeiro. Esta é uma situação em que se revela o fracasso de todas aquelas configurações para as quais vale a escola. Enquanto a sociedade gerar a barbárie a partir de si mesma, a escola tem apenas condições mínimas de resistir a isto. Mas se a barbárie, a terrível sombra sobre a nossa existência, é justamente o contrário da formação cultural, então a desbarbarização das pessoas individualmente é muito importante. A desbarbarização da humanidade é o pressuposto imediato da sobrevivência. Este deve ser o objetivo da escola, por mais restritos que sejam seu alcance e suas possibilidades. E para isto ela precisa libertar-se dos tabus, sob cuja pressão se reproduz a barbárie. O pathos da escola hoje, a sua seriedade moral, está em que, no âmbito do existente, somente ela pode apontar para a desbarbarização da humanidade, na medida em que se conscientiza disto. (ADORNO, 2003a, p.115).

Observamos que o referencial psicanalítico – algo presente na obra dos principais autores frankfurtianos –, será importante na teoria adorniana para se compreender o conceito de barbárie, relacionado à questão da formação. Freud (1974a, p.134-138) já sinalizava em suas obras para a dialética contida no processo de esclarecimento. Afirmava que, na essência da cultura, haveria elementos contrários à própria cultura, os quais nenhum tipo de medida seria capaz de resolver plenamente. Apesar disso, considera-se lícita e justificável a tentativa de questionar o estado cultural em que se vive, buscando formas satisfatórias de proporcionar mais felicidade. O impulso anticivilizatório, inerente à atividade humana em grupo, poderia ser evidenciado pela análise crítica sobre a sociedade, procurando descobrir as raízes de sua imperfeição. Fazendo uso adequado da razão, o indivíduo seria capaz de expor as ambiguidades sociais, evitando manifestações perigosas ou prejudiciais como a identificação inconsciente a coletivos, capazes de produzir o que o autor chama de “miséria psicológica da massa”.

De acordo com a teoria adorniana, a estrutura psíquica das massas está ligada a constituição e preservação de regimes totalitários. O narcisismo coletivo - outro termo oriundo do meio psicanalítico - seria essencial para a compreensão sobre os episódios de barbárie na sociedade contemporânea. O autoritarismo e o narcisismo seriam aspectos complementares nos regimes totalitários; consequência da má formação do ego. Este perfil psicológico reflete o contexto social em que os indivíduos são formados sem o referencial seguro de identificação na primeira infância. Em torno dos regimes totalitários, o narcisismo coletivo representa a identificação das massas indiferenciadas com os ideais projetados pela figura do líder, no anseio inconsciente de suprir a identificação não satisfeita no período de formação. Como afirma Adorno nas *Mínima Moral*:

O narcisismo, que com a desagregação do ego perdeu seu objeto libidinoso, é substituído pela alegria masoquista de não ser mais ego, e a geração ascendente zela pela sua carência de ego com mais ciúme do que pela maioria dos seus bens, como uma propriedade comum e duradoura. Estende-se assim o domínio da coisificação e da normalização até a sua contradição extrema, o suposto anormal e caótico. (ADORNO, 2008, p.61).

Crochik (1990, p.153-154) define este tipo de personalidade narcisista como o próprio não-eu, em que o ego é enfraquecido e autocentrado, focando-se em ideais

do mundo externo para poder valorizar-se. Contudo, o mundo para o narcisista serviria somente como meio usado na tentativa de preencher o vazio interminável de um eu não constituído, não havendo espaço para o interesse verdadeiro pelo outro ou pela coletividade. O autoritarismo necessita da projeção narcisista para se fundamentar nos regimes totalitários. O nazismo foi o grande exemplar moderno em que a figura do líder autoritário captou esta má formação psíquica, organizando a coletividade em torno de ideais comuns. O narcisismo coletivo produz a identificação com a uniformidade, ao mesmo tempo em que repele e pretende destruir qualquer tipo de expressão diferenciada.

Entendemos que o narcisismo coletivo está relacionado ao mecanismo psicológico da falsa projeção, já descritos por Adorno e Horkheimer na *Dialética do esclarecimento*, em que se expõe a questão dos elementos do antissemitismo. Ocorreria nesse processo, a percepção errônea do outro diferenciado como a representação do “mal”, da ameaça externa; semelhante estigma reproduz impulsos e características que foram reprimidas, mas que permanecem como ameaça interna e invisível, subjacentes aos indivíduos e coletivos. Como afirmam os autores:

O mecanismo que a ordem totalitária põe a seu serviço é tão antigo quanto a civilização. Os mesmos impulsos sexuais que a raça humana reprimiu souberam se conservar e se impor num sistema diabólico, tanto dentro dos indivíduos, quanto dos povos [...] O indivíduo obcecado pelo desejo de matar sempre viu na vítima o perseguidor que o forçava a uma desesperada e legítima defesa [...] A racionalização era uma finta e, ao mesmo tempo, algo de compulsivo. Quem é escolhido para inimigo é percebido como inimigo. O distúrbio está na incapacidade de o sujeito discernir no material projetado entre o que provém dele e o que é alheio. (ADORNO, 1985, p.174).

O resultado da combinação dos fatores psicológicos acima referidos seria a condição de frieza em relação ao sofrimento alheio. O processo de racionalização das emoções, em paralelo à racionalização da sociedade moderna em termos gerais, imprime como característica marcante a negação de elementos diferenciados, rejeitando, sobretudo, o potencial de questionamento e problematização, compreendido como ameaça à ordem estabelecida. A frieza corresponde à rejeição de impulsos que foram soterrados pela prática consciente, mas permanecem subjacentes à toda atividade humana. Enquanto negação inconsciente de si mesmo, encontra no outro a ocasião de violência sobre o que não

foi capaz de reconhecer em si, destruindo a capacidade de identificação do indivíduo com seu semelhante em suas diferenças. A incapacidade de identificação e conexão entre os indivíduos sinaliza para questões éticas inerentes ao desenvolvimento histórico da sociedade moderna; o fato de acontecimentos bárbaros serem tolerados pela coletividade indica a indiferença dos indivíduos perante o sofrimento alheio, imperando as relações imediatas pautadas pelo interesse individualista, acima de qualquer outro valor ético. Como afirma Adorno em *Educação e emancipação*:

Se ela [a frieza] não fosse um traço básico da antropologia, e, portanto, da constituição humana como ela é em nossa sociedade; se as pessoas não fossem profundamente indiferentes em relação ao que acontece com todas as outras, excetuando o punhado com que mantém vínculos estreitos e possivelmente por intermédio de alguns interesses concretos, então Auschwitz não teria sido possível, as pessoas não o teriam aceito. Em sua configuração atual – e provavelmente há milênios – a sociedade não repousa em atração, em simpatia, como se supôs ideologicamente desde Aristóteles, mas na perseguição dos próprios interesses frente aos interesses dos demais. Isto se sedimentou de modo mais profundo no caráter das pessoas. [...] Se existe algo que pode ajudar contra a frieza como condição da desgraça, então trata-se do conhecimento dos próprios pressupostos desta, bem como da tentativa de trabalhar previamente no plano individual contra esses pressupostos. (ADORNO, 2003a, p.134-135).

A experiência de extermínio em massa em Auschwitz, algo realizado de modo extremamente burocratizado, isento de paixões, com total frieza diante das consequências humanas de tais sofrimentos, teria sido o exemplo máximo da história recente abordada por Adorno. O imperativo ético sugerido pelo autor – redirecionar os objetivos educacionais para a meta de evitar que tal experiência volte a se repetir – traz consigo a gama de questões não restritas à área de educação, mas que envolvem a sociedade em suas múltiplas facetas, a dimensão histórica, antropológica, psicológica e cultural.

Maar (2003b, p.22) afirma que, na atualidade, dificilmente haverá novamente algum tipo de articulação entre educação e ética, tão contundente como foi o imperativo de que “Auschwitz não mais se repita!”, elaborado por Adorno. Isso porque a sentença, extraída de condições concretas da realidade histórica, teria sido capaz de resumir a amplitude de temas que envolvem a questão. O problema não seria restrito à uma determinada área, mas reflete a realidade social como um todo;

não se refere à questão estritamente “moral” do dever ser, algum tipo de determinação subjetiva prescrita aos indivíduos em coletividade, mas remete-se à questão social objetiva, implicando o conceito de práxis. A vinculação, assim colocada, de teor ético, não está restrita à ordem do aperfeiçoamento moral subjetivo, mas implicaria a necessidade de intervenções objetivas, materiais, opondo-se às condições sociais que fundamentam e preservam experiências semelhantes de frieza e barbárie. Auschwitz, enquanto símbolo do progresso, que traz em si os germens da regressão indiferenciada, indicaria o fracasso humano não somente no evento histórico pontual dos campos de concentração, mas de modo genérico, reflete as ambiguidades e o modo como os impulsos destruidores são conservados de forma perigosa no meio social; trata-se do fracasso referente à própria formação humana na constituição da sociedade burguesa.

Adorno analisa que os objetivos educacionais não podem desconsiderar as ambiguidades que são peculiares à constituição da sociedade. Faz-se necessário o processo de análise negativa em relação aos valores que fundamentam a dinâmica social, extraindo, de tal análise, a consciência crítica. O enfrentamento da barbárie, assim como a defesa do imperativo ético de que Auschwitz nunca mais se repita, são movidos pela atitude crítica negativa em que, ao expor os meandros dos antagonismos sociais e da natureza humana, haveria a possibilidade de se criar alternativas mais conscientes para minimizar, em sociedade, as consequências prejudiciais dos impulsos destrutivos do ser humano, sem, contudo, ignorá-los.

Schweppenhäuser (2003, p.392-400) observa que, apesar do problema da universalização da filosofia moral não ter sido abordado de modo específico por Adorno, seus escritos trazem elementos capazes de possibilitar a reflexão sobre o tema. A teoria adorniana problematizaria as determinações positivas dos princípios filosófico-morais da modernidade propondo sua análise negativa, ao mesmo tempo em que denuncia o abandono da reflexão em face da dialética dos princípios morais. O interessante na abordagem do autor frankfurtiano seria a possibilidade de crítica em face de posições ideológicas, sem que necessariamente seja rejeitada a tradição filosófica que fundamenta tais posições. No movimento de crítica moral negativa, em paralelo à crítica epistemológica da tradição filosófica, haveria a exposição de ambiguidades profundas e a conservação de elementos fundamentais de tal tradição, evitando-se o ceticismo radical em relação às possibilidades da razão,

característica marcante no pensamento que se segue ao pós-modernismo. A negação referente à moral vigente da sociedade burguesa não levaria à extinção da moral, mas ao método da negação da negação, enquanto modelo crítico de análise sobre a positividade idealista, acompanhando o sentido formulado por Marx.

Ainda, de acordo com Schweppenhäuser, a pretensão de validade do imperativo ético desenvolvido pela teoria adorniana tem sua fundamentação ligada à experiência histórica, pelo interesse na abolição do sofrimento. Analisando as máximas éticas elaboradas positivamente pela tradição filosófica-moral, Adorno indicaria o fracasso de tais construções ideológicas em face da realidade histórica catastrófica manifestada por experiências como a de Auschwitz. Diante disso, não seria mais possível dizer o que deve ser, mas apenas o que, por todos os meios deveria ser evitado no prosseguimento da história. Adorno se negaria a apelar para qualquer outra instância do campo das formulações éticas que não seja o puro e simples impulso moral, caracterizado pela experiência materialista e imediata de contato com o sofrimento, algo que se realiza e reflete espontaneamente no contato entre os indivíduos, necessitando de maior atenção nas abordagens educacionais sobre o processo formativo.

Consideramos que o impulso moral na sociedade contemporânea é obnubilado pela frieza das relações, enquanto característica básica da dinâmica social na sociedade capitalista. Reflete os modos de produção e reprodução da cultura, baseada na lógica da concorrência mercadológica, atrelada ao consumo individualista. Estas seriam consequências contemporâneas do desenvolvimento da mentalidade específica deste período histórico, em que a racionalização da sociedade invadiu todos os âmbitos de manifestação humana, prevalecendo a frieza das relações pautadas pelo cálculo no sistema de equivalências.

Bueno (2010, p.306) chama a atenção para a atualidade das condições que impelem à barbárie. O autor, seguindo a Teoria Crítica, salienta que as condições geradoras dos tipos de barbárie peculiares ao fascismo estariam ainda presentes na sociedade contemporânea, não sendo de modo absoluto incompatíveis com as instituições democráticas em vigência. Haveria também, a preservação do processo de atração, muitas vezes irresistível, exercida pelos coletivos sobre os indivíduos, assim como a influência hipnótica de líderes, capazes de mobilizar a libido individual em meio à coletividade. A leitura rígida e estereotipada da realidade ainda seria

capaz de despertar a fúria inquisitiva sobre as vítimas do momento que são intercambiáveis, variando de acordo com a situação. Sobre a questão, poderíamos incluir inúmeros exemplos de violência, movidos pela intolerância étnica, religiosa ou de gênero. Tais episódios são, em muitos casos, patrocinados por grupos e organizações não governamentais em eventos coletivos, que ocorrem sobretudo nos grandes centros urbanos.

Oliveira e Zuin (2011, p.580) também chamam a atenção para o isolamento dos indivíduos e o abismo entre as relações humanas nos tempos de interconectividade. Observam, em conformidade com a teoria adorniana, que, junto ao progresso científico sem precedentes na história, uma nova barbárie transpassaria todos os aspectos da existência. Tal condição seria refletida pelo modo como as escolas reproduzem o entorpecimento cultural que atualmente constitui os valores vigentes pautados pelo hedonismo vazio, a liquidez das relações e os atos constantes de ódio e intolerância que permeiam toda a sociedade. Ver e entender o abismo que separa as pessoas, assim como os reflexos desse processo na educação seria fundamental no momento presente, em que os indivíduos estão extremamente conectados pelas novas tecnologias, mas talvez mais solitários do que nunca em determinados aspectos.

É interessante considerar a formulação crítica de Adorno a respeito da solidão, em relação à incapacidade contemporânea para o amor. Como afirma em *Educação e emancipação*, nos seguintes termos:

O que contradiz, o impulso grupal da chamada *lonely crowd*, da massa solitária, na verdade constitui uma reação, um enturmar-se de pessoas frias que não suportam a própria frieza mas nada podem fazer para alterá-la. Hoje em dia qualquer pessoa, sem exceção, se sente mal-amada, porque cada um é deficiente na capacidade de amar. A incapacidade para a identificação foi sem dúvida a condição psicológica mais importante para tornar possível algo como Auschwitz em meio a pessoas mais ou menos civilizadas e inofensivas. [...] Não me entendam mal. Não quero pregar o amor. Penso que sua pregação é vã: ninguém teria inclusive o direito de pregá-lo, porque a deficiência de amor, repito, é uma deficiência de *todas* as pessoas, sem exceção, nos termos em que existem hoje. Pregar o amor pressupõe naqueles a quem nos dirigimos uma outra estrutura de caráter, diferente da que pretendemos transformar. Pois as pessoas que devemos amar são elas próprias incapazes de amar e por isto nem são tão amáveis assim. Um dos grandes impulsos do cristianismo, a não ser confundido com o dogma, foi apagar a frieza que tudo penetra. Mas essa tentativa fracassou: possivelmente porque não mexeu com a ordem social que produz e reproduz a frieza. (ADORNO, 2003a, p.134-135).

Freud (1974a, p.144-145) ao discutir as ambiguidades sociais, observou o que pareceria ser uma luta entre o princípio de *Eros* (o amor) e o seu contrário, a morte. Nesses termos, aquilo que liga os indivíduos por razões maiores do que o simples interesse individual e sem o que a sociedade nunca poderia ter se configurado, ou seja, o princípio do amor estaria em contraposição constante com o impulso no sentido contrário, a tendência destrutiva também imanente à dinâmica social. Para o autor, a cultura estaria a serviço de *Eros*, ligando libidinalmente os indivíduos por laços mais fortes do que o mero interesse mercadológico; por outro lado, a própria sociedade, movida por este impulso criador, também cultivaria a tendência anticivilizatória que irrompe em episódios de barbárie. Tais princípios psicanalíticos, desenvolvidos principalmente em *O mal-estar na civilização* (1974a) e *Psicologia de grupo e análise do ego* (1974b) são discutidos por Adorno (2003a, p.119-120), enfatizando-se a perspicácia de Freud em colocar à mostra, na cultura e na dinâmica social, fatores que teriam originado e fortalecido no decorrer do progresso civilizador o seu elemento contrário, o anticivilizatório³².

Compreendemos que a incapacidade de amar estaria presente no condicionamento histórico da sociedade moderna e contemporânea. Por não se tratar de evento isolado, mas de uma deficiência coletiva, a falência da tal capacidade aponta para condições sociais determinadas, que necessitam da observação abrangente sobre as diversas dimensões que envolvem a questão. Faz parte da tradição filosófico-moral discutir temas desta natureza sem considerar os fatores concretos que influenciam diretamente na efetividade das afirmações ou propostas. Devido a ineficiência de tais elaborações, estritamente abstratas, mantém-se um constante abismo intransponível entre os planos teórico e prático. O pensamento crítico adorniano pretende, em sua negatividade, transpor tais distâncias, sem cair na redução das unidades identificadoras; estabelece a comunicação entre um plano e outro mantendo as especificidades dos elementos teóricos em contraposição aos fundamentos concretos.

³² *Psicologia de grupo e análise do ego* foi publicado pela primeira vez em 1921 e *O Mal-estar na civilização* em 1927; ambos fazem parte do conjunto de obras do autor dedicados à análise social e política iniciadas a partir de *Totem e Tabu* (1913), das quais se incluem ainda nesta perspectiva *O futuro de uma ilusão* (1927) e *Moisés e o monoteísmo* (1939).

O projeto emancipatório não foi abandonado pelos filósofos frankfurtianos, mas reformulado de acordo com as observações críticas sobre a tradição do conhecimento e dos fatos históricos decorridos na contemporaneidade. As condições concretas da sociedade não demarcariam limites intransponíveis, perante os quais aos indivíduos deveriam conformar-se, aceitando a realidade assim como se apresenta. Existiria a possibilidade da atividade crítica, no sentido de fazer uso da compreensão ampla sobre as relações sociais, permitindo a elaboração de experiências mais humanas. Adorno, por seu turno, ainda reafirma que: “o único poder efetivo contra o princípio de Auschwitz seria autonomia, para usar a expressão kantiana; o poder para a reflexão, a autodeterminação, a não-participação”. (ADORNO, 2003a, p.125).

Em outra passagem do mesmo debate, o autor define o que seria a elaboração da experiência crítica do pensamento:

Mas aquilo que caracteriza propriamente a consciência é o pensar em relação à realidade, ao conteúdo – a relação entre as formas e estruturas de pensamento do sujeito e aquilo que este não é. Este sentido mais profundo de consciência ou faculdade de pensar não é apenas o desenvolvimento lógico formal, mas ele corresponde literalmente à capacidade de fazer experiências. Eu diria que pensar é o mesmo que fazer experiências intelectuais. Nesta medida e nos termos que procuramos expor, a educação para a experiência é idêntica à educação para a emancipação. (ADORNO, 2003a, p.151).

Consideramos que a abordagem adorniana sobre o encaminhamento ético da educação baseia-se em elementos extraídos da realidade histórica, vivenciada na sociedade contemporânea. O caráter negativo da crítica tenderia a opor resistência em relação às afirmações morais e éticas de cunho ideológico, que não considerem o desenvolvimento concreto e as relações sociais em suas ambiguidades. Um grande desafio para a educação em termos éticos seria articular meios para se evitar que novos episódios barbárie, como os observados na Segunda Grande Guerra continuem a acontecer. Para isso, seria necessária a compreensão do contexto social em que prevalece o predomínio das relações voltadas para interesses estritamente mercadológicos, soterrando dimensões psicológicas importantes, capazes de emergir de modo imponderável no decorrer do processo histórico.

CAPÍTULO 8 – A elaboração crítica do passado no processo formativo

Neste capítulo, analisaremos a abordagem adorniana sobre o conceito de “elaboração do passado”, trazida pelo autor na discussão sobre as questões educacionais. Pretende-se discutir a importância da elaboração crítica no contexto da educação, entendendo-a como uma das dimensões essenciais para a formação crítica.

O conceito de “elaboração do passado” é tratado por Adorno como ferramenta indispensável no processo de emancipação do indivíduo e da sociedade. Consiste na relação da memória com a interpretação consciente e crítica sobre os acontecimentos do passado. A princípio, seria necessário expor o modo distorcido pelo qual o termo elaboração é utilizado, isso porque, elaborar o passado, no período posterior à Segunda Grande Guerra, tornou-se sinônimo de esquecimento. Como se conhece pelos estudos da psicologia, a negação do passado produz efeito diverso do desejado. Elaborar conscientemente o passado, no período do pós-guerra, continha o fator emergencial em face da iminência de que novamente eclosões de barbárie pudessem voltar a ocorrer, em consequência da incompreensão dos indivíduos diante da história.

É importante salientar que o termo “elaboração” pertence ao universo psicanalítico desde 1914, cunhado por Freud no ensaio *Recordar, repetir e elaborar*. (1974c, p.193-297). Kupermann (2010, p.34) afirma que este talvez seja, entre os conceitos freudianos, o mais complexo e decisivo, uma vez que se refere às especificidades e sutilezas do manejo clínico na tênue relação entre a atividade de interpretação analítica e a intervenção crítica do terapeuta. Os últimos parágrafos do ensaio freudiano sobre o conceito indicariam a tendência de modificação no estilo clínico de Freud, a partir da descoberta do padrão de repetição apresentado pelos pacientes perante o estilo clássico de análise. A “elaboração” consistiria na busca de conciliar o distanciamento da análise com a intervenção crítica, respondendo ao modo compulsivo e irreduzível de repetição dos padrões.

Podemos observar que, na época de Adorno, o termo “elaboração” já havia se tornado um jargão, utilizado indiscriminadamente para qualificar tentativas aleatórias de se lidar com o passado. O autor chama a atenção para um tipo específico que, além de não corresponder ao sentido original do termo, acaba por distorcer o significado de modo contrário às suas expectativas.

A pergunta ‘O que significa elaborar o passado’ requer esclarecimentos. Ela foi formulada a partir de um chavão que ultimamente se tornou bastante suspeito. Nesta formulação, a elaboração do passado não significa elaborá-lo a sério, rompendo seu encanto por meio de uma consciência clara. Mas o que se pretende, ao contrário, é encerrar a questão do passado, se possível inclusive riscando-o da memória. O gesto de tudo esquecer e perdoar, privativo de quem sofreu a injustiça, acaba advindo dos partidários daqueles que praticaram a injustiça [...] a tendência de relacionar a recusa da culpa, seja ela inconsciente ou nem tão inconsciente assim, de maneira tão absurda com a ideia de elaboração do passado, é motivo suficiente para provocar considerações relativas a um plano que ainda hoje provoca tanto horror que vacilamos até em nomeá-lo. (ADORNO, 2003a, p. 29).

A tentativa de esquecimento, retirando da esfera consciente a memória de fatos ocorridos, não corresponde a elaboração psíquica do passado, podendo pelo contrário, servir no sentido de aprofundar os danos ocorridos, assim como preservar com maior intensidade os elementos causadores de tais fatos. A esfera inconsciente, como se sabe, afeta e determina indiretamente as ações dos indivíduos por meio das pulsões, muito embora as motivações de tais atos permaneçam incompreendidas na esfera consciente. O esforço pelo esquecimento promove um efeito superficial, impedindo que a consciência reflita sobre tais impulsos incompreendidos. O esquecimento é incompatível com a elaboração das experiências vividas, não servindo de modo algum para evitar que tais acontecimentos ocorram novamente no presente. Em outro trecho o autor afirma:

A sobrevivência do fascismo e o insucesso da tão falada elaboração do passado, hoje desvirtuada em sua caricatura como esquecimento vazio e frio, devem-se à persistência dos pressupostos sociais objetivos que geram o fascismo. Este não pode ser produzido meramente a partir de disposições subjetivas. A ordem econômica e, seguindo seu modelo, em grande parte também a organização econômica, continua obrigando a maioria das pessoas a depender de situações dadas em relação às quais são impotentes, bem como a se manter numa situação de não-emancipação. (ADORNO, 2003a, p.43).

A pretensa forma de elaboração acima descrita, pautada pela tentativa de esquecimento e negação do passado, revela a deficiência na capacidade de se lidar com a culpa; fenômeno apresentado pela sociedade alemã do pós-guerra e abordado por Adorno em seus escritos. Haveria a grande dificuldade individual e coletiva de refletir criticamente sobre tal questão na perspectiva do presente. Uma das formas de reagir à constatação da culpa em relação às atrocidades da guerra, teria sido a tentativa desesperada de não mencionar o ocorrido, como se a simples omissão do pronunciamento ou da descrição dos fatos pudesse apagar as marcas registradas por todos que foram afetados, direta ou indiretamente. O autor menciona o hábito de se utilizar na linguagem termos destinados a abrandar a gravidade de determinadas situações, como a chamada “noite de cristal” e outras expressões eufemísticas, pretendendo-se tornar possível que certas questões sejam tratadas de forma mais tolerável. Como afirma o autor do seguinte modo:

No experimento de grupo do Instituto de Pesquisa Social frequentemente verificamos que a lembrança da deportação e do genocídio se associava à escolha de expressões atenuantes ou de descrições eufemistas, ou configurava um espaço vazio do discurso; o uso consagrado e quase benevolente da versão da ‘noite de cristal’ para designar o *pogrom* de novembro de 1938 confirma esta tendência. É muito grande o número daqueles que pretendem, na ocasião, não ter tido conhecimento dos acontecimentos que sucediam, embora por toda parte os judeus tenham desaparecido, e embora seja pouco provável que aqueles que viveram o que acontecia no Leste tenham silenciado acerca do que deve ter sido um fardo insuportável. É razoável supor que existe uma proporção entre o gesto de não-ter-sabido-de-nada e uma indiferença ao menos embrutecida e amedrontada. O certo é que os decididos adversários do nazismo cedo souberam com bastante precisão o que acontecia. (ADORNO, 2003a, p.30).

A tendência em não se admitir a expressão clara sobre questões incômodas do passado representaria a ameaça de um perigo iminente. À medida que o contato com a culpa ou o arrependimento é rejeitado, os embriões de tais acontecimentos seriam cultivados de modo silencioso, internamente às relações superficiais, podendo em ocasião futura mais favorável, eclodir reproduzindo-se com igual ou maior força. O autor, em uma das transmissões radiofônicas intitulada *Educação*

após *Auschwitz*, relata um acontecimento tomado como exemplo de tais circunstâncias:

Certa feita uma experiência me assustou muito: numa viagem ao lago de Constância, eu lia num jornal de Baden em que se informava acerca da peça *Mortos sem sepultura*, de Sartre, que representa as situações mais terríveis. A peça incomodava visivelmente o crítico. Mas ele não explicou este incômodo mediante o horror da coisa que constitui o horror de nosso mundo, mas torceu a questão como se, frente a uma posição como a de Sartre, que se ocupara do problema, nós tivéssemos, por assim dizer, um sentido para algo mais nobre: que não poderíamos reconhecer a ausência de sentido do horror. Resumindo: o crítico procurava se subtrair ao confronto com o horror graças a um sofisticado palavreiro existencial. O perigo de que tudo aconteça de novo está em que não se admite o contato com a questão, rejeitando até mesmo quem apenas a menciona, como se, ao fazê-lo sem rodeios, este se tornasse o responsável, e não os verdadeiros culpados. (ADORNO, 2003a, p.125).

Maar (2003b, p.15) salienta que a teoria adorniana traz o aspecto de denúncia a respeito de reações não-reflexivas no interior do processo de racionalização, algo desconhecido e ignorado pela sociedade. O problema maior seria julgar-se esclarecido sem sê-lo, sem perceber a falsidade da própria condição vivida. Da mesma forma como o desenvolvimento científico não conduziu necessariamente à emancipação, trazendo consigo a condição dialética de conservação da barbárie, ocorreria o mesmo no plano educacional. A formação cultural, tradicionalmente concebida como o caminho para a autonomia, pode conduzir ao contrário, haja visto que, paradoxalmente, um país tão culto e educado como a Alemanha, berço de nomes como Goethe e Hölderlin, foi capaz de desembocar na barbárie nazista de Hitler. A realidade do nazismo exigiria a compreensão sobre suas bases materiais, investigando tais fatos não como acidentais e passíveis de serem esquecidos, mas como resultado do processo formativo da sociedade em contínuo desenvolvimento até os dias atuais.

Podemos observar que a questão já havia sido investigada pelo autor, em sua parceria com Horkheimer na *Dialética do esclarecimento*, como é expresso na seguinte passagem:

No trajeto da mitologia à logística, o pensamento perdeu o elemento da reflexão sobre si mesmo, e hoje a maquinaria mutila os homens mesmo quando os alimenta. Sob a forma das máquinas, porém, a *ratio* alienada move-se em direção a uma sociedade que reconcilia o pensamento

solidificado, enquanto aparelhagem material e aparelhagem intelectual, com o ser vivo liberado e o relaciona com a própria sociedade como seu sujeito real. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.48).

Os autores indicam a fragmentação da consciência como algo marcante na sociedade contemporânea. No mesmo sentido, a formação cultural enquanto desenvolvimento pleno do indivíduo foi mantida somente como ideia abstrata; com as transformações concretas da sociedade, a formação que pretendia a universalidade fragmentou-se em posições isoladas, cada uma das quais ostentando a pretensão de compreender universalmente os acontecimentos. Seria necessário expor tais limitações, revelando as relações e os antagonismos reais do conhecimento e do plano da própria existência: Como afirma Adorno na *Teoria da semicultura*:

Igualmente, diante do ímpeto do que está acontecendo, permanecem insuficientes as reflexões e investigações isoladas sobre os fatores sociais que interferem positiva ou negativamente na formação cultural, as considerações sobre sua atualidade e sobre os inúmeros aspectos de suas relações com a sociedade, pois para elas a própria categoria formação já está definida a priori. O mesmo acontece com os momentos parciais, imanentes ao sistema, que atuam em cada caso no interior da totalidade social: movem-se no espaço de conjuntos enquanto estes é que deveriam ser os primeiros a serem compreendidos. (1996, p.388).

Na mesma obra, Adorno descreve a perda das características que definiam a educação como processo; o *temps durée*, isto é, a duração do tempo necessária ao amadurecimento das ideias, fundamentando o julgamento, foi substituído na sociedade contemporânea pelo imediatismo do “É isso”, sem julgamento. Por isso, afirma-se que a semiformação apresenta uma espécie de fraqueza em relação ao tempo; não há a relação com a memória como mediadora da experiência concreta, na qual se realiza a síntese dos acontecimentos históricos com a experiência imediata, algo importante no sentido da formação tradicional. Pelo contrário, na formação contemporânea, ocorreria o enaltecimento da má memória, transfigurada em indicadora das múltiplas ocupações do indivíduo na sobrecarga de funções. A diversidade superficial de funções da razão seria elemento valorizado socialmente na contemporaneidade, subtraindo do conceito a correção dialética. Em termos

sociais, isso representa o conformismo e a adesão voluntária aos sistemas totalitários de compreensão da realidade.

Adorno afirma que o contexto da semiformação preserva, de forma contraditória, os princípios da formação cultural enquanto projeto emancipatório. Isso porque, os ideais formativos tradicionais, pautados no desenvolvimento do indivíduo autônomo, são mantidos de modo ideológico, esvaziados de sentido efetivo ao serem mesclados à falta de memória e ao imediatismo, provenientes da dinâmica social contemporânea. A hipervalorização do presente, determinada pela busca de resultados imediatos, ignora as reduções de conteúdos e as simplificações no que tange aos bens culturais, algo característico da sociedade no capitalismo tardio, tendo contribuído para o empobrecimento do potencial reflexivo. Na afirmação da falta de memória, estaria incutida uma espécie de “ressentimento”, ofuscando a percepção sobre as perdas e deformações relativos aos objetivos tradicionais da formação cultural. Como afirma o autor em *Educação e emancipação*:

Penso que, além desses fatores subjetivos, existe uma razão objetiva da barbárie, que designarei bem simplesmente como a da falência da cultura. A cultura, que conforme sua própria natureza promete tantas coisas, não cumpriu a sua promessa. Ela dividiu os homens. A divisão mais importante é aquela entre trabalho físico e intelectual. Deste modo ela subtraiu aos homens a confiança em si e na própria cultura. E como costuma acontecer nas coisas humanas, a consequência disto foi que a raiva dos homens não se dirigiu contra o não-cumprimento da situação pacífica que se encontra propriamente no conceito de cultura. Em vez disso, a raiva se voltou contra a própria promessa ela mesma, expressando-se na forma fatal de que essa promessa deveria não existir. (ADORNO, 2003a, p.164).

Paradoxalmente, no contexto da semicultura (*Halbbildung*)³³, os esforços autônomos de autorreflexão são considerados no sentido inverso, como se fossem a manifestação do ressentimento frente ao avanço cultural dos tempos modernos. Ofuscada pela atividade fragmentada e unilateral da razão, a atividade reflexiva – na qual inclui-se o processo de elaboração da história social e do conhecimento – é combatida como forma retrógrada de resgatar o passado já superado. O autor salienta que esta seria a manifestação do puro ressentimento, mascarando a reação

³³ Sobre as variações de tradução referente ao termo *Halbbildung*, conferir nota 5 (p. 19) deste trabalho.

inconsciente sobre as deformações dos ideais formativos tradicionais sofridas durante o processo histórico, e revelando a incapacidade do indivíduo para a experiência.

A constituição da aptidão à experiência consistiria essencialmente na conscientização e, desta forma, na dissolução desses mecanismos de repressão e dessas formações reativas que deformam nas próprias pessoas sua aptidão à experiência. Não se trata, portanto, apenas da ausência de formação, mas da hostilidade frente à mesma, do rancor frente àquilo de que são privadas. Este teria de ser dissolvido, conduzindo-se as pessoas àquilo que no íntimo todas desejam. (ADORNO, 2003a, p.150).

De acordo com Bueno (2010, p.304), o conceito nietzschiano de ressentimento³⁴ que, em termos gerais, seria empregado originalmente para descrever o ódio impotente veiculado pela moral cristã, contra valores aristocráticos inacessíveis a indivíduos inferiores, é utilizado por Adorno em outro sentido, para designar o vínculo entre o conhecimento comprometido pela patologia e a semiformação. Com tal conceito, o autor frankfurtiano pretenderia expressar o tipo de personalidade e de cultura que favorece a reprodução das condições geradoras da barbárie. O ressentimento produzido pela formação distorcida - verificado na contemporaneidade - pode, em determinados contextos políticos, ser canalizado sobre as vítimas eleitas em cada sociedade. A hostilidade existente nos indivíduos particulares, em vez de ser elaborada e compreendida em suas mediações sociais, econômicas e políticas, encontra oportunidade de vazão sobre representantes de minorias que apresentem algum tipo de dissonância, real ou imaginária. Como afirma, em parceria com Horkheimer, na *Dialética do esclarecimento*:

Ao invés de elaborar intelectualmente o fracasso da pretensão absoluta e assim continuar a determinar seu juízo, o paranoico se aferra à pretensão que levou seu juízo ao fracasso. Ao invés de prosseguir, penetrando na coisa, o pensamento inteiro se põe desesperadamente a serviço do juízo

³⁴ Sobre tal conceito convém considerar a descrição mais detalhada de Nietzsche em *Ecce Homo*: "O ressentimento, que é em sumo grau prejudicial ao doente, está-lhe contra-indicado: infelizmente é a sua inclinação mais natural. O conceito é de Buda, fisiologista profundo. A sua "religião", que antes devia chamar-se "higiene", para não a confundir com coisa tão lamentável como é o cristianismo, faz depender a sua eficácia da vitória sobre o ressentimento. Libertar a alma do ressentimento, é o primeiro passo para a cura" (NIETZSCHE, 1983, p.369).

particular. Seu caráter irresistível é o mesmo que sua positividade intacta, e a fraqueza do paranoico é a fraqueza do próprio pensamento. Pois a reflexão que, na pessoa sadia, rompe o poder da imediatidade nunca é tão convincente como a aparência que ela suprime. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.181).

A questão envolve outros dois conceitos de origem psicanalítica: a “paranoia” e a “falsa projeção”. Na *Dialética do esclarecimento*, Adorno e Horkheimer fazem uso de tais expressões freudianas referindo-se às condições psicológicas que fundamentam o antissemitismo enquanto valor intercambiável, não exclusivo aos judeus. A base fundamental da rejeição referente às idiossincrasias seria a perda da capacidade de autorreflexão, sendo que o indivíduo paranoico projeta no elemento diferenciado aquilo que inconscientemente identifica em si como fraqueza e defasagem cultural. Toma-se a vítima como o agressor em potencial, criando-se mecanismos de defesa para projetar o ressentimento não elaborado sobre a vítima em potencial. Tal mecanismo, devido a sua natureza intercambiável, poderia permanecer latente na sociedade, sobrevivendo em condições diversas das vividas na Segunda Grande Guerra. Sobre este ponto é interessante considerar ainda o seguinte trecho:

A tendência à falsa projeção é tão fatalmente inerente ao espírito que ela, esquema isolado da autoconservação, ameaça dominar tudo o que vai além dela: a cultura. A falsa projeção é o usurpador do reino da liberdade e da cultura; a paranoia é o sintoma do indivíduo semicultivado. Para ele, todas as palavras convertem-se num sistema alucinatório, na tentativa de tomar posse pelo espírito de tudo aquilo que sua experiência não alcança, de dar arbitrariamente um sentido ao mundo que torna o homem sem sentido, mas ao mesmo tempo se transformam também na tentativa de difamar o espírito e a experiência de que está excluído e de imputar-lhe a culpa que, na verdade, é da sociedade que o exclui do espírito e da experiência. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.182).

Gagnebin (2006, p.103) observa que Adorno, em sua radiotransmissão sobre a elaboração do passado, ainda que fosse judeu e sobrevivente das atrocidades cometidas durante a Segunda Guerra, não faz menção aos acontecimentos do passado como forma de apelo a comemorações solenes ou homenagens vazias. O não esquecimento proposto pelo autor teria mais o caráter de incitar a análise esclarecedora, fomentando a resistência frente às tentativas de dissimular os fatos e

mascarar a realidade. O decisivo, no processo de lembrança e elaboração do passado, estaria na capacidade de oferecer instrumentos para melhor esclarecer o presente, uma vez que a condição atual é construída por elementos preservados de situações anteriores; a negação de fatores relevantes no processo histórico seria a base do potencial de repetição que tais questões encerram em si.

Adorno aborda a relação da sociedade alemã de seu tempo com os conceitos psicanalíticos, indicando o efeito positivo que teriam sobre o processo formativo. Por outro lado, salienta que tais conceitos sofreram deturpações, perdendo o potencial crítico de promover a reflexão. Como afirma nos seguintes termos:

O saber preciso e incisivo da psicanálise é mais atual do que nunca. O ódio em relação a ela se identifica diretamente ao antissemitismo, e não simplesmente porque Freud era judeu, mas porque a psicanálise consiste exatamente naquela autoconsciência crítica que enfurece os antissemitas. Em que pesem as dificuldades, nem que sejam apenas de tempo, em realizar uma espécie de análise de massas, e supondo que a psicanálise rigorosa dispusesse de um lugar institucional, a influência da mesma sobre o clima espiritual na Alemanha seria muito salutar, mesmo que se resumisse a tornar natural a atitude de não exteriorizar a violência, mas refletir sobre si mesmo e sobre a relação com os outros que costumam ser os destinatários dessa violência. (ADORNO, 2003a, p.46-47).

Em trecho seguinte afirma ainda que:

Freud fundamentou de um modo essencialmente psicológico a tendência à barbárie e, nesta medida, sem dúvida acertou na explicação de uma série de momentos, mostrando, por exemplo, que por intermédio da cultura as pessoas continuamente experimentam fracassos, desenvolvendo sentimentos de culpa subjacentes que acabam se traduzindo em agressão. Tudo isto é muito procedente, tem uma ampla divulgação e poderia ser levado em conta pela educação na medida em que ela finalmente levar a sério as conclusões apontadas por Freud, em vez de substituí-las pela pseudo-profundidade de conhecimentos de terceira mão. (ADORNO, 2003a, p.163-164).

Maar (2003b, p.11-27) salienta que a análise adorniana sobre a questão da elaboração do passado não esteve restrita à esfera subjetiva; haveria a consideração sobre as determinações sociais dos acontecimentos, pautando as possíveis estratégias educacionais pela forma social em que a educação se concretiza. Após Auschwitz, a elaboração do passado impôs-se como uma

necessidade emergente, diferente de uma simples necessidade “intelectual” ou “cultural”, em que se aplique o princípio abstrato do “esclarecimento” em si mesmo. A realidade social prejudicada no presente – sobretudo pelas consequências da supervalorização do caráter instrumental da razão – precisaria ser elaborada, para que tal condição não perdure e o passado não encontre ocasião para se repetir.

Entendemos que, em conformidade com Marx e Engels (2008, p.10-11), Adorno reafirma os princípios materialistas, pelos quais as premissas teóricas deveriam ser pautadas por fundamentos reais. Os autores de *A Ideologia Alemã* defendiam que os indivíduos deveriam ser considerados em sua existência concreta, nas condições materiais vividas no meio social e naquelas que são engendradas constantemente pela ação, representando elementos verificáveis pela via puramente empírica. Tal concepção da história³⁵ tem por base o desenvolvimento histórico dos modos de produção e da vida imediata; isto significa inferir a história da sociedade civil em seus diferentes estágios de produção, explicando por meio de base concreta seus sistemas de representação abstratos, tais como: produções teóricas, religiões e filosofias. A partir disto, Adorno afirma em *Educação e emancipação*:

Esta mentalidade obstinada dos que nada querem ouvir a respeito deste assunto encontra-se em conformidade com uma vigorosa tendência histórica [...] Não se trata meramente de um produto da decadência, da forma de reagir de uma humanidade sobrecarregada de estímulos e que não consegue mais dar conta dos mesmos, como se costuma dizer, mas refere-se a algo vinculado necessariamente à progressividade dos princípios burgueses. A sociedade burguesa encontra-se subordinada de um modo universal à lei da troca, do ‘igual por igual’ de cálculos que, por darem certo, não deixam resto algum. Conforme sua própria essência, a troca é atemporal, tal como a própria razão, assim como, de acordo com sua própria forma pura, as operações da matemática excluem o momento temporal. Nesses termos, o tempo concreto também desapareceria da produção industrial. Esta procede sempre em ciclos idênticos e pulsativos, potencialmente de mesma duração, praticamente não necessita mais da experiência acumulada. (ADORNO, 2003a, p.33).

Na mesma medida em que o autor frankfurtiano utiliza categorias e termos psicanalíticos para explorar os detalhamentos subjetivos e coletivos – comportamento de massa -, também contrapõe tais conceitos à tradição materialista, considerando a necessidade de refletir a questão em suas bases sociais e

³⁵ Sobre a concepção de história em Marx e Engels, conferir nota 29 (p. 76) deste trabalho.

históricas. Como aspectos diferentes e complementares da mesma problemática, o subjetivo é confrontado com o imperativo das condições materiais, determinantes na dinâmica social pautada pelas relações de exploração. Na contemporaneidade, o predomínio da razão instrumental representa o desenvolvimento empírico da sociedade na direção de uma determinada forma de produção e conservação social; a elaboração crítica depende da clareza sobre estas condições em que a sociedade está fundamentada. Seguindo a dialética materialista, o autor afirma que as condições subjetivas, em última instância, teriam por base os fundamentos concretos pelos quais a sociedade é determinada. Como é expresso no seguinte trecho de *Educação e emancipação*:

Quando a humanidade se aliena da memória, esgotando-se sem fôlego na adaptação ao existente, nisto reflete-se uma lei objetiva de desenvolvimento [...] O esquecimento do nazismo pode ser explicado muito mais a partir da situação social geral do que a partir da psicopatologia. Até mesmo os mecanismos psicológicos que operam na recusa de lembranças desagradáveis e inescrupulosas servem a objetivos extremamente realistas. Os próprios agentes da recusa acabam revelando os mesmos, quando, munidos de sentido prático, afirmam que a lembrança demasiadamente concreta e incisiva do passado poderia prejudicar a imagem da Alemanha no exterior. (ADORNO, 2003a, p.33).

Mészáros (2006, p. 264) ressalta que o processo de transcendência positiva sobre a condição de alienação estaria vinculado a modificação no processo formativo em sentido amplo. Em última instância, seria necessária uma “revolução cultural” radical para transcender o estado alienado dos indivíduos, não podendo limitar-se a modificações políticas parciais no âmbito da educação formal. O desenvolvimento do capital estaria materializado em todas as formas e instituições oriundas das relações sociais, extrapolando o âmbito dos meios de produção e das relações econômicas; isto fundamentaria a tese de que o objetivo de transcender a produção alienada no capitalismo necessitaria da concepção de um quadro global, coletivo e revolucionário, envolvendo estratégias educacionais amplas, dedicadas à esta finalidade específica.

Adorno, embora tenha como base evidente o referencial marxiano, encontra outras respostas que se revelam distintas da tradição marxista. A partir da análise

objetiva, com base na estrutura concreta da sociedade, segue-se o pensamento a respeito da ação subjetiva, capaz de afirmar a diferencialidade como antídoto ao processo de objetivação, este que, na contemporaneidade, significa a massificação das consciências em constante alienação. O pensamento crítico adorniano transita da esfera teórica para a prática, compreendendo a objetividade da realidade concreta como fundamento de ações subjetivas, pontuais, representantes da consciência autônoma.

Sobre este ponto, é interessante salientar, no autor, a influência do pensamento nietzschiano³⁶. Nietzsche em *Schopenhauer educador* (2004, p. 139) descreve a atitude do indivíduo reflexivo, que reage ao conformismo e ao comportamento indiferente em relação ao aspecto de mercadorias produzidas em série no qual a sociedade se vê enredada. Afirma a possibilidade de o indivíduo desvencilhar-se do pensamento pertencente à massa, através do esforço subjetivo contra as condições impostas no âmbito concreto. O homem que não deseja submeter sua própria consciência ao contexto do domínio, precisaria começar por ouvi-la – a sua própria consciência – atendendo em seguida aos seus apelos no sentido de desenvolver-se enquanto subjetividade. Tal ímpeto de libertação seria mais evidente nos jovens, naturalmente dispostos às mudanças e dedicados à procura de sua própria emancipação; uma condição incompatível com a permanência nas cadeias da opinião corrente e com o medo em relação aos riscos que competem às transformações.

³⁶ Sobre a influência e a distinção entre Adorno e Nietzsche salientamos as considerações de Musse: “Em sua preocupação em evitar as aporias da sistematicidade filosófica, Adorno aproxima-se de Nietzsche. Em ambos a atenção ao conteúdo subjetivo é decisiva. Recusam firmemente tanto a metafísica como seu complemento, o idealismo filosófico, com sua pretensão de estabelecer um primeiro princípio e vitalizar a noção de espírito. Rejeitam ainda a cumplicidade do pensamento com o mundo, com os valores que a sociedade estipula como legítimos. Esses pontos em comum, no entanto, não são suficientes para inserir Adorno no neonietzscheísmo do século XX. Além da prioridade que concede ao modelo de crítica da economia política inaugurado por Marx, Adorno discorda de Nietzsche em aspectos decisivos. Ele considera, por exemplo, que com a dissolução da religião e de suas secularizações filosóficas, com o advento da “sociedade de consumo”, modificaram-se os pressupostos objetivos e, hoje, os ideais ascéticos* são uma forma mais adequada de resistência à sociedade existente do que o ‘amoralismo’ preconizado por Nietzsche. Adorno também considera a noção nietzschiana de *amor fati*, o lema “deves amar o seu destino”, como um sinal indelével de conformismo” (MUSSE, 2011, p.174).

* O termo “ideais ascéticos” aparece na *Dialética negativa*, no momento em que o autor discute a manutenção das tensões entre sensível e inteligível, considerando importante manter as afirmações divergentes, sem que uma dimensão se sobreponha à outra. Nesses termos, o pensamento crítico não descartaria qualquer dimensão da realidade, seja abstrata ou concreta, mas trataria de expor seus antagonismos e distinções, assim como seu lugar no contexto plural da sociedade. Sobre o tema, conferir ADORNO (2009, p. 109).

Maar (2003a, p.469) ressalta na teoria adorniana, a afirmação da negatividade enquanto princípio crítico, talvez a “única possibilidade” que ainda restaria para a formação. A resistência do indivíduo autônomo não significaria negar a concretude dos fatos, mas sugere contrapor uma oposição dialética frente ao domínio dos padrões massificados, presentes também no campo da educação. Na educação, tais padrões se fariam sentir por meio da sistematização do ensino e do direcionamento, em que predomina a busca de resultados imediatos como principal objetivo a ser alcançado. Em concordância com Vilela (2007, p.237-238)³⁷, o autor enfatiza a atualidade da discussão de Adorno, em que se afirma a necessidade de expor dialeticamente a realidade, evitando suprimir tensões e contrariedades que são inerentes à construção da consciência crítica. Como é possível ver no seguinte trecho de *Educação e emancipação*:

Uma educação sem indivíduos é opressiva, repressiva. Mas quando procuramos cultivar indivíduos da mesma maneira que cultivamos plantas que regamos com água, então isto tem algo de quimérico e de ideológico. A única possibilidade que existe é tornar tudo isso consciente na educação; por exemplo, para voltar mais uma vez à adaptação, colocar no lugar da mera adaptação uma concessão transparente a si mesma onde isto é inevitável, e em qualquer hipótese confrontar a consciência desleixada. Eu diria que hoje o indivíduo só sobrevive enquanto núcleo impulsionador da resistência. (ADORNO, 2003a, p.154).

O aparente subjetivismo radical, em que Adorno salienta a importância da experiência subjetiva como contraponto frente ao domínio dos padrões massificados em vigência, o que denotaria certo “pessimismo” em relação às possibilidades concretas da educação, já que, as ações em larga escala tenderiam a se diluir no contexto de padronizações em vigência, seria melhor explicado se considerarmos a formulação epistemológica, desenvolvida na *Dialética negativa*. A partir da concepção negativa em relação à dialética hegeliana, o autor estabelece o contraponto entre esferas contraditórias, confrontadas pela reflexão crítica; neste, o objetivo e o subjetivo, assim como o plano teórico e prático, são mantidos em sua antítese, servindo-se do pensamento para esclarecer os conflitos e obter a consciência clara sobre as relações. A postura dialética negativa coloca em suspenso os antagonismos para melhor explorá-los, em suas nuances e dimensões

³⁷ Conferir a referência à autora nas páginas 76-77 deste trabalho.

diferenciadas. Este procedimento é aprofundado na *Dialética negativa*, em que o autor dialoga com a dialética idealista, como no seguinte trecho:

A verdade, que na dialética idealista impele para além de todo e qualquer elemento particular como algo falso em sua unilateralidade, seria a verdade do todo [...] A isso é preciso replicar que o objeto da experiência intelectual é em si um sistema antagonista extremamente real [...] A constituição impositiva da realidade, que o idealismo tinha projetado para a região do sujeito e do espírito, deve ser reportada para um espaço fora dessa região. O que resta do idealismo é o fato de a determinante objetiva do espírito, a sociedade, ser tanto um conjunto de sujeitos quanto sua negação. (ADORNO, 2009, p.17).

De acordo com Lastória (2001, p.72-73), o “diagnóstico” adorniano não resultaria na prescrição de uma práxis eficiente na erradicação de determinado “mal”. Apontaria, por outro lado, uma precondição, talvez insuficiente, na qual a crescente barbárie pudesse ser contida nos dias atuais. Tal precondição subjetiva e ao mesmo tempo objetiva – posto que inserida na sociedade – estaria na retomada por parte dos indivíduos da exigência clássica da filosofia, de pensar o próprio pensamento. O pensamento filosófico necessitaria tornar-se consciente do fracasso histórico em relação à promessa moderna de conquista de uma vida melhor por meio da realização da razão. A partir disso, a reflexão poderia prosseguir humildemente em direção às metas não alcançadas, evitando as pretensões totalizantes e pondo em xeque os próprios métodos e caminhos tradicionais. Essa atitude racional de crítica imanente seria o ponto central da *Dialética negativa*, pretendendo conduzir a razão para uma espécie de consciência ética, na qual o pensamento reconheceria sua própria insuficiência. Tal formulação já havia sido indicada em relação à questão da semicultura, cabendo novamente³⁸ a referência ao seguinte trecho de *Teoria da semicultura*:

Seria de se apontar para uma situação em que a cultura nem fosse sacralizada, conservada em seus restos, nem eliminada, porém que se colocasse além da oposição entre cultura e não-cultura, entre cultura e natureza. Isto, porém, requer que não somente se rejeite uma concepção de cultura tomada como absoluta, como também que não se dogmatize, que não se enrijeça sua interpretação em tese não dialética como algo dependente, como mera função da práxis e mero voltar-se a ela. (ADORNO, 1996, p.409).

³⁸ Julgamos importante aqui, retomar a citação já utilizada anteriormente em outro contexto. Conferir página 72-73 deste trabalho.

A sustentação das antíteses como instrumento de análise crítica é também apontada no que se refere aos objetivos da educação, como no seguinte trecho em *Educação e emancipação*³⁹:

A educação seria impotente e ideológica se ignorasse o objetivo de adaptação e não preparasse os homens para se orientarem no mundo. Porém ela seria igualmente questionável se ficasse nisto, produzindo nada além de *well adjusted people*, pessoas bem ajustadas, em consequência do que a situação existente se impõe precisamente no que tem de pior. Nestes termos, desde o início existe no conceito de educação para a consciência e para a racionalidade uma ambiguidade. Talvez não seja possível superá-la no existente, mas certamente não podemos nos desviar dela. (ADORNO, 2003a, p.143-144).

A abordagem adorniana sobre o conceito de “elaboração” estabelece, a princípio, uma relação direta com os acontecimentos do passado recente, referente aos crimes e atrocidades cometidos durante a Segunda Guerra, dos quais Adorno e os demais frankfurtianos foram sobreviventes. Entretanto, é possível inferir, na sua construção conceitual, a ampla gama de conceitos, oriundos de origens diferentes. O uso dos termos originários do meio psicanalítico contrapõe-se à influência marxiana, justaposta ao diálogo crítico do autor com a tradição filosófica anterior, em particular com o idealismo de Hegel e o Iluminismo. A elaboração crítica passaria da reflexão objetiva sobre os acontecimentos históricos para a investigação da subjetividade, considerando o modo como esta é afetada inversamente pelo movimento social. A exigência do impulso individual de resistência em face do poder estabelecido é complementada de forma antitética pela necessidade de ações coletivas e objetivas, articulando as iniciativas autônomas em torno da meta comum de esclarecimento, como se observa no seguinte trecho:

A elaboração do passado como esclarecimento é essencialmente uma tal inflexão em direção ao sujeito, reforçando a sua auto-consciência e, por esta via, também o seu eu. Ela deveria ser concomitante ao conhecimento daqueles inevitáveis truques de propaganda que atingem de maneira certa aquelas disposições psicológicas cuja existência precisamos pressupor nas pessoas. Como se trata de truques determinados e em

³⁹ Reproduzimos também este trecho já citado, por ser relevante nesse momento da discussão. Conferir página 59 deste trabalho.

número limitado, não é muito difícil mantê-los à disposição, utilizando-os numa espécie de vacinação preventiva. Provavelmente, apenas uma atuação conjunta daqueles pedagogos e psicólogos que não se esquivam da mais prioritária das tarefas profissionais em nome da objetividade científica poderia solucionar o problema da realização prática de um tal esclarecimento subjetivo. (ADORNO, 2003a, p.48).

Consideramos que Adorno, ao abordar o conceito de “elaboração do passado” em suas intervenções sobre questões educacionais, expõe um traço importante para se entender os objetivos da formação de acordo com a análise crítica. O processo de tomada de consciência sobre fatores não aparentes da realidade, algo oriundo da prática psicanalítica em relação à subjetividade, é abordado pelo autor em sua dimensão sociológica, sinalizando a possibilidade de a educação estabelecer como objetivo o desvelamento de fatores sociais ocultos na prevalência de padrões totalizadores, desenvolvendo a aptidão para a consciência crítica por intermédio da abertura em relação aos acontecimentos históricos.

CAPÍTULO 9 – A dimensão estética implicada na formação crítica

Discutiremos, neste capítulo, a importância da dimensão estética nas considerações de Adorno sobre os problemas da educação. A aptidão básica para a apreensão estética estaria entre as principais perdas no contexto da formação contemporânea, surgindo como objetivo essencial nas propostas críticas para a educação. Veremos que a ruptura em relação aos padrões uniformizantes, ditados pelos grandes sistemas escolares, necessitaria da reflexão sobre as relações estéticas, compreendendo a importância que tal dimensão possui na dinâmica social, assim como no processo formativo dos indivíduos. Veremos também que Adorno, enquanto filósofo, teria adotado deliberadamente o estilo ensaístico, como modo de ruptura estética no campo da reflexão filosófica. O ensaio, oriundo do meio literário, devido ao seu caráter inconcluso e descontínuo, seria o modelo estético mais adequado para discutir a realidade, refletindo o contexto amplo e fragmentário que a análise crítica pretende expor.

9.1 A defasagem estética na cultura burguesa

Adorno, ao longo de suas obras, traçou considerações importantes sobre a dimensão estética como elemento fundamental a ser investigado no contexto da sociedade. O autor dedicou inúmeros artigos à temas relacionados à arte, sobretudo à música⁴⁰, mantendo uma tácita articulação com a sua Sociologia. Tal articulação pretende compreender as condições sociais da contemporaneidade por meio da manifestação artística, por uma perspectiva que fosse capaz de evidenciar o processo de transformações ocorrido no decorrer da história. A defasagem cultural e

⁴⁰ Podemos citar obras como *O fetichismo na música e a regressão da audição* (ADORNO, 1983), ensaio escrito em 1938 nos Estados Unidos, quando teve contato com pesquisas sobre o rádio em Princeton, e a *A filosofia da Nova Música* (ADORNO, 2007), obra publicada em 1949, na ocasião de seu retorno à Frankfurt.

formativa⁴¹ teria, com um dos fatores importantes de manifestação, as perdas relacionadas à aptidão para a experiência estética significativa. Sobre tal questão, é possível destacar inicialmente o seguinte trecho em que o autor dialoga com Helmut Becker em *Educação e emancipação*:

Aqui encontra-se uma tarefa bastante concreta para o que o senhor chama de pesquisa educacional. Dito com muita simplicidade: seria preciso estudar o que as crianças hoje em dia não conseguem mais apreender: o indescritível empobrecimento do repertório de imagens, da riqueza de *images* sem a qual elas crescem, o empobrecimento da linguagem e de toda a expressão. Assim como o senhor, também pretendi discutir se a escola não pode assumir esta tarefa. (ADORNO, 2003a, p.146).

Na *Teoria da semicultura*, podemos encontrar afirmações que relacionam o empobrecimento cultural com o processo de racionalização da sociedade moderna. As formas tradicionais da cultura, ricas em elementos estéticos, seriam reduzidas no contexto das relações imediatas, em que as manifestações de todo tipo são pautadas pela lógica instrumental e pelo sistema de equivalências. O esvaziamento da cultura, no que tange à composição do imaginário coletivo, se faria sentir na formação dos indivíduos, conferindo valor de troca ao que, tradicionalmente, possuía valor intrínseco. A imersão na experiência do processo formativo, seria substituída pelo cálculo estritamente mercadológico, em que se avalia o sucesso de determinado empreendimento, como a própria formação, a partir da obtenção do maior número de resultados no menor espaço de tempo possível. Obviamente, em face de tal mudança de perspectiva sobre o significado da formação, as perdas qualitativas seriam notáveis. Como afirma Adorno, do seguinte modo:

A perda da tradição, como efeito do desencantamento do mundo⁴², resultou num estado de carência de imagens e formas, em uma devastação do espírito que se apressa em ser apenas um meio, o que é, de antemão, incompatível com a formação. Nada retém o espírito, então, para um

⁴¹ Sobre a questão da defasagem cultural na sociedade burguesa, conferir o Capítulo 1 – *O histórico de defasagem cultural* (p. 17-27) neste trabalho.

⁴² O “desencantamento do mundo”, termo presente na teoria weberiana, traduz o movimento histórico em que a valorização extrema dos aspectos formais e instrumentais da razão apresenta-se como característica mais proeminente na modernidade. Desse modo, o próprio conhecimento seria reduzido à dimensão das equivalências e do imediatismo, atendendo às funções úteis na sociedade. O termo situa-se principalmente na obra *Economia e Sociedade*. (WEBER, 2009, p.529).

contato corporal com as ideias [...] A vida, modelada até suas últimas ramificações pelo princípio da equivalência, esgota-se na reprodução de si mesma, na reiteração do sistema, e suas exigências descarregam-se sobre os indivíduos tão dura e despoticamente, que cada um deles não pode se manter firme contra elas como condutor de sua própria vida, nem incorporá-las como algo específico da condição humana. Daí que a existência desconsolada, a alma, que não atingiu seu direito divino na vida, tenha necessidade de substituir as perdidas imagens e formas através da semiformação. (ADORNO, 1996, p.397-399).

Fabiano (1998, p.153) comenta a importância de discutir as formas de entorpecimento mental e o embrutecimento dos sentidos pelos quais a sociedade é educada. As diversas maneiras de educação seriam carregadas de princípios da indústria cultural, expressando a concepção industrializada de cultura que se instaurou por toda a geografia social do mundo moderno. A sociedade seria regida constantemente por formulações de sentimentos e ideias dogmatizadas, haja visto que a crença em postulações heterônomas é a atitude tomada como mais cômoda e legítima, perante o esforço “desagradável” da elaboração e reelaboração das experiências pela reflexão autônoma.

Salientamos que a discussão sobre os efeitos na apreensão estética, sofridos em decorrência da industrialização da cultura, remete-se à *Dialética do esclarecimento*, em que Adorno e Horkheimer abordam a indústria cultural, e os efeitos gerados pela difusão mercadológica da cultura pelos meios de comunicação e reprodução em massa. A apropriação da arte pelas estruturas de mercado, as quais obedecem à lógica dos meios de produção capitalista, geraram efeitos importantes na formação dos indivíduos. A percepção estética é constantemente alterada, acompanhando a demanda conduzida pelas novas técnicas no sistema de reprodução das obras. Digno de nota é o caráter mercadológico assumido pela produção artística; aquilo que era tradicionalmente secundário, assumido como consequência necessária, isto é, o valor pago pela obra, passou a agregar sentido à produção, valorizando determinada manifestação artística de acordo com seu potencial de venda⁴³. O fenômeno da padronização estética atenderia à essa demanda, em que a originalidade ou o potencial de conduzir indivíduos à alguma

⁴³ Sobre este ponto é importante considerar o conceito marxiano de fetiche da mercadoria: “A forma mercadoria e a relação de valor dos produtos de trabalho, na qual ele se representa, não têm que ver absolutamente nada com sua natureza física e com as relações materiais que daí se originam. Não é mais nada que determinada relação social entre os próprios homens que para eles aqui assume a forma fantasmagórica de uma relação entre coisas” (MARX, 1983, p.71).

experiência profunda e significativa é substituído pelo valor da estatística e da rentabilidade.

Sob o poder do monopólio, toda cultura de massas é idêntica [...] Os dirigentes não estão mais sequer muito interessados em encobri-lo, seu poder se fortalece quanto mais brutalmente ele se confessa de público. O cinema e o rádio não precisam mais se apresentar como arte. A verdade de que não passam de um negócio, eles a utilizam como uma ideologia destinada a legitimar o lixo que propositalmente produzem. Eles se definem a si mesmos como indústrias, e as cifras publicadas dos rendimentos de seus diretores gerais suprimem toda dúvida quanto à necessidade social de seus produtos. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.114).

A concepção de educação enquanto forma de despertar a consciência crítica traz a ideia de preparar os indivíduos para o descortinamento da realidade, revelando o que está além da superficialidade e não é declarado nos discursos e ações. A dimensão estética existe como forma essencialmente representativa da composição cultural da sociedade, revelando seus antagonismos, assim como o processo histórico de transformações ocorridas no seu desenvolvimento. Observando a defasagem na capacidade de apreensão estética, seria possível observar o processo de perda na qualidade formativa, relacionada à defasagem na habilidade de apreender criticamente a realidade⁴⁴.

Tiburi (1995, p.68-69) afirma que Adorno reaviva a noção do não idêntico na filosofia; sua teoria enfrentaria o impulso identificatório da consciência, no sentido marxiano de consciência falsa como forma originária de ideologia. A denúncia sobre os padrões estéticos difundidos pela indústria cultural traria consigo afirmações mais amplas sobre a estrutura social. Na teoria adorniana as antinomias são preservadas⁴⁵, afirmando-se a pluralidade em que a “verdade” pode ser apreendida, assim como os próprios limites da razão, em face das limitações impostas pelas condições concretas.

⁴⁴ Sobre este ponto consideramos a seguinte afirmação de Benjamin: “No interior de grandes períodos históricos, a forma de percepção das coletividades humanas se transforma ao mesmo tempo que seu modo de existência. O modo pelo qual se organiza a percepção humana, o meio em que ela se dá, não é apenas condicionado naturalmente, mas também historicamente” (BENJAMIN, 1985, p.169).

⁴⁵ Sobre este ponto, é interessante recordar os princípios do pensamento dialético negativo do autor, em que se afirma a manutenção das antíteses enquanto meio de descortinamento da realidade, em suas dimensões ignoradas pelo pensamento sintético. Sobre esse ponto, conferir o Capítulo 6 – *As antíteses como fundamento da formação* (p.69-78) deste trabalho.

Podemos compreender que o pensamento não conciliatório de Adorno nega as totalizações forçadas, sendo impulsionado por condições objetivas. O núcleo central de tal reflexão foi resumido na *Dialética negativa*, em que a reflexão aborda a insuficiência conceitual sob a máscara de onipotência da razão. O não conceitual emerge como imprescindível à reflexão crítica, trazendo elementos que são imponderáveis para a razão instrumental, manifestando-se em outra esfera de expressão humana. O autor procura expor a fragilidade da dimensão conceitual, quando esta é concebida como absoluta, dialogando com a tradição filosófica que culminou no idealismo alemão; aponta, assim, para as possibilidades do não conceitual como forma de expressão da realidade. As sociedades modernas no seu desenvolvimento histórico adotaram padrões cada vez mais homogêneos de definição, reduzindo as possibilidades de apreensão objetiva. Caberia à reflexão filosófica repensar tais padrões, apontando para a heterogeneidade como meio de desvelamento das capacidades perceptivas e interpretativas dos indivíduos. Como é expresso na seguinte passagem:

O desencantamento do conceito é o antídoto da filosofia. Ele impede o seu supercrescimento: ele impede que ela se autoabsolutize. É preciso refuncionalizar uma ideia que foi legada pelo idealismo e que foi corrompida por ele mais do que qualquer outra: a ideia do infinito. Não cabe à filosofia ser exaustiva segundo o que é usual na ciência, reduzindo os fenômenos a um número mínimo de proposições [...] A filosofia quer mergulhar muito mais literalmente no que lhe é heterogêneo, sem o reduzir a categorias pré-fabricadas [...] O conteúdo filosófico só pode ser apreendido onde a filosofia não o introduz do alto de sua autoridade. É preciso abandonar a ilusão de que ela poderia manter a essência cativa na finitude de suas determinações. (ADORNO, 2009, p.19).

De acordo com Tiburi (1995, p.122), a *Teoria Estética*⁴⁶ pode ser vista como obra complementar à *Dialética negativa*. Nela, Adorno discorre de modo fragmentário sobre a importância da autonomia da arte em relação aos padrões massificados da sociedade, e em relação às estruturas homogêneas de pensamento tradicional, referindo-se, principalmente, à sua discordância com o idealismo e a dialética hegeliana. Nesse sentido, os argumentos desenvolvidos no campo teórico

⁴⁶ Esta obra, publicada em 1970, reúne o conjunto de escritos do autor sobre o tema. Tais textos não puderam ser concluídos ou organizados de forma definitiva devido à sua morte prematura em 06 de agosto de 1969. (ADORNO, 1993).

da estética, viriam ao encontro da concepção de não identidade a partir do não conceitual, vislumbrados na *Dialética negativa*.

Acompanhando ainda a autora, afirma-se que a arte realmente autônoma provocaria o impacto em face das opressões sociais, apontando para uma verdade não intencional produzida em decorrência desta ruptura com o homogêneo. Seria uma verdade não ditada pela lógica formal subjetiva, mas diretamente relacionada às condições objetivas pelas quais sua manifestação foi engendrada. A autonomia se faria sentir na esfera do particular concreto, uma vez que esta manifestação artística estaria livre das imposições ideológicas dos coletivos, agindo de modo irreduzível em relação aos padrões do mundo e da razão tradicional. Isso porque a arte, nesses termos, não aceitaria as reduções e simplificações de seus conteúdos e formas, algo comum no contexto da indústria cultural, constituindo uma manifestação não pautada pela totalidade dos sistemas em vigência. Como afirma Adorno do seguinte modo na *Teoria estética*:

A arte comporta-se em relação ao seu Outro como um ímã num campo de limalha de ferro. Não apenas os seus elementos, mas também a sua constelação, o especificamente estético que se atribui comumente ao seu espírito, remete para este Outro. A insistência no caráter não intencional da arte [...] trai uma autoconsciência inconsciente da arte, da sua participação no que lhe é contrário; semelhante autoconsciência motivou a viragem crítico-cultural da arte, que se desembaraçou da ilusão do seu ser puramente espiritual. (ADORNO, 1992, p.18).

Podemos observar que a modernidade⁴⁷ teve como marca o predomínio do aspecto racional e técnico sobre outras dimensões do saber. Divergindo desse processo, ocorre, na crítica adorniana, o elogio aos elementos da filosofia que apontam para a diversidade, rompendo com a unidade do todo. O momento do “jogo”⁴⁸, em que o saber não está sob controle e as hipóteses não podem ser

⁴⁷ Aqui não nos referimos à modernidade em termos históricos restritos, mas queremos indicar a difusão do pensamento racionalista a partir do século XVII na Europa, o qual teve como principal expoente o filósofo René Descartes. A partir dele, desenvolveu-se uma tradição científico-filosófica pautada pela distinção metódica e racional da realidade, influenciando diretamente a dinâmica social, as crenças e valores, assim como o modo de produzir conhecimento.

⁴⁸ Note-se que o termo “jogo”, cujo significado em inglês, alemão e francês tem o mesmo sentido de “brincar”, já havia sido empregado em ocasiões anteriores, como por exemplo em Schiller, utilizado para designar o contraponto entre razão e sensibilidade: “O homem joga somente quando é homem

previstas, seria mais produtivo do que a rigidez de princípios e fundamentos que procuram a todo custo definir a realidade, e assim limitá-la. O acaso extrínseco, a pauta do momento, o contato com o não idêntico, com o não sistemático, possibilitaria à consciência estabelecer relação com o irracional contido no pensamento, algo relegado à obscuridade pela tradição moderna.

Tiburi (1995, p.72) afirma que Adorno deve à Benjamin sua concepção sobre o “particular concreto” a partir da compreensão microcósmica e da relação dialética dos fenômenos com a totalidade. O “olhar microscópico” direcionado para objetos e questões triviais do cotidiano foi tomado por Benjamin como preciosa ferramenta de conhecimento filosófico. Seria um meio em que cada particularidade mínima do objeto abordado seria capaz de liberar a significação ampla, dissolvendo a aparência reificada dos conceitos e revelando algo mais que o mero conceito idêntico a si mesmo. O conhecimento liberado por tal procedimento permaneceria aderido ao particular, não sacrificando sua especificidade material em favor de abstrações e generalizações.

Benjamin (1984, p.55) afirmava que a coerência dedutiva da ciência, exaustiva e sem lacunas, não seria de nenhum modo necessária para que a verdade fosse representada, tanto em sua unidade como em suas singularidades. Tal forma fechada de sistematicidade, procedendo exaustivamente e sem lacunas como única forma lógica de relacionar-se com o conceito de verdade, não teria maior relevância do que outras formas de representação que se aproximam da verdade por meios diversos de conhecimentos ou conjuntos de conhecimentos. Paradoxalmente, quanto mais as teorias específicas avançam com base na rigidez metodológica, mais clara transpareceria sua incoerência em face do objeto investigado. Sobre esta questão, podemos relacionar a seguinte afirmação de Adorno em *O ensaio como forma*:

no pleno sentido da palavra, e somente é homem pleno quando joga” (SCHILLER, 1995, p.94). O termo é utilizado por Benjamin em diversas passagens (BENJAMIN, 1985), reaparece em Adorno na *Dialética Negativa* da seguinte forma: “Contra o domínio total do método, a filosofia contém, de maneira corretiva, o momento do jogo, que a tradição de sua cientificização gostaria de eliminar dela” (2009, p.20).

A exigência de continuidade na condução do pensamento tende a prejudicar a coerência do objeto, sua harmonia própria. A exposição continuada estaria em contradição com o caráter antagônico da coisa, enquanto não determinasse a continuidade como sendo, ao mesmo tempo, uma descontinuidade. No ensaio como forma, o que se anuncia de modo inconsciente e distante da teoria é a necessidade de anular, mesmo no procedimento concreto do espírito, as pretensões de completude e de continuidade, já teoricamente superadas. Ao se rebelar esteticamente contra o método mesquinho, cuja única preocupação é não deixar escapar nada, o ensaio obedece a um motivo da crítica epistemológica. (ADORNO, 2003b, p.34).

O autor, durante os debates com Becker sobre as questões de formação e educação, chega a sugerir algumas intervenções no campo da linguagem, objetivando a ruptura com os modelos dominantes de apreensão estética. Partindo do pressuposto que o domínio ideológico seria fundamentado pela imersão dos indivíduos em mecanismos de manipulação, desenvolvidos e aprimorados tecnicamente para fins comerciais, sem nenhum vínculo necessário com o aperfeiçoamento humano, então a tomada de consciência poderia ocorrer a partir do enfrentamento em relação aos veículos que propagam este domínio, sobretudo os meios de comunicação de massa, as modalidades de entretenimento padronizadas, a difusão das informações controladas e os veículos publicitários.

Sobre esse aspecto, um trabalho recente na área de Psicologia e Educação⁴⁹ procurou observar, em termos práticos, as possibilidades deste tipo de intervenção no campo da educação, assim como os mecanismos psicológicos envolvidos no processo. O estudo de campo, realizado em uma escola estadual de São Paulo abordando jovens alunos entre 17 e 18 anos, buscava expor os mecanismos utilizados pelo meio publicitário no sentido de manipular as opiniões e desejos dos consumidores. A princípio, observou-se o interesse dos jovens em aderir ao processo de desvelamento dos mecanismos de manipulação conduzidos pelos meios de comunicação. Contudo, na sequência das dinâmicas propostas, passou-se a observar a intensa manifestação de resistência em relação à continuidade do procedimento. Concluiu-se que a continuidade do trabalho se chocaria com estruturas psicológicas já fundamentadas desde a primeira infância, revelando

⁴⁹ O estudo de Paula Theophilo de Saboia foi realizado em uma escola estadual de São Paulo, abordando estudantes do 3º ano do ensino médio, sendo apresentado como parte da dissertação de mestrado desenvolvida na Faculdade de Educação de São Paulo (FEUSP). (SABOIA, 2009).

mecanismos psicológicos rígidos associados às estruturas sociais voltadas para a manutenção do *status quo*. Tais mecanismos seriam construídos e preservados pela formação do imaginário individual em intenso processo de identificação ao contexto socioeconômico, sustentando a aceitabilidade em relação à manipulação dos desejos inconscientes. Nesse sentido, o estudo concluiu que o processo de educação crítica em relação ao consumo e à publicidade deveria ultrapassar a abordagem meramente instrumental de descortinamento dos mecanismos formais, para envolver atividades que propiciem a autoconsciência e a transformação intra e intersubjetiva, por intermédio, principalmente, da mediação de grupos. (SABÓIA, 2009, p.124-125).

Observamos que Adorno, durante os debates sobre educação, defende a ideia de que o projeto emancipatório seria mais promissor com o investimento intenso na construção da “firmeza do eu” desde a primeira infância, período em que as estruturas cognitivas, psicológicas e sensoriais estão ainda em plena formação. Entretanto, ele incita à reflexão sobre o contexto de permanente mudança, verificado a partir do capitalismo tardio. A emancipação, enquanto conceito, careceria de representações solidamente definidas, já não sendo mais possível postular, de forma absoluta, os seus atributos válidos para o contexto contemporâneo, em constante transformação⁵⁰.

9.2 O ensaio como forma de ruptura crítica

Vemos que as intervenções críticas do autor sobre os temas educacionais envolvem a reflexão sobre diversos campos do conhecimento e da prática social. Tal análise baseia-se na fundamentação teórica fornecida pela tradição filosófica, acrescida do exercício crítico da razão sobre as condições que se modificam continuamente na realidade histórica. Os temas são agrupados em “campos de

⁵⁰ Conferir em *Educação e emancipação* (ADORNO, 2003a, p.180).

força”⁵¹ conceituais, pautados pelo modo ensaístico de análise que prevê rupturas, descontinuidades e mudanças de percurso. No texto *Ensaio como forma* (ADORNO, 2003) publicado em 1958, o gênero ensaístico é analisado para além da questão literária, concebendo-o como modo exemplar e talvez o único adequado ao procedimento crítico. Esta tese justifica retrospectivamente o desenvolvimento anterior de seus escritos, pautados por ensaios em diversas áreas de conhecimento – tais como: música, literatura, sociologia, filosofia - assim como pela presença de rupturas epistemológicas e mudanças de percurso. Estabelece, também, a coerência entre seus primeiros escritos e os textos posteriores de maturidade como a *Dialética negativa* e a *Teoria estética*, em que o estilo assume relevância como estratégia metodológica. Como observa o autor no seguinte trecho em *O ensaio como forma*:

No ensaio, elementos discretamente separados entre si são reunidos em um todo legível; ele não constrói nenhum andaime ou estrutura. Mas, enquanto configuração, os elementos se cristalizam por seu movimento. Essa configuração é um campo de forças, assim como cada formação do espírito, sob o olhar do ensaio, deve se transformar em um campo de forças. [...] O ensaio desafia gentilmente os ideais da *clara et distinctat perceptio* e da certeza livre de dúvida. Ele deveria ser interpretado, em seu conjunto, como um protesto contra as quatro regras estabelecidas pelo *Discours de la méthode* de Descartes, no início da moderna ciência ocidental e de sua teoria. (ADORNO, 2003b, p.31).

Entendemos que, no campo filosófico, Adorno adota o procedimento estilístico mais próximo à ruptura⁵² e à descontinuidade. O estilo ensaístico é utilizado pelo autor desde seus primeiros escritos, correspondendo não apenas à uma escolha

⁵¹ De acordo com Jay (1988, p.16), Adorno faz uso de duas metáforas principais em suas obras, o “campo de força” e a “constelação”, utilizados para indicar o agrupamento de temas e referenciais teóricos. Na primeira das metáforas, o campo de forças, Adorno se referia à relação interacional de atração e aversão, constituindo a estrutura dinâmica em constante transformação dos fenômenos complexos analisados. Na segunda metáfora, oriunda do campo astronômico, a constelação, o filósofo frankfurtiano utilizaria o termo, tomado emprestado de Benjamin, para designar a agregação e justaposição de elementos dinâmicos que resistiriam à redução perante um denominador comum, ou seja, a resistência à simplificação totalizadora.

⁵² Sobre este ponto consideramos as seguintes afirmações de Musse: “A determinação do lugar da expressão no pensamento de Adorno permite compreender melhor tanto seu estilo quanto o caráter peculiar de seus escritos. A exposição paratática, a procura de constelações, a utilização incessante de tropos e quiasmos, a brusca associação de teor coisal e especulativo, bem como a preferência anti-sistêmica por artigos, aforismos, verbetes, palestras, notas, estudos, pequenos escritos, ensaios e modelos; em suma, o caráter fragmentário de sua escrita e de seus textos devem ser considerados como um dos elementos dessa preocupação em suplantar o tom, o estilo e o modo de pensar sistêmico. (MUSSE, 2009, p.135-145).

aleatória, uma vez que aos poucos configurou-se como equivalente à sua postura intelectual e foi sustentada por obras posteriores. Embora o ensaio não corresponda diretamente à manifestação artística, já que essencialmente discorre sobre temas a partir do embasamento conceitual e através da fundamentação lógica, o estilo possibilita a abertura do pensamento ao contato com o não conceitual expresso pela arte.

Duarte (1997, p.77) comenta que o ensaio possui o caráter de denunciar a extirpação da não identidade no seio da linguagem, produzida pela identificação absoluta entre sujeito e objeto. Deste modo, o pensamento seria capaz de se preservar contra a pretensão errônea de eliminar o antagonismo entre esferas distintas, entre o mediato e imediato, entre tese e natureza, evitando subjugar a natural condição de não identidade afirmada pelas condições antagônicas da realidade⁵³. O modo ensaístico estaria de acordo com o procedimento antissistemático, apresentando grande coerência entre o aspecto de crítica ao sistema – tema privilegiado no autor – e a forma adotada para desenvolver tais considerações. Tais ideias aparecem em *O ensaio como forma*, da seguinte maneira:

A objeção corrente contra ele [o ensaio], de que seria fragmentário e contingente, postula por si mesma a totalidade como algo dado, e com isso a identidade entre sujeito e objeto, agindo como se o todo estivesse a seu dispor. O ensaio, porém, não quer procurar o eterno no transitório, nem destilá-lo a partir deste, mas sim eternizar o transitório. A sua fraqueza testemunha a própria não identidade, que ele deve expressar; testemunha o excesso de intenção sobre a coisa, com isso, aquela utopia bloqueada pela divisão do mundo entre o eterno e o transitório. No ensaio enfático, o pensamento se desembaraça da ideia tradicional de verdade. (ADORNO, 2003b, p.27).

É interessante notar que o autor, nas ocasiões de intervenção pública em que debateu questões práticas sobre educação (ADORNO, 2003a), manteve sugestões de modo cauteloso, a título de exemplos pontuais, rapidamente contrapostos às

⁵³ É interessante observar sobre este ponto as afirmações de Montaigne, considerado um dos maiores ensaístas da história filosófica: “É ousadia perigosa e de possíveis consequências sérias, fora mesmo do que tem de temerário e absurdo, desprezar o que não compreendemos. Que após terdes acertado, com vosso julgamento impecável, os limites entre o verdadeiro e o falso, sobrevenham, como é inevitável, fatos inegáveis, ultrapassando ainda mais em sobrenatural os que recusais, e eis-vos obrigado a vos desmentirdes”. (1972, p.95).

ampliações reflexivas sobre o contexto maior em que determinado ponto estaria inserido. O caráter antissistemático, no qual o pensamento é desenvolvido, evidencia sempre o estilo ensaístico de inacabamento, sinalizando para possibilidades de rupturas ou complementos, algo sustentado pelo princípio do ensaio, enquanto ferramenta de resistência crítica aos padrões epistemológicos da tradição filosófico-científica.

Duarte (1997, p.97-99) comenta que o procedimento ensaístico rompe com a fixação paranoica em relação aos conteúdos estabelecidos *a priori* e a precisão conceitual. O cuidado com o “como” da expressão ganharia espaço, apontando para a importância da experiência intelectual, caracterizada pela interação mútua de conceitos com enunciados particulares e o relacionamento com motivos concretos, historicamente engajados. Isso sustentaria a afirmação de Adorno que qualifica o ensaio como o modo crítico por excelência; esse meio de expressão guardaria a possibilidade de ser “cáustico” em relação às próprias teorias e métodos, utilizando da autorreflexão para discutir suas fontes e referências, adotadas de modo temporário para dar conta de determinado problema ou questão. Tal postura seria oposta ao posicionamento ideológico, o qual possui a tendência de enrijecer determinados princípios, postulados como absolutos e atemporais. Sobre esse ponto, o autor afirma em *O ensaio como forma*:

O ensaio exige, ainda mais que o procedimento definidor, a interação recíproca de seus conceitos no processo da experiência intelectual. Nessa experiência, os conceitos não formam um *continuum* de operações, o pensamento não avança em um sentido único; em vez disso, os vários momentos se entrelaçam como num tapete. Da densidade dessa tessitura depende a fecundidade dos pensamentos. O pensador, na verdade, nem sequer pensa, mas sim faz de si mesmo o palco da experiência intelectual, sem desemaranhá-la. Embora o pensamento tradicional também se alimente dos impulsos dessa experiência, ele acaba eliminando, em virtude de sua forma, a memória desse processo. O ensaio, contudo, elege essa experiência como modelo, sem, entretanto, como forma refletida, simplesmente imitá-la; ele a submete à mediação através de sua própria organização conceitual; o ensaio procede, por assim dizer, metodicamente sem método. (ADORNO, 2003b, p.29-30).

Em analogia ao estilo ensaístico, podemos considerar, na história recente, propostas que pretenderam romper com estruturas rigidamente estabelecidas no campo da pedagogia, buscando trazer o reconhecimento sobre o aspecto fragmentário presente na realidade educacional. Como afirma Cambi (1999, p.620-

621), a partir do final da década de 1960, o debate crítico sobre a ideologia educacional fomentou o clima de revisão radical dos princípios pedagógicos. A pedagogia, como saber institucionalizado, começou a ser desmistificada em seu condicionamento e papel ideológicos. Afirmaram-se, em consequência desse processo, alguns modelos tidos como “alternativos”, orientados por princípios e valores outros em relação ao contexto da sociedade burguesa de manipulação ideológica sustentado em tais circunstâncias. Ressaltaram-se as experiências de autogestão na França com Georges Lapassade, assim como as propostas de desescolarização na América Latina e depois na Europa com Ivan Illich e Paulo Freire⁵⁴.

Uma questão pertinente seria a discussão, ainda atual⁵⁵, sobre o conceito de “professor reflexivo”. Zeichner (2008, p.542-548), um dos grandes expoentes sobre o tema, observa que, após o entusiasmo e a ampliação dos debates sobre a formação crítico-reflexiva de docentes nas últimas décadas – algo que representou, a partir da década de 1980, uma grande contribuição para o cenário pedagógico mundial – os discursos produzidos atualmente sobre a questão estariam perdendo um pouco do potencial, imanente ao desenvolvimento desse segmento na área de educação. Atualmente, a ideia do professor reflexivo, enquanto docente que assume, simultaneamente, a tarefa de pesquisar e produzir conhecimento, seria gradativamente invadida por estruturas político-econômicas poderosas, transformando a reflexão docente em ferramenta tácita de controle institucional. Apesar do fundamento crítico, quando tais discursos são sistematizados e cooptados a estruturas totalitárias, perderiam a capacidade de incorporar a análise mais profunda sobre aspectos sociais e políticos em torno das práticas e procedimentos, perdendo assim os pré-requisitos para desafiar as condições reais que impedem a concretização dos objetivos mais nobres na educação.

Podemos, ainda, mencionar o debate contemporâneo sobre o conceito de educação não-formal⁵⁶. Gohn (2013, p.22), pesquisadora desta modalidade no

⁵⁴ Referente à obra dos autores citados, conferir Lapassade (1986), Illich (1985), Freire (2004).

⁵⁵ Conferir Pimenta (2002, p.17-52); Goodson (2007, p. 241-252) e Silva (2000, p.73-102).

⁵⁶ É interessante notar a distinção básica entre a aprendizagem não-formal e informal. A aprendizagem não-formal, embora não conduza a diplomas e qualificações reconhecidas, isso porque é realizada fora dos ambientes institucionalizados, possui objetivos definidos, assim como a delimitação metodológica e o direcionamento consciente. Já a aprendizagem informal, refere-se ao

Brasil, salienta que a educação não-formal estaria situada no horizonte de perspectivas que envolvem a relação da educação com a cultura, o estudo sobre a rede de compartilhamento dos conteúdos, a pesquisa sobre o próprio processo de conhecimento, prevendo a formação ampla dos indivíduos, e não a mera preparação ou instrução destinada à fins imediatos. Nesse contexto, discute-se a aprendizagem como um processo criativo de formação humana, destinado a aquisição de saberes e determinadas habilidades, não limitadas aos rígidos parâmetros institucionais. Semelhante abordagem estaria empenhada em estabelecer resistências, frente aos modelos simplificadores que permanecem na atualidade.

Compreendemos que os diferentes cenários supracitados podem levar à reflexão sobre como seria possível oferecer maior espaço para a ruptura e às descontinuidades, suscitando ocasiões de autorreflexão sobre o domínio ideológico rigidamente estabelecido. Contudo, seria necessário considerar que, em certas ocasiões, o debate em torno de nobres intenções pode, paradoxalmente, suscitar o cultivo de seu contrário, isto é, a oportunidade para a subjugação mais eficiente. A experiência crítica, em seu caráter de oposição e resistência, careceria do engajamento concreto e da consciência histórica. A disposição para a constante autoanálise produz a percepção sobre a efemeridade das condições reais, preservando-se da atitude anacrônica a respeito de determinações temporárias. Por isso, o “pessimismo teórico” do pensamento crítico de Adorno e dos filósofos frankfurtianos pode também, de outro modo, ser interpretado como uma espécie de cautela reflexiva, em face da ânsia pela solidificação de princípios notadamente destinados à corrosão. Talvez, por isso, o autor encerre sua intervenção afirmando do seguinte modo em *Educação e emancipação*:

As tentativas de transformar efetivamente o nosso mundo em um aspecto específico qualquer imediatamente são submetidas à potência avassaladora do existente e parecem condenadas à impotência. Aquele que quer transformar provavelmente só poderá fazê-lo na medida em que converter esta impotência, ela mesma, juntamente com a sua própria impotência, em um momento daquilo que ele pensa e talvez também daquilo que ele faz. (ADORNO, 2003a, p.185).

O caráter fragmentário do estilo e do pensamento adorniano suscitou algumas relações com o desenvolvimento das discussões pós-modernas. Gur-Ze'ev (2006, p.15) afirma que os autores frankfurtianos, embora não tenham abandonado totalmente o projeto da *Bildung*, antecederam o atual discurso pós-moderno, sobretudo ao direcionar sua crítica ao conceito de progresso desenvolvido pelo positivismo epistemológico. Por meio da análise sobre a Indústria Cultural, antecipariam a crítica sobre o imperialismo cultural e as dimensões opressivas do capitalismo globalizado. Haveria neles já a percepção sobre o caráter de invisibilidade no exercício do poder, através do aprimoramento de forças que constroem e controlam a condição de sujeição e manipulação da intersubjetividade.

Zygmunt Bauman, na obra *Modernidade líquida* (2000, p.9-15), descreve a transição da sociedade para o século XXI, destacando o novo aspecto da condição moderna pela metáfora da “liquidez” como característica predominante nas relações deste período. Em contraste com as “sólidas” determinações e valores do século anterior, a sociedade contemporânea seria marcada pela maleabilidade e dependência nas interações, não permitindo que determinadas formas fixas sejam mantidas por muito tempo. A manutenção das condições fluidas se daria imperceptivelmente, através de instrumentos sutilíssimos de controle, já vislumbrados pela crítica sobre a indústria cultural. Entretanto, seria possível observar, na atualidade, a intensificação no processo de identidade dos indivíduos com tais mecanismos, em profunda simbiose com as estruturas postas socialmente.

A discussão sobre o vínculo entre a teoria adorniana e as discussões pós-modernas foi debatido por outros autores tais como: Jay (1988, p.67), Pagni (2006, p.567-587) e Loureiro (2009, p.175-190). Muito embora o desenvolvimento da questão não caiba ao presente estudo, podemos vislumbrar tal campo de investigação como algo ainda não totalmente explorado, necessitando de maior desenvolvimento. O resgate de autores clássicos como Adorno e Horkheimer pode servir para o enriquecimento dos debates atuais, trazendo outras dimensões de profundidade a conceitos pertinentes no processo de reflexão sobre a realidade, desde que elaborados a partir da experiência concreta em que os desafios são vivenciados na atualidade.

Compreendemos que a dimensão estética é apresentada como elemento importante na compreensão da defasagem cultural ocorrida na sociedade burguesa.

Por meio da observação dos padrões estéticos seria possível interpretar as características inerentes ao contexto social contemporâneo. No mesmo sentido, propostas de formação crítica não poderiam estar restritas ao âmbito teórico, ignorando a amplitude da realidade. Seria essencial em tal formação, o envolvimento com a dimensão estética, na medida em que se observam possibilidades de ruptura com os padrões dominantes da sociedade. Adorno, ao privilegiar em suas obras o modo ensaístico, teria buscado a coerência estilística em relação às suas premissas, praticando no plano da reflexão filosófica a ruptura estética por meio da abertura às discontinuidades e rupturas do pensamento, características deste modelo de escrita. Isto fez com que se aproximasse do aspecto fragmentário de reflexão filosófica que seria desenvolvida posteriormente, no contexto da pós-modernidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreendemos que a semiformação seria o produto típico da sociedade no capitalismo tardio, refletindo os mecanismos sutis de domínio afirmados neste contexto. Tal condição teria se fortalecido com o desenvolvimento da indústria cultural, alcançando as grandes massas, antes que estas pudessem se formar para a liberdade intelectual. Adorno, em debate com Becker⁵⁷, ressalva que, para não se aplicar a palavra “emancipação” num sentido meramente retórico, seria necessário considerar seriamente as dificuldades que se opõem à tal concepção no contexto do mundo contemporâneo. O ideal formativo da autonomia tornara-se cada vez mais distante dos indivíduos, mesmo nos meios “privilegiados” em que a cultura intelectual ainda era preservada. De modo geral, a formação cultural (*Bildung*) teria sido absorvida pelo fetichismo da cultura, capaz de transformar todos os elementos sociais e culturais em mercadorias.

Notamos que os objetivos da formação mudam no decorrer da história. A análise crítica exigiria do indivíduo a percepção histórica, considerando as alterações entre uma época e outra, assim como a emergência de imperativos e dificuldades intrínsecas a determinado período. Adorno observa o contexto do capitalismo tardio, em que se impõe a adaptação extrema aos padrões e valores culturais. A submissão aos padrões homogêneos é mais evidente à medida que, opor-se a tais elementos imperativos da realidade torna-se algo desarticulado, provocando estranhamento por parte dos coletivos imersos em tal realidade.

O esforço pela diferenciação seria ainda mais urgente, no contexto em que o envolvimento inconsciente foi naturalizado, produzindo ações de rejeição irrefletidas em relação à elementos distintos dos padrões socialmente aceitos, o que ressalva a tendência à preservação de costumes e hábitos regressivos. A reflexão, em seu caráter de oposição crítica, encontraria dificuldades de se estabelecer na sociedade contemporânea, tendo que enfrentar o contexto de intensa submissão dos indivíduos aos padrões sociais. Propostas criativas e inovadoras que surgem na educação

⁵⁷ Conferir em *Educação e emancipação* (ADORNO, 2003, p. 181-182).

enfrentam como obstáculo a uniformização da cultura. Tal condição estaria vinculada ao processo de domínio ideológico, intensificada no capitalismo tardio pela aparente integração social, capaz de ocultar os antagonismos concretos e a relação do domínio de classes, ainda presente na sociedade.

É interessante perceber a retomada dessa questão por Bauman em *Modernidade Líquida* (2000, p. 12). O autor considera que a atual sociedade de consumidores encorajaria e reforçaria a escolha de um determinado estilo de vida e estratégia existencial essencialmente consumista, rejeitando todas as opções culturais potencialmente alternativas. Descreve uma sociedade, a atual, em que é imperativo aos indivíduos se adaptarem aos preceitos da cultura de consumo, seguindo-os estritamente para todos os fins e propósitos, sendo esta a única escolha socialmente aprovada de maneira incondicional. A atualidade revelaria uma condição de afiliação, em que se determina culturalmente um único estilo de vida como plausível e viável, excluindo-se as demais possibilidades.

Podemos observar a influência de Adorno e da Teoria crítica no cenário da pós-modernidade, em filósofos como Bauman, Foucault e Deleuze. Entretanto, não seria possível simplesmente transpor a crítica adorniana ao contexto da pós-modernidade. Apesar das semelhanças referidas acima, a influência dos filósofos pós-modernos à Adorno e à Teoria Crítica geram ainda algumas questões, talvez pouco exploradas no contexto acadêmico. Por exemplo, Bauman, ao se referir às primeiras décadas do século XX, período em que se situa a maioria das obras dos frankfurtianos, emprega a metáfora da “solidez” como marca característica dessa época. Na transição para o século XXI destaca o novo aspecto da condição moderna, caracterizada pela “liquidez” das relações, em contraste com o período anterior. Como explica na seguinte passagem:

Chegou a vez da liquefação dos padrões de dependência e interação. Eles são agora maleáveis a um ponto que as gerações passadas não experimentaram e nem poderiam imaginar; mas, como todos os fluídos, eles não mantêm a forma por muito tempo. Dar-lhes forma é mais fácil que mantê-los nela. Os sólidos são moldados para sempre. Manter os fluídos em uma forma requer muita atenção, vigilância constante e esforço perpétuo – e mesmo assim o sucesso do esforço é tudo menos inevitável. Seria imprudente negar; ou mesmo subestimar; a profunda mudança que o advento da ‘modernidade fluída’ produziu na condição humana. (BAUMAN, 2000, p.15).

Bauman dialoga com a Teoria Crítica, situando-a esteira da modernidade sólida, sistêmica. O contexto que era alvo dos teóricos críticos também seria, por imersão, o quadro cognitivo do qual produziram suas reflexões. Na “modernidade fluída”, não haveria mais nenhum espaço para se conceber estruturas sólidas, rígidas, mesmo no que tange a princípios e valores formativos, como o próprio ideal da formação cultural (*Bildung*). O projeto emancipatório da razão, pautado pelos princípios do indivíduo autônomo e pela construção da identidade – algo presente ainda nos frankfurtianos – teria que ser revisto em face da fragmentação da realidade, combinada com a tênue interdependência nas relações sociais, e talvez substituído por modelos teóricos que fossem mais adequados à dinâmica fluída da atualidade. Contudo, podemos nos perguntar se, e até que ponto, é correto afirmar que houve uma mudança radical na sociedade, em relação aos padrões do capitalismo tardio, já identificados pela Teoria Crítica. E ainda, se apesar das divergências, não seria possível identificar na compreensão pós-moderna, a preservação de princípios e conceitos já empregados por Adorno e os filósofos frankfurtianos. Como foi dito, essas são questões que mereceriam maior aprofundamento no meio acadêmico.

Almeida et al (2009, p.65) afirmam que o diagnóstico baumaniano sobre a transição da ordem social sólida para a liquidez das relações indica o duro golpe sofrido pela educação escolarizada na atualidade. O processo formativo, antes concebido para moldar os indivíduos de forma durável, “para toda a vida”, agora seria concebido como produto adquirido no mercado, intercambiável e perecível. Os tipos de habilidades exigidos pelo mercado de trabalho não estariam mais de acordo com o conjunto de aprendizagens sistemáticas e de longo prazo, característicos da formação tradicional; em tais circunstâncias, valoriza-se mais a formação profissional em curto prazo, os cursos flexíveis e equipes de aprendizagem autodidatas focados nas múltiplas competências, na flexibilidade e na alta criatividade.

Entendemos que, com a abertura da informação pelos meios de comunicação de massa, a escola teria perdido, gradativamente, o posto de domínio exclusivo sobre as fontes de conhecimento. Tal abertura, intensificada pelo advento da internet e novas tecnologias, produziu a liquidez dos referenciais pedagógicos, anteriormente concentrados no próprio meio escolar. Esta problemática estaria

intimamente ligada à questão, ainda amplamente discutida, sobre a crise da autoridade pedagógica⁵⁸. A diluição da autoridade docente ocorreria em conjunto com a descentralização dos referenciais pedagógicos, acompanhando o surgimento de novas fontes de autoridade externas ao meio pedagógico, oriundas da dinâmica do mercado. A própria validação dos conhecimentos desenvolvidos no meio pedagógico atenderia às definições desta “meta-autoridade”, ou seja, reproduziriam valores e discursos que representam o conjunto da sociedade, sendo em muitos sentidos divergentes em relação aos ideais formativos tradicionais.

Consideramos que a problemática descrita acima, estaria atrelada à discussão de Adorno sobre o predomínio da técnica e da razão instrumental, na cultura contemporânea. Esse quadro social colocaria grandes desafios para a educação na atualidade, à medida que restringe a amplitude das manifestações humanas a uma única direção, restrita ao plano lógico instrumental e dedicado às relações de mercado. Destarte, a formatação dos bens culturais para a difusão em larga escala, cuja reprodução seria pautada por determinações da lógica de mercado, moldaria os ambientes pedagógicos, de forma imperceptível e imperativa, influenciando decisivamente no processo formativo dos indivíduos. Assim, o planejamento pedagógico destinado à formação crítica, necessitaria considerar o contexto extrapedagógico, enquanto aspecto importante no processo de formação, estabelecendo expedientes em que os mecanismos de manipulação sejam trazidos à tona pela análise crítica.

Concluimos, a partir da discussão do autor sobre as questões educacionais, que a chamada crise da educação contemporânea corresponde à crise mais ampla no processo formativo da sociedade burguesa. A análise sobre tal contexto, definido por Adorno como semicultura, dependeria da compreensão ampla sobre as relações envolvendo a “constelação” conceitual, referente aos aspectos variados e antagônicos que compõem a realidade social. A educação, enquanto aspecto inserido no contexto amplo da formação (ou semiformação) socializada pode servir, por conseguinte, tanto a um objetivo quanto a outro, isto é, pode ser utilizado como meio para a difusão da resistência, formulando expedientes de ruptura que permitam a análise mais profunda sobre as condições sociais, como pode servir no sentido

⁵⁸ Sobre o tema, conferir MONTEIRO e SCHILLING (2013, p.235-259) e LIMA (2009, p.111-119).

contrário, para sustentar e manter a ordem estabelecida, utilizando-se de ideais e objetivos ideológicos, já esvaziados de potencial transformador.

Caberia então, aos indivíduos dedicados à educação, a constante análise histórica e objetiva sobre as condições que se apresentam, procurando inferir as possibilidades e impedimentos a partir da experiência concreta. Para isso, seria necessário que a fundamentação teórico-reflexiva estivesse presente de maneira efetiva na formação dos educadores, o que serviria para promover a compreensão mais ampla sobre o contexto educacional, enquanto aspecto inserido na cultura. Tal atitude crítico-reflexiva seria um meio promissor de difundir, por intermédio do método exemplar, a capacidade de abertura crítica em face da realidade, inspirando na formação dos indivíduos a interpretação ampla sobre os problemas, assim como a elaboração de alternativas viáveis para as questões que afetam a sociedade.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T. W. O fetichismo na música e a regressão da audição (1938). In: **Os pensadores**: textos escolhidos. Trad. Luiz João Baraúna. São Paulo: Nova Cultural, 1983. p. 65-108.

_____. **Teoria Estética** (1970). Lisboa: Edições 70, 1992.

_____. Teoria da semicultura (1959). **Educação e sociedade**, Campinas, ano XVII, n. 56, dez. 1996.

_____. O que significa elaborar o passado. In: _____. **Educação e Emancipação** (1970). São Paulo: Editora Paz e Terra, 2003a. p.29-50.

_____. Televisão e formação. In: _____. **Educação e Emancipação** (1970). São Paulo: Editora Paz e Terra, 2003a. p. 75-96.

_____. Educação após Auschwitz. In: _____. **Educação e Emancipação** (1970). São Paulo: Editora Paz e Terra, 2003a. p. 119-138.

_____. Educação – para quê? In: _____. **Educação e Emancipação** (1970). São Paulo: Editora Paz e Terra, 2003a. p. 139-154.

_____. A educação contra a barbárie. In: _____. **Educação e Emancipação** (1970). São Paulo: Editora Paz e Terra, 2003a. p. 155-168.

_____. Educação e emancipação. In: _____. **Educação e Emancipação** (1970). São Paulo: Editora Paz e Terra, 2003a. p. 1169-186.

_____. O ensaio como forma. In: _____. **Notas de Literatura I** (1958). Rio de Janeiro: Editora 34, 2003b. p. 15-45.

_____. Teoria de la pseudocultura. In: _____. **Escritos sociológicos I** (1972). Obra completa. Trad. Agustín González Ruiz. Madrid – España: Akal Ediciones, 2004. p. 86-113.

_____. Cultura y administración. In: _____. **Escritos sociológicos I** (1972). Obra completa. Trad. Agustín González Ruiz. Madrid – España: Akal Ediciones, 2004. p. 114-136.

_____. **Filosofia da Nova Música** (1949). 3. ed. São Paulo: Editora Perspectiva S.A, 2007.

_____. **Mínima Moralía. Reflexões a partir da vida danificada** (1951). Rio de Janeiro: Editora Beco do Azougue, 2008.

_____. **Dialética Negativa** (1966). Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2009.

ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento** (1947). Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1985.

ALMEIDA, J. Nota do tradutor. In: ADORNO, T, W; HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento** (1947). Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1985.

ALMEIDA, F. Q; GOMES, I. M; BRACHT, V. **Bauman e a Educação**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2009.

BANDEIRA, B.S; OLIVEIRA, A.R. Formação cultural e semiformação: contribuições de Theodor Adorno para pensar a educação hoje. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 35, p. 225-232, mai./ago. 2012.

BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2000.

_____. **Vida para consumo**. A transformação das pessoas em mercadoria. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2008.

BENJAMIN, W. **Obras escolhidas**. Magia e técnica, arte e política. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

_____. **Origem do drama barroco alemão**. 11. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.

BUENO, S.F. Educação, paranoia e semiformação. **Educação em Revista**. Belo Horizonte, v. 26, n. 2, p. 299-316, ago. 2010.

BOURDIEU, P. **Escritos de Educação**. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.

CAMBI, F. **História da Pedagogia**. São Paulo: Editora Unesp, 1999.

CHAUÍ, M. S. **O que é Ideologia?** São Paulo: Editora Brasiliense, 1990.

_____. **Convite à filosofia**. 13. ed. São Paulo: Editora Ática, 2008.

CROCHIK, J. L. A Personalidade Narcisista segundo a Escola de Frankfurt e a Ideologia da Racionalidade Tecnológica. **Psicologia – USP**. São Paulo, v. 1, n. 2. p. 141-154, 1990.

CROCCO, F. L. T. Indústria Cultural: Ideologia, Consumo e Semiformação. **Revista de Economía Política de las Tecnologías de la Información y Comunicación**. v. XI, n. 1, enero/abril, 2009. Disponível em <[http:// www.eptic.com.br](http://www.eptic.com.br)>. Acesso em: 11 Mai. 2015.

DUARTE, R. **Nove ensaios sobre o filósofo frankfurtiano**. Belo Horizonte: Editora UFMG ,1997.

_____. Esquematismo e semiformação. **Educação e Sociedade**. Campinas v. 24, n. 83, p. 441-457, ago. 2003.

ELIAS, N. **O processo civilizador**. Vol I: Uma História dos costumes. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1990.

FABIANO, L. H. Indústria cultural e educação estética: Reeducar os sentidos e o gesto histórico. In: Zuin, A. A.; Pucci, B; Ramos-de-Oliveira, N. **A educação danificada: Contribuições à Teoria Crítica da Educação**. 2. ed. Petrópolis: Editora Vozes, ,1998.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 39. ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2004.

FREUD, S. (1914). **Recordar, repetir e elaborar**. Rio de Janeiro: Imago, 1974a. (ESB, 12). p. 193-207.

_____. (1921). **Psicologia de grupo e a análise do ego**. Rio de Janeiro: Imago, 1974b. (ESB,18). p. 89-179.

_____. (1930 [1929]). **O mal-estar na civilização**. Rio de Janeiro: Imago, 1974c. (ESB, 21). p. 81-171.

GAGNEBIN, J. M. **Lembrar escrever esquecer**. São Paulo: Editora 34 Ltda, 2006.

GOHN, M.G. Aprendizagens em Pedagogias Alternativas: Movimentos Sociais. **Desigualdade & Diversidade – Revista de Ciências Sociais da PUC – Rio**. Edição dupla, n. 12, jan./dez. 2013, p.13-17.
Disponível em: <<http://desigualdadediversidade.soc.puc-rio.br/media>> Acesso em 14 Jul. 2015.

_____. **Educação não-formal e cultura política**. São Paulo: Editora Cortez, 2005.

GOODSON, I. Currículo, narrativa e o futuro social. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, v. 13, n. 35, p. 241-252, mai./ago. 2007.

GUR-ZE'EV, I. A Bildung e a Teoria Crítica na era da educação pós-moderna. **Linhas Críticas**, v.12, n. 22, p. 5-22, Brasília jan./jun. 2006.

HARLAND, M.B.A. **Collins GEM Dictionary**. Collins Clear-Type Press, London, ENG, 1986.

ILLICH, I. **Sociedade sem escolas**. 7. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1985.

JAY, M. **As ideias de Adorno**. São Paulo: Editora Cultrix – Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

JAEHN, L. Semiformação e formação cultural. **ETD – Educação Temática Digital**, Campinas, v. 10, n. 1, p. 114-132, dez. 2008.

KANT, I. Resposta à pergunta: Que é “Esclarecimento”? In: **Textos Seletos**. Petrópolis: Editora Vozes, 2005, p. 63-70.

KUPERMANN, D. A via sensível da elaboração. **Caminhos da clínica psicanalítica. Cadernos de Psicanálise – CPRJ**, Rio de Janeiro ano 32, n. 23, p. 31-45, 2010.

LASTÓRIA, L. A. C. N. Ethos sem Ética: A perspectiva crítica de T. W. Adorno e M. Horkheimer. **Educação & Sociedade**, ano XXII, n. 76, Out. 2001.

LAPASSADE, G. **Autogestión Pedagógica: Un sistema en el cual los educandos deciden en que consiste su formación y la dirigen**. Gedisa, Barcelona, Spain, 1986.

LIMA, R. O declínio da autoridade: efeitos na família e na escola. **Revista Espaço Acadêmico**. Ano IX, n. 109, p. 111-119.

Disponível em: <http://veja.abril.com.br/idade/exclusivo/051005/pesquisas.doc>. Acesso em: 3 Fev. 2015.

LOUREIRO, R. A aversão à teoria e indigência da prática: Crítica a partir da filosofia de Adorno. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 28, n. 99, p. 522-541, mai./ago. 2007.

_____. Considerações sobre a filosofia de Theodor Adorno e o pós-moderno. **Revista Educação e Realidade**, São Paulo, v. 34, n. 1, p. 175-190, jan./abr. 2009.

LUKÁCS, G. **História e Consciência de Classe**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2003.

MAAR, W.L. Adorno, semiformação e Educação. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 24, n. 83, p. 459-476, ago. 2003a.

_____. À guisa de introdução: Adorno e a experiência formativa. In: **ADORNO, T.W. Educação e Emancipação**. São Paulo: Paz e Terra. 2003b. p.11-28.

MARCUSE, H. **A ideologia da sociedade industrial**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1973.

MARX, K. **O Capital**. São Paulo: Editora Abril Cultural, 1983.

MARX, K; ENGELS, F. **A ideologia alemã**. São Paulo: Ed. Martins Fontes. 2008.

MATOS, O. C. F. *Ethos* e amizade: A morada do homem. **Psicanálise e cultura**, São Paulo, 31(46), 75-79. 2008.

MÉSZÁROS, I. **A teoria da alienação em Marx**. São Paulo: Ed. Boitempo. 2006.

MONTAIGNE, M. Ensaaios. In: Coleção **Os pensadores**, Vol XI. Trad. Sérgio Milliet. São Paulo: Editor Abril Cultural S.A, 1972.

MONTEIRO, L.P.; SCHILLING, F.I. "A autoridade conselheira" e a família em crise: como educar? **Revista Inter-Ação**, Goiânia, v. 38, n. 1, p. 235-259, jan./abr. 2013.

MUSSE, R. Theodor Adorno: Filosofia de conteúdos e modelos críticos. **Revista Transformação**, São Paulo, 32 (2), p.135-145. 2009.

_____. Experiência individual e objetividade em Minima moralia. **Tempo Social, revista de sociologia da USP**, São Paulo: v. 23, n. 1, p. 168-177, jul. 2011.

NIETZSCHE, P. **Obras incompletas**. São Paulo: Editora Abril Cultural, 1983.

_____. **Escritos sobre Educação**. Rio de Janeiro: Editora PUC Rio, 2004.

OLIVEIRA, A. E; ZUIN, A. A. S. Alunos e professores no Orkut: a educação escolar arena ciberespacial. **Linhas Críticas**, Brasília, v. 17, n. 34, p. 561-582, set./dez. 2011.

PAGNI, P. A. Da polêmica sobre a pós-modernidade aos 'desafios' lyotardianos à Filosofia da Educação. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 32, n. 3, p. 567-587, set./dez. 2006.

PIMENTA, S. G. Professor reflexivo: construindo uma crítica. In: _____; GHEDIN, E. (Orgs.). **Professor reflexivo no Brasil: gênero e crítica de um conceito**. São Paulo: Cortez, 2002. p. 17-52.

PUCCI, B. (Org.) **Teoria Crítica e Educação: A questão da formação cultural na Escola de Frankfurt**. Petrópolis: Editora Vozes, 1994.

PUCCI, B; ZUIN, A. A; OLIVEIRA, A. E. **Filosofia negativa e educação**: Adorno. Filosofia, Sociedade e Educação, 1997. Disponível em: <unimep.br>. Acesso em: 12 Mai. 2015.

RAMOS-DE-OLIVEIRA, N. Do ato de ensinar numa sociedade administrada. **Educação e Sociedade**, Campinas, ano XXI, n. 54, ago. 2001.

RINGER, F.K. **O declínio dos mandarins alemães**. São Paulo: Editora Edusp, 2000.

SABÓIA, P.T. **Dilemas da desconstrução** - a educação crítica diante dos apelos de consumo da indústria cultural: entre questionar a lógica e subtrair o que se gosta sob o capitalismo tardio. 2009. 158 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2009.

SCHILLER, F. **A educação estética do homem**. Trad. Roberto Schwarz e Márcio Suzuki. 3. ed. São Paulo: Editora Iluminuras, 1995.

SCHWEPPENHÄUSER. G. A filosofia moral negativa de Theodor W. Adorno. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 24, n. 83, p. 391-415, ago. 2003.

SEVERINO, A. J. A busca do sentido da formação humana: tarefa da Filosofia da Educação. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 32, n. 3, p. 619-634, set./dez. 2006.

SILVA. A. S. Auschwitz e a interrupção da poesia ou uma crítica imanente da barbárie contemporânea. **Impulso**, Piracicaba, 23(58), 69-79, out./dez. 2013.

SILVA, T. T. A produção social da identidade e da diferença. In: _____. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Editora Vozes, 2000. p. 73-102.

TIBURI, M. **Crítica da razão e mimesis no pensamento de Theodor W. Adorno**. Porto Alegre: Editora EDIPUCRS, 1995.

VILELA, R. A. T. Críticas e possibilidades da educação e da escola na contemporaneidade: lições de Theodor Adorno para o currículo. **Educação em Revista**, v. 45. p. 223-248. Belo Horizonte, MG, jun. 2007.

WEBER, M. **Economia e Sociedade**. V.2 Brasília: Editora UnB, 2009.

ZEICHNER, K. M. Uma análise crítica sobre a “reflexão” como conceito estruturante na formação docente. **Educação e Pesquisa**, Campinas, v. 29, n. 103, p. 535-554, mai./ago. 2008.

ZUIN, A. A. **Indústria cultural e educação**. O novo canto da sereia. Campinas: Editora Autores associados, 1999.

_____. Sobre a atualidade do conceito de indústria cultural. **Educação e Sociedade**, Campinas, ano XXI, n. 54, ago. 2001.

_____. Indústria cultural e semiformação: A atualidade da educação após Auschwitz. **Educação e Filosofia**, Uberlândia, v. 25, n. 50, p. 607-634, jul./dez. 2011.